ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

EDUARDO DA CRUZ OLIVEIRA

A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA NORTE-AMERICANA NA ESAO

RIO DE JANEIRO

2017

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

EDUARDO DA CRUZ OLIVEIRA

A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA NORTE-AMERICANA NA ESAO

Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Militares.

Orientador: Tenente-Coronel Sérgio Luiz Augusto de **Andrade**

RIO DE JANEIRO

2017

Cap Art EDUARDO DA CRUZ OLIVEIRA

A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA NORTE-AMERICANA NA ESAO

Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Militares.

Aprovado em de de 2017.

Banca Examinadora

_____
ANDRÉ CEZAR SIQUEIRA – Cel
Doutor em Ciências Militares
Presidente/EsAO

_____
FERNANDO RODRIGUES DA SILVA
Pós Doutor em História
1º membro/EsAO

_____
SÉRGIO LUIZ AUGUSTO DE ANDRADE – Ten Cel
Doutor em Matemática
2º membro/EsAO

À Deus, razão da minha vida, e a seu filho Jesus Cristo, nosso salvador. À minha esposa Aline, eterna companheira, a nossa filha Micaela, a quem amo e a meus pais, sem os quais eu não existiria. Rendo uma homenagem a vocês por tudo de bom que me proporcionam!

AGRADECIMENTOS

Ao Deus criador de todas as coisas, por me dar vida, saúde, paz e condições para que eu possa trabalhar e alcançar meus objetivos.

À minha esposa Aline e à nossa filha Micaela, pela paciência e compreensão diante das minhas longas horas dedicadas à pesquisa e aos estudos.

Aos meus pais por sempre acreditarem em meu potencial e por sempre estarem presentes quando eu preciso.

Ao meu orientador, Tenente-Coronel Andrade, pelas orientações e pelo apoio prestado no decorrer da trajetória.

Ao Coronel André, da SPG da EsAO, por acreditar em meu potencial e sempre partilhar palavras de motivação.

RESUMO

No presente trabalho, buscou-se analisar a influência da doutrina militar norte-americana na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), de meados de 1930 a 1970. Para alcançar os objetivos propostos, essa dissertação foi desenvolvida de maio de 2016 a setembro de 2017, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, empregando-se o método de leitura exploratória e seletiva do material pesquisado e realizando-se uma revisão integrativa do mesmo. Num primeiro momento, tendo em vista que a EsAO é uma das principais escolas do Exército Brasileiro, foi necessária a compreensão geral sobre como a doutrina norte-americana influenciou o Exército Brasileiro para então se chegar ao entendimento de como se deu essa influência na EsAO. Com isso, houve a necessidade de se conhecer melhor aspectos sobre as relações político-militares brasileiras a partir do início do século XX, enfatizando as relações com os EUA. Foi necessário também o entendimento sobre conceitos como pensamento militar e doutrina militar. Além disso, estudaram-se aspectos sobre a doutrina militar brasileira, sobre a doutrina militar norte-americana e sobre os registros históricos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Como resultado da pesquisa, constatou-se que entre 1919 e 1940 predominou a influência da doutrina militar francesa sobre o exército e, consequentemente, sobre a EsAO. A partir de meados da década de 1930 teve início a influência da doutrina militar norte-americana, particularmente com a chegada da Missão Militar Americana, em 1934. Durante a década de 1940, com a intensificação das relações político-militares entre Brasil e EUA, a influência norte-americana atingiu o seu apogeu e suas características tornaram-se evidentes tanto no exército como um todo quanto na EsAO. Nas décadas de 1950 e 1960 a influência permaneceu, porém em menor intensidade do que na década de 1940. A partir do final da década de 1960 a influência estadunidense começou diminuir, tendo em vista que o governo brasileiro passou a buscar o desenvolvimento de uma doutrina militar própria.

Palavras-chave: Doutrina militar norte-americana. Doutrina militar brasileira. EsAO.

RESUMEN

En el presente trabajo, se buscó analizar la influencia de la doctrina militar norteamericana en la Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), desde mediados de 1930 hasta 1970. Para alcanzar los objetivos propuestos, esta disertación fue desarrollada de mayo de 2016 a septiembre de 2017 por medio de una investigación bibliográfica y documental, empleándose el método de lectura exploratoria y selectiva del material investigado y realizándose una revisión integrativa del mismo. En un primer momento, teniendo en vista que la EsAO es una de las principales escuelas del Ejército Brasileño, fue necesaria la comprensión general sobre cómo la doctrina norteamericana influenció al Ejército Brasileño para entonces llegar al entendimiento de cómo se dio esa influencia en la EsAO. Con eso, hubo la necesidad de conocer mejor aspectos sobre las relaciones político-militares brasileñas a partir del inicio del siglo XX, enfatizando las relaciones con los Estados Unidos. Fue necesario también el entendimiento sobre conceptos como pensamiento militar y doctrina militar. Además, se estudiaron aspectos sobre la doctrina militar brasileña, sobre la doctrina militar norteamericana y sobre los registros históricos de la Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Como resultado de la investigación, se constató que entre 1919 y 1940 predominó la influencia de la doctrina militar francesa sobre el Ejército y, consecuentemente, sobre la EsAO. A partir de mediados de la década de 1930 comenzó la influencia de la doctrina militar norteamericana, particularmente con la llegada de la Misión Militar Americana. Durante la década de 1940, con la intensificación de las relaciones político-militares entre Brasil y Estados Unidos, la influencia norteamericana alcanzó su apogeo y sus características se tornaron evidentes tanto en el Ejército como un todo como en la EsAO. En las décadas de 1950 y 1960 la influencia permaneció, pero en menor intensidad que en la década de 1940. A partir de finales de la década de 1960 la influencia estadounidense empezó a disminuir, teniendo en vista que el gobierno brasileño pasó a buscar el desarrollo de una doctrina militar propia.

Palabras clave: Doctrina militar norteamericana. Doctrina militar brasileña. EsAO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Chegada da Família Real Portuguesa..... 15

Figura 2 - Missão Militar Alemã – Jovens turcos, 1908..... 18

Figura 3 – Escola de Aperfeiçoamento de oficiais em 1924..... 18

Figura 4 - Encouraçado norte-americano USS Montana – Rio de Janeiro, 1922..... 29

Figura 5 - Bolivianos sob o comando do Marechal Hans Kundt (Guerra do Chaco) 31

Figura 6 - Reunião da Comissão Militar Mista Brasil - Estados Unidos (1944) 34

Figura 7 - Desembarque Americano no norte da África (1943)..... 35

Figura 8 - Gen Estevão Leitão de Carvalho (no centro da figura) nos EUA (1943)..... 37

Figura 9 - Churchill, Roosevelt e Stálin (da esquerda para direita), Conferência de Yalta (1945) 39

Figura 10 - Escola Superior de Guerra (1949) 42

Figura 11 - Militares brasileiros na República Dominicana (1965) 44

Figura 12 - Armamentos empregados a partir da década de 1820..... 47

Figura 13 - Modelos de uniformes utilizados pelas tropas e Infantaria..... 48

Figura 14 - Escola Militar do Realengo..... 54

Figura 15 - Missão Aché, 1918..... 55

.

Figura 16 - Missão Médica Brasileira, 1919..... 56

Figura 17 - Missão Militar Francesa, 1920..... 57

Figura 18 - Missão Militar Americana, 1934..... 58

Figura 19 - Partida do 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira..... 59

Figura 20 - Cordeiro de Farias, Zenóbio da Costa, Mascarenhas de Morais e Falconiére da Cunha (da esquerda para direita), 1944. Itália..... 60

Figura 21 - Reorganização do Exército a base de brigadas..... 62

Figura 22 - General George Catlett Marshall (1880–1959)..... 70

Figura 23 - Manobras norte-americanas organizadas pelo Gen Marshall, 1940..... 71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução doutrinária norte-americana em 1940..... 73

Quadro 2 – Evolução doutrinária norte-americana em 1942..... 76

Quadro 3 – Definição operacional da variável independente..... 105

Quadro 4 – Definição operacional da variável dependente..... 106

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 – Estruturação do Exército Brasileiro no final do século XIX... 50

Organograma 2 – Estruturação do Exército Brasileiro no final do século XIX... 51

Organograma 3 – Estruturação das divisões de infantaria em 1940..... 75

Organograma 4 – Estruturação da artilharia divisionária em 1940..... 75

Organograma 5 – Estruturação dos regimentos de infantaria em 1940..... 76

Organograma 6 – Divisão de infantaria em 1942..... 78

Organograma 7 – Artilharia divisionária em 1942..... 78

Organograma 8 – Regimento de infantaria em 1942..... 79

LISTA DE ABREVIATURAS

Academia Militar das Agulhas Negras	AMAN
Anticarro	AC
Artilharia Divisionária	AD
Autopropulsado	AP
Batalhão	Btl
Bateria	Bia
Comissão Militar Mista Brasil-EUA	CMMBEU
Companhia	Cia
Destacamento	Dst
Divisão de Infantaria	DI
Escola das Armas	E.Arm
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais	EAO (até a década de 1950)
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais	EsAO (a partir da década de 1950)
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	ECEME
Escola de Estado-Maior	EEM
Estado-Maior do Exército	EME
Escola Superior de Guerra	ESG
Exército Brasileiro	EB
Força Aérea Brasileira	FAB
Força Expedicionária Brasileira	FEB
Fuzileiro	Fzo
General	Gen
Grupo de artilharia de campanha	GAC
Marechal	Mal
Missão Militar Americana	MMA
Missão Militar Francesa	MMF
Regimento de infantaria	RI

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 15

1.1 PROBLEMA..... 21

1.1.1 Antecedentes do problema..... 21

1.1.2 Formulação do problema..... 22

1.2 OBJETIVOS..... 23

1.2.1 Objetivo geral..... 23

1.2.2 Objetivos específicos..... 23

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO..... 24

1.4 JUSTIFICATIVA..... 24

2 REVISÃO DE LITERATURA..... 26

2.1 AS RELAÇÕES POLÍTICO-MILITARES ENTRE BRASIL E EUA DA 1ª GUERRA MUNDIAL ATÉ 1970..... 27

2.1.1 Período entre as Guerras Mundiais 28

2.1.2 Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)..... 30

2.1.2.1 As Comissões Conjuntas envolvendo Brasil e Estados Unidos da América..... 36

2.1.3 Do pós-guerra a 1970 39

2.2 CONCEITUAÇÃO DE PENSAMENTO MILITAR E DOUTRINA MILITAR..... 45

2.3 CARACTERÍSTICAS DA DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX, ATÉ A DÉCADA DE 1960..... 46

2.3.1 A doutrina militar brasileira até 1850..... 46

2.3.2 A doutrina militar brasileira na segunda metade do século XIX..... 48

2.3.3 A doutrina militar brasileira do início do século XX até a década de 1960..... 51

2.3.3.1 Até o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)..... 51

2.3.3.2 A Força Expedicionária Brasileira..... 58

2.3.3.3 A partir da Segunda Guerra Mundial até a década de 1960..... 61

2.4 A DOUTRINA MILITAR NORTE-AMERICANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX..... 63

2.4.1 As duas primeiras décadas do século XX..... 64

2.4.2 A redução do efetivo militar..... 65

2.4.3 O emprego militar das tropas no pós-guerra...... 66

2.4.4 A reorganização das tropas militares..... 66

2.4.4.1 O Ato de Defesa Nacional..... 66

2.4.4.2 A influência do general Pershing 68

2.4.4.3 A valorização do ensino militar no pós-guerra..... 68

2.4.5 As reformas do general Marshall..... 70

2.4.6 A evolução doutrinária das divisões norte-americanas a partir de 1940..... 72

2.5 FATOS MARCANTES NA HISTÓRIA DA ESAO..... 80

2.5.1 Registros históricos relevantes sobre a EsAO, da sua fundação até 1970..... 81

2.5.1.1 De 1919 até o final da década de1920..... 81

2.5.1.2 Década de 1930..... 85

2.5.1.3 Década de 1940..... 87

2.5.1.4 Década de 1950..... 96

2.5.1.5 Década de 1960..... 100

3 METODOLOGIA..... 104

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO..... 104

3.1.1 Definição conceitual das variáveis..... 104

3.1.2 Definição operacional das variáveis..... 105

3.2 DELINEAMENTO DE PESQUISA..... 106

3.2.1 Procedimentos para a revisão da literatura..... 108

3.2.2 Procedimentos metodológicos..... 109

3.2.3 Instrumentos..... 110

3.2.3.1 Coleta documental..... 110

3.2.3.2 Análise de conteúdo..... 110

3.2.4 Análise dos dados..... 111

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 112

4.1 VARIÁVEL INDEPENDENTE..... 112

4.1.1 Intercâmbio entre os Exércitos do Brasil e dos Estados Unidos da América..... 113

4.1.1.1 Ações político-militares estabelecidas entre os governos dos dois países..... 113

4.1.1.2 Missão Militar Americana..... 115

4.1.1.3 Envio de militares brasileiros aos EUA..... 117

4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE..... 119

4.2.1 Mudanças na estrutura organizacional e no ensino da EsAO..... 120

4.2.1.1 Mudanças ocorridas em manuais escolares..... 120

4.2.1.2 Surgimento de Normas Internas..... 121

4.2.1.3 Documentos produzidos..... 122

4.2.1.4 Mudanças na instrução..... 123

4.2.1.5 Ensinamentos adquiridos..... 125

4.2.1.6 Aquisição e emprego de novos materiais de emprego militar..... 127

5 CONCLUSÃO..... 129

REFERÊNCIAS..... 133

1 INTRODUÇÃO

Quando se analisa a história da Força Terrestre brasileira, percebe-se que desde as suas origens, em determinados momentos históricos, ela recebeu influencias estrangeiras que proporcionaram transformações de grande relevância em sua constituição.

Nos seus primórdios, antes mesmo da ideia de um exército nacional, a influência portuguesa foi predominante e moldou as principais características dos primeiros contingentes que defenderam o solo nacional contra invasores franceses, espanhóis, ingleses e holandeses ao longo do Período Colonial.

Com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, em 1808, ocorreram importantes transformações que vieram a gerar repercussões nas forças militares presentes na Colônia:

> Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1808, uma das preocupações de D. João foi com a defesa da colônia. Várias providências foram sendo tomadas para o fortalecimento do militar. Aos poucos, foi sendo criado o Exército do Brasil, que durou até 1822, com a Independência, quando passou a ser Exército Brasileiro. (PAULA, 2009, p.127.)

Figura 1 – Chegada da Família Real Portuguesa, 1808
Fonte: http://alegriad.blogspot.com.br

Até a proclamação da República, o Exército Brasileiro continuou sendo primordialmente influenciado pelas doutrinas e práticas militares portuguesas. Entretanto, aos poucos, diante do enfrentamento de uma série de conflitos internos e

externos, o exército passou a conjugar as influências portuguesas com o desenvolvimento de práticas militares próprias.

Dentre esses conflitos pode-se citar a Confederação do Equador, em 1824, a Cabanagem, entre 1835 e 1840, a Sabinada, entre 1837 e 1838, a Balaiada, entre 1838 e 1841, a Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, a Revolução Praieira, entre 1848 e 1849, a Guerra da Cisplatina, entre 1825 e 1828, a Campanha contra Oribe e Rosas, entre 1851 e 1852, e a Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870.

Ainda no século XIX, ocorreram importantes transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil que culminaram com a Proclamação da República. Dentre elas, pode-se destacar o movimento denominado Positivismo. Por volta de 1850, as ideias positivistas começaram a chegar ao Brasil, por meio de estudantes que foram para a França aprofundar seus estudos e lá tiveram conhecimento das teorias defendidas por Auguste Comte (1798-1857).

Essas novas ideias influenciaram sobremaneira a sociedade brasileira, seja culturalmente, em movimentos literários, por meio de autores como Aluísio de Azevedo e Raul Pompéia, seja politicamente, contribuindo para o desenvolvimento do Estado Laico, para a Abolição da Escravatura e até mesmo para a Proclamação da República.

No que tange ao contexto militar, um dos principais defensores do Positivismo no Brasil, Benjamin Constant (1833-1891), foi professor da Escola Politécnica e da Escola Militar, estabelecimentos de ensino que eram responsáveis pela formação dos militares da época em questão. Segundo Andrade e Piva[1]:

> Benjamin Constant [...] exerceu marcada influência sobre seus alunos, que o viam como um modelo moral a ser seguido e um exemplo de homem da modernidade científica [...] o positivismo entrou nessas escolas e os alunos receberam bem esta ideologia e passaram a funcionar como centros irradiadores das ideias [...].

Com isso, muitos oficiais brasileiros aderiram à nova corrente filosófica positiva e, a partir daí, passaram a organizar as escolas militares e a doutrina sob esses novos conceitos, espalhando sua influência por toda a corporação. [...] o positivismo apresentava uma alternativa para o papel social e político dos militares

---

[1] http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Sergio%20Luiz.pdf acesso em 21 de março de 2017.

ao propor, na ausência de uma identidade profissional, uma identidade política: a doutrina do soldado-cidadão[2]. (MORAES, 1987, p. 30).

Todas essas mudanças conjunturais geraram uma série de alterações na sociedade brasileira e também influenciaram significativamente em importantes transformações na organização estrutural do Exército Brasileiro, que se viu obrigado a se adaptar aquela nova realidade que surgia. Conforme afirma Costa:

> Com a proclamação da República, em 1889, o Exército Brasileiro se viu obrigado a reorganizar-se e modernizar-se institucionalmente, a fim de se adequar aos desafios que viriam em razão do novo regime. Neste sentido, a Lei nº 403, de 24 de outubro de 1896, criou o Estado-Maior do Exército (EME) e a Intendência Geral da Guerra. (2006, p.63)

Já a passagem do século XIX para o século XX foi marcada pela grande evolução da arte da guerra e do pensamento militar, fruto do grande desenvolvimento tecnológico dos armamentos, equipamentos e da logística que teve início no século XIX e se estende até os dias atuais.

Diante desse quadro, as lideranças militares brasileiras buscaram estar a par dos avanços tecnológicos atingidos pelas principais potências mundiais da época e procuraram formas para alcançar um adequado aperfeiçoamento das forças nacionais.

Nesse sentido, nos anos de 1906,1908 e 1910, o Exército Brasileiro, visando o aperfeiçoamento dos quadros oficiais, designou três turmas de oficiais para realizarem um estágio no Exército alemão em missão de estudo. Esses jovens oficiais ficaram conhecidos como “jovens turcos”.

Outras medidas adotadas foram a contratação da Missão Militar Francesa (MMF), em 1919, a contratação da Missão Cartográfica Imperial Militar Austríaca, em 1920, e mais tarde a contratação da Missão Militar Americana (MMA), em 1934, que viriam a remodelar a prática do ensino militar brasileiro. Com isso, os militares brasileiros passaram a receber novas influências estrangeiras que viriam a produzir profundas mudanças em toda a sua estrutura.

---

[2] Ideia desenvolvida nas últimas décadas do século XIX, durante a chamada Questão Militar. Seu objetivo era enfraquecer o governo imperial por meio do estímulo de uma intervenção militar na política.

Figura 2 - Missão Militar Alemã – Jovens turcos , 1908
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Nesse contexto de transformações, surgiu a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), instituição criada pelo Decreto Federal de número 13.451 de Janeiro de 1919 e fundada em 08 de Abril de 1920.

De maneira geral, desde sua origem, a principal missão da EsAO sempre foi aperfeiçoar os oficiais do Exército Brasileiro. Certamente, como uma das principais escolas militares do Brasil, a referida Escola também viria a vivenciar os efeitos das mudanças conjunturais que ocorriam.

Figura 3 – Escola de Aperfeiçoamento de oficiais em 1924
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

No período de fundação da EsAO, o mundo vivenciava o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), conflito que gerou cerca de 10 milhões de mortos de diversas nações, destruiu inúmeras indústrias, regiões agrícolas e causou uma série de prejuízos econômicos para a grande maioria dos envolvidos na beligerância.

Diante das consequências destrutivas geradas pela Guerra, o continente europeu deu início a um processo de reestruturação, tendo em vista que as perdas humanas e materiais foram imensas, até mesmo para os países que lograram a vitória no conflito. Por outro lado, embora os EUA tenham participado da Guerra, suas perdas materiais e humanas foram mínimas diante da realidade europeia.

Com isso, ao fim do conflito, uma vez que a produção industrial e agrícola norte-americana praticamente não sofreram os abalos dos combates e diante do quadro em que se encontrava a economia da Europa, os EUA passaram a exportar diversos tipos de produtos industrializados para os europeus em condições extremamente vantajosas para aquele país.

Essas vantagens nas relações comerciais contribuíram sobremaneira para elevar os EUA à condição de grande potência mundial. Paralelo a isso, visando alcançar seus interesses comerciais nas Américas, os norte-americanos passaram a buscar uma maior aproximação com os países latinos, cujas economias eram basicamente agrícolas.

Assim como ocorreu com os europeus, essa proximidade viria a trazer grandes vantagens para a economia estadunidense. Dessa forma, foram estabelecidas trocas comerciais nas quais os países latinos exportavam seus produtos agrícolas e suas matérias-primas para os EUA, enquanto que este vendia seus bens industrializados, que eram muito mais caros.

Com relação ao Brasil, desde o início do século XX, a aproximação com os norte-americanos era cada vez mais frequente e nos anos posteriores a Primeira Grande Guerra, essas relações passaram a se estreitar cada vez mais. Conforme descreve Stumpf:

> Assim, os anos de Paranhos como titular do Itamaraty (1902-1912) e os imediatamente posteriores, isto é, as últimas décadas da República Velha, caracterizam-se pelo progressivo aumento de intercâmbios econômicos, graças, principalmente, ao café, entre o Brasil e o “Grande Irmão do Norte”. Já no período histórico subsequente, ou seja, no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), em especial ao longo do Estado Novo (1937-1945), observa-se a evolução das relações entre Brasil - Estados Unidos para além de questões estritamente comerciais, pois se fortaleceram,

> também, os laços culturais, políticos e militares entre os dois países. (2010, p. 76)

Entretanto, no campo militar, após o primeiro conflito de caráter mundial, ficou consolidada a ideia de que a doutrina militar francesa era a mais adequada para o combate. Com isso, o governo brasileiro, que já possuía um bom relacionamento com os franceses, decidiu contratar a Missão Militar Francesa para auxiliar o seu exército, por meio de um acordo que foi formalizado em 1920.

Os franceses permaneceram no Brasil até o início da década de 1940, deixando importantes marcas na Força Terrestre e, particularmente, em suas escolas militares. Passados cerca de vinte anos do fim da Primeira Guerra, em 1939, o mundo se deparou com o início de um novo conflito mundial que trouxe consequências revolucionárias para a doutrina militar.

Foi um período dinamizador para o Exército Brasileiro, de embate de influências, com o aumento significativo da preponderância da doutrina militar norte-americana e de métodos e processos de ensino modernos, incitados pelo empenho na mobilização e preparação para a guerra por parte de nações do mundo inteiro.

O contato com esses novos métodos e ensinos decorrentes da doutrina norte-americana influenciou significativamente o Exército Brasileiro e, consequentemente, as suas escolas. Essa influência estadunidense se estendeu pelos anos posteriores a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), estando presente ao longo da Guerra Fria (1945-1991), conflito que se estendeu por décadas e foi responsável por diversas outras guerras localizadas em diferentes lugares do planeta. Segundo Paula:

> Com o final da 2ª Guerra Mundial, a Europa estava arrasada e ocupada pelos exércitos das duas grandes potências vencedoras, os EUA e a URSS. O desnível entre o poder destas duas superpotências e o restante dos países do mundo era tão gritante que rapidamente se constitui um sistema global bipolar. A luta pela hegemonia mundial empreendida pelas duas novas superpotências, no que tange principalmente a dois modelos econômicos diferentes (Capitalismo X Comunismo), caracterizou o período denominado como Guerra Fria, o qual se estendeu até dezembro de 1991, quando ocorreu a dissolução da URSS. (2010, p.106).

Todo esse contexto estabeleceu uma ligação direta com a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, uma vez que como parte fundamental da Força Terrestre brasileira, ela não poderia ficar imune a esse processo influenciador.

Sendo assim, diante do quadro histórico supracitado, a presente pesquisa teve por finalidade analisar a influência da doutrina militar norte-americana na EsAO,

no período de 1934 a 1970, dando particular atenção à atuação e às influências deixadas pela Missão Militar Americana e pela cooperação mútua entre o Brasil e os EUA, expressa diretamente pela criação da Comissão Militar Mista Brasil-EUA.

Dessa forma, buscou-se no desenvolvimento deste trabalho analisar as condições nas quais se encontrava a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais antes da influência da doutrina norte-americana, analisar as influências da doutrina americana para o Exército Brasileiro, e por fim, analisar a influência dessa doutrina nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO.

1.1 PROBLEMA

Tendo em vista a compreensão adequada da proposta do presente estudo, buscou-se determinar de forma clara e objetiva as questões a serem solucionadas resultantes da influência da doutrina norte-americana na EsAO, como se observa a seguir.

1.1.1 Antecedentes do problema

Nos anos posteriores à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Brasil optou pelo estreitamento dos laços militares com a França, um dos principais países vencedores do conflito. Essa aproximação entre os dois países foi caracterizada de forma especial com a chegada da Missão Militar Francesa ao território brasileiro.

Antes da chegada da referida missão o ensino militar brasileiro tinha um caráter essencialmente teórico e era fundamentado basicamente pelas ciências humanas. A partir das influências positivistas, iniciadas em meados do século XIX, os militares passaram a ter uma formação que os capacitava mais para atuarem como burocratas e políticos do que como verdadeiros combatentes. Segundo Bellintani:

> [...] nesse período histórico que surge a concepção de soldado-cidadão, indivíduo que representa a ideologia intervencionista do militar na política. Na perspectiva do soldado-cidadão, é recomendável sua participação ativa no processo político, bem como sua intervenção na política com tendências renovadoras, como acontece com a proclamação da República. (2009, p. 6).

Diante desses fatores, os franceses trouxeram importantes mudanças para a educação militar que tiveram grande reflexo, particularmente, nos aspectos doutrinários. De acordo com Latfalla:

> A Missão Militar Francesa atuou junto ao Exército Brasileiro durante muitos anos (1919-1939), tendo uma enorme influência sobre esta instituição e seus comandantes atuando junto ao Exército até o final da década de 1930. Ela foi contratada para remodelar os conceitos táticos e organizacionais do Exército Brasileiro, introduzindo técnicas mais avançadas de ação bélica cujo esteio era a motomecanização progressiva das tropas de terra. (1998, p.29).

Entretanto, em meados dos anos de 1930, o governo brasileiro passou a buscar uma maior aproximação militar com os Estados Unidos da América e decidiu acionar os serviços militares norte-americanos através da contratação da Missão Militar Americana.

Segundo Rodrigues, “a chegada da Missão Militar Americana em 1934 foi aos poucos substituindo o pensamento doutrinário prussiano e o francês até sua consolidação com o final da Segunda Guerra Mundial.” (2008, p.1).

A partir do entrosamento entre os militares dos dois países e, especialmente, dos novos conhecimentos trazidos pela missão, surgiram novas ideias sobre organização, currículos, emprego de armamentos padronizados, convivência militar e maneiras de realizar o trabalho.

A influência americana perdurou até o início dos anos 70, quando foi criado, no EME, um plano para a revisão e elaboração de manuais de instrução e emprego da tropa, que visava desenvolver uma doutrina militar nacional e adequar às doutrinas estrangeiras à realidade brasileira (BRASIL, 1984).

Todas essas transformações supracitadas acabaram por influenciar as escolas militares brasileiras. Sendo assim, a análise desta influência, particularmente, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais se apresentou como um campo de estudo bastante interessante e desafiador a ser pesquisado.

1.1.2 Formulação do problema

Diante das atuais definições sobre doutrina militar, compreende-se que os aspectos que a caracterizam podem ser identificados nos princípios, conceitos, normas e procedimentos de um estabelecimento de ensino militar que tenha sido influenciado por determinada doutrina.

Sendo assim, por meio do estudo e da análise dos princípios, conceitos, normas e procedimentos de um determinado estabelecimento de ensino, torna-se possível compreender o quanto ele foi influenciado por uma determinada doutrina.

Partindo-se dessa premissa, chegou-se a conclusão de que para se compreender o quanto a doutrina militar norte-americana influenciou a EsAO, seria necessário realizar um estudo sobre os princípios, conceitos, normas e procedimentos praticados na Escola. Com isso, chegou-se ao seguinte problema:

Em que medida a doutrina norte-americana influenciou os princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais no período de 1934 a 1970?

1.2 OBJETIVOS

Com a finalidade de identificar e detalhar as ações a serem realizadas, visando dar resposta ao problema formulado, foram traçados o objetivo geral, que determina a finalidade principal da investigação, e os objetivos específicos, que descrevem o caminho lógico a ser percorrido para solucionar o problema.

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as consequências geradas pela influência da doutrina norte-americana, particularmente a partir da vinda da Missão Militar Americana para o Brasil, nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais no período 1934 a 1970.

1.2.2 Objetivos Específicos

Tendo em vista viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitirão o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

a. contextualizar os aspectos político-militares brasileiros com o cenário histórico mundial pós-Primeira Guerra Mundial;

b. descrever as influências da doutrina militar francesa para o Exército Brasileiro e para EsAO;

c. apontar como se deu o estreitamento de relações entre o governo brasileiro e o norte-americano, a partir da década de 1930, particularmente no que tange a esfera militar;

d. descrever quais eram os princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO nos anos anteriores ao início da influência da doutrina norte-americana;

e. descrever as influências da doutrina estadunidense para o Exército Brasileiro;

f. apresentar as principais características da Missão Militar Americana e da Comissão Militar Mista Brasil-EUA;

g. apresentar as mudanças ocorridas nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO, decorrentes da influência da doutrina norte-americana;

h. comparar os princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO, antes e depois da influência da doutrina norte-americana.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Tendo em vista encontrar um caminho que permita um conhecimento mais aprofundado acerca do quanto à doutrina militar norte-americana influenciou os princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais no período de 1934 a 1970 e dessa forma contribuir para a solução do problema da presente pesquisa, foram elaboradas as seguintes questões de estudo:

a) Como se deram as relações político-militares entre Brasil e EUA do início do século XX até 1970?

b) Quais são as definições de pensamento militar e de doutrina militar?

c) Quais eram as características da doutrina militar brasileira no século XIX e no século XX, particularmente até 1970?

d) Quais eram as características da doutrina militar norte-americana na primeira metade do século XX?

e) Quais eram os princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO antes da influência da doutrina norte-americana?

f) Que mudanças ocorreram nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO decorrentes da influência da doutrina norte-americana?

1.4 JUSTIFICATIVA

O tema da presente pesquisa está fundamentado no estudo de questões que dizem respeito à influência doutrinária norte-americana na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Brasileiro.

Com isso, sua análise se propôs a contribuir para um maior esclarecimento acerca de como se deu tal influência no referido estabelecimento de ensino, particularmente analisando as mudanças realizadas nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO, decorrentes da atuação estadunidense.

Dentre os aspectos positivos que podem ser destacados na abordagem proposta está o fato de que a pesquisa tratou sobre assuntos referentes à história da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, temática esta que possui grande relevância para o estabelecimento de ensino em questão tendo em vista à proximidade do seu centenário.

Além disso, a abordagem em questão permitirá a realização de um estudo mais aprofundado sobre importantes fatos históricos brasileiros e como esses episódios se entrelaçam. Dentre esses fatos pôde-se destacar a vinda da Missão Militar Americana ao Brasil e alguns aspectos político-militares brasileiros ocorridos após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Foi possível também estudar acerca do estreitamento de relações entre o governo brasileiro e o norte-americano, a partir da década de 1930, particularmente na esfera militar e, principalmente, as transformações ocorridas nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da EsAO diante de todo esse quadro de transformações.

Por fim, é importante destacar que o estudo de temas relacionados à Educação e Cultura Militares, particularmente os referentes à História Militar, tem sido cada vez mais valorizado, tendo em vista que a partir desses estudos é possível a obtenção de grandes lições que auxiliam na solução de questões militares do presente e do futuro.

Com isso, o maior conhecimento acerca do tema em questão contribuiu para o desenvolvimento da Arte e Ciência Militares, e também para o aumento da capacidade intelectual e do raciocínio educado, voltado para problemas militares atuais e futuros.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Acerca da temática em questão, referente à influência da doutrina norte-americana na EsAO, não foram produzidas pesquisas que tratam diretamente sobre o assunto, mas existem trabalhos acadêmicos sobre questões que abordam pontos importantes que possuem ligação com a presente temática.

Dentre esses trabalhos pode-se citar a obra Influência Estrangeira no Exército Brasileiro, na qual Mc Cann (1985) trata sobre como se deu a influência de outros países como a França e os EUA sobre a formação doutrinária do Exército Brasileiro, assunto que foi bastante interessante para os objetivos da presente pesquisa.

Outros trabalhos relevantes são as monografias de Augusto (1991) e Jacques (1990), ambas apresentadas na Escola de Comado e Estado Maior do Exército (ECEME), nas quais também são apresentados estudos sobre como a formação e a doutrina militar brasileira trocaram experiências com outras nações.

Cabe destacar também a dissertação de mestrado de Stumpf (2010), na qual são abordadas questões sobre as relações militares entre o Brasil e os Estados Unidos, entre os anos de 1942 e 1950, a partir de várias fontes, dentre as quais se destaca a revista A Defesa Nacional (1947-1950).

O livro A evolução militar do Brasil de Magalhães (1998) é outra importante obra que trata acerca de assuntos correlatos a presente pesquisa. Nele o autor trata sobre a evolução das forças regulares brasileiras, descrevendo questões sobre a natureza delas, a legislação que as regia, as transformações na organização, na instrução, no armamento, na doutrina e nos referenciais doutrinários: regulamentos, instruções e manuais.

Pode-se citar também Latfalla (2011), que em sua dissertação de mestrado também descreve aspectos sobre as relações entre Brasil e EUA no período entre as décadas de 1940 e 1960. Seu trabalho expõe aspectos importantes sobre como a influência norte-americana trouxe transformações para o governo brasileiro e consequentemente para o Exército Brasileiro.

Além das fontes e publicações supracitadas, existem também fontes importantes que se encontram no Arquivo Histórico do Exército, bem como nos registros históricos e nos boletins escolares da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Dentre esses materiais, pode-se citar o documento Missão Militar Americana: Cooperação Brasil x USA (Arquivo Histórico do Exército, 1985) que compila

inúmeras informações sobre as relações militares entre Brasil e EUA ao longo das décadas de 1930 a 1960 e também a obra EsAO: Evolução Histórica (ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS), que descreve os principais fatos ocorridos na referida Escola ao longo do período compreendido entre os anos de 1920 e 1992.

Com relação às abordagens supracitadas, quando as observamos à luz do tema proposto na presente pesquisa “A influência da doutrina norte-americana na EsAO”, a principal lacuna existente está no fato de que ainda não havia sido realizado um trabalho que relacionasse, de fato, a influência norte-americana às consequências geradas para a Escola.

Foram abordados assuntos que dizem respeito a questões como as relações entre Brasil e EUA no período de interesse da presente pesquisa. Abordaram-se também aspectos históricos e doutrinários da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e outros assuntos que se interligam ao tema proposto pela atual pesquisa.

Entretanto, ainda não havia sido realizado um estudo sistemático que analisasse de forma científica a ligação existente entre todos os pontos já estudados. A solução desta lacuna foi o objetivo principal da proposta do presente estudo.

2.1 AS RELAÇÕES POLÍTICO-MILITARES ENTRE BRASIL E EUA DA 1ª GUERRA MUNDIAL ATÉ 1970

No campo político, os passos iniciais de um relacionamento mais profundo entre Brasil e EUA se deram no fim do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Nesse momento, o Brasil vivenciava os primeiros passos da República, e via no exemplo republicano norte-americano um grande modelo de inspiração a ser seguido.

No que tange as relações comerciais, a exportação do café brasileiro se caracterizou como o principal fator para o estabelecimento de um sólido relacionamento entre os países. Com isso, o principal eixo de diplomacia brasileiro, gradativamente, começou a deixar de ser a Europa, particularmente a Inglaterra, e passou a ser a América do Norte.

Sendo assim, as conexões entre os governos brasileiro e norte-americano começaram a superar o antigo e entranhado vínculo entre brasileiros e europeus. Essa aproximação política se caracterizou como a razão fundamental que permitiu o surgimento de importantes relações militares entre brasileiros e norte-americanos. O

início dessas relações se deu durante o primeiro conflito mundial, por meio de acordos envolvendo a Marinha Brasileira e a Norte-Americana.

Com o passar do tempo, em especial a partir da década de 1930, houve um estreitamento entre as forças militares dos dois países, em particular entre seus exércitos. Essa aproximação ocorreu, com maior intensidade, até os anos finais da década de 1960 e início de 1970.

A partir de então, as Forças Armadas brasileiras, em particular o exército, passaram a buscar, com mais veemência, uma doutrina militar independente, dando início a um processo de afastamento gradativo dos ensinamentos doutrinários norte-americanos.

2.1.1 Período entre as Guerras Mundiais

Os primeiros movimentos da aproximação militar entre Brasil e EUA se deram quando os norte-americanos apoiaram o rearmamento e a reestruturação naval brasileira em 1914. “Com a criação da Escola Naval de Guerra, em 1914, contratou-se um instrutor estadunidense, o capitão-de-fragata Philips William. Esta ação marcou o início nas relações militares Brasil-Estados Unidos.” (VIDIGAL, 1985, p. 75; MARTINS et al, 1985, p. 214; DAVIS, 1996 p. 1 apud JÚNIOR, 2015).

Em 1917, no contexto da I Guerra Mundial, alguns oficiais norte-americanos e britânicos vieram ao Brasil auxiliar a formação de militares da Marinha brasileira. No ano seguinte, [...] encouraçados foram enviados para Nova Iorque, onde foram modernizados, durante os anos de 1919 e 1920. (SCHEINA, 1988, p. 96-97 apud JÚNIOR, 2015).

> A modernização dos encouraçados foi acompanhada do estágio de vários jovens oficiais nos Estados Unidos, cuja maioria se especializou em artilharia. Esses oficiais voltaram ao país, onde seriam conhecidos como arquiduques, desejando promover mudanças na Marinha, de maneira a atualizá-la [...] Entretanto, a influência dos arquiduques ficou reduzida por não estarem presentes nas principais esferas hierárquicas, mas ainda assim promoviam o ímpeto de necessidade de modernização que se construía na Marinha (VIDIGAL, 1985, p.75-76; MARTINS et al, 1985, p. 212-213 apud JÚNIOR, 2015).

Alguns anos mais tarde, em 1922, o Brasil contratou uma Missão Naval Americana. A interação com os norte-americanos gerou influencias em aspectos relacionados à organização, à modernização às práticas navais e também no conhecimento disseminado nas disciplinas ministradas na Escola Naval.

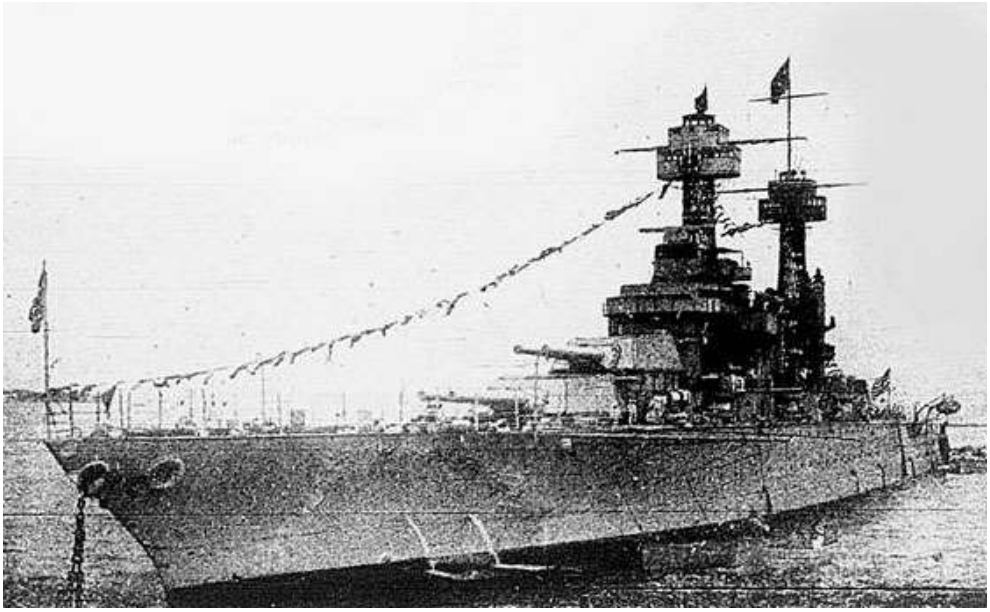


Figura 4 - Encouraçado norte-americano USS Montana – Rio de Janeiro, 1922
Fonte: http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br

Por questões políticas, a Missão teve o seu fim em 1930, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas. Entretanto, cinco anos depois, em 1935, a Missão Naval Americana foi recontratada e novamente voltou a influenciar a Marinha Brasileira.

Em meados da década de 1930, foi a vez do Exército Brasileiro dar início a uma aproximação mais intensa dos militares norte-americanos. Em 1934, o governo brasileiro contratou a Missão Militar Americana, estreitando um pouco mais as relações militares entre Brasil e Estados Unidos da América.

Até 1930, o pensamento militar e a doutrina militar do Exército Brasileiro eram predominantemente influenciados pelos modelos francês e prussiano. A chegada da Missão Militar Americana deu início a um importante processo de mudanças em toda a estrutura do exército. A doutrina norte-americana, “[...] foi aos poucos substituindo o pensamento doutrinário prussiano e o francês até sua consolidação com o final da Segunda Guerra Mundial.” (Rodrigues, 2008, p.1).

> A Missão Militar Americana foi contratada [...] para cooperar com o Estado Maior do Exército brasileiro, atuando junto a Inspetoria de Defesa de Costa e com oficiais do Exército brasileiro, no desenvolvimento e funcionamento do Centro de Instrução de Artilharia de Costa, além de superintender os cursos e auxiliar a instrução. A Missão, chefiada pelo General de Brigada Allen Kinberly (USA), tinha a seu cargo os cursos de Fortificação Permanente e Guerra Química, na Escola Técnica do Exército, onde deveria auxiliar as respectivas instruções. (Rodrigues, 2008, p. 1).

A partir de então, a influência militar dos EUA sobre as Forças Armadas brasileiras, em particular sobre o exército, começou a aumentar gradativamente. Brasil e EUA passaram a construir um diálogo mais intenso, abrangendo questões referentes ao estabelecimento de uma defesa militar de caráter continental. Nesse momento, militares brasileiros foram enviados para os EUA visando à obtenção de novos conhecimentos militares. Sobre essa questão é importante ressaltar que,

> [...] a ida desses oficiais aos Estados Unidos, com o decorrer do tempo, irá promover um crescente entrosamento entre os dois Exércitos, pois, no retorno, esses oficiais traziam novas ideias sobre organização, armamento, currículos, mas principalmente padrões e estilos de trabalhos e de convivência militar. (Jehovah Motta, 1998, p. 299 apud RODRIGUES, 2008, p. 2).

2.1.2 Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Na iminência da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha exercia uma considerável influência política, econômica e militar sobre alguns países latino-americanos. Em países como o Chile, Peru, Colômbia, Guatemala e México, as relações comerciais com a Alemanha cresceram sobremaneira ao longo da década de 1930, e isto permitiu que os germânicos viessem a ocupar os espaços que até então eram dominados pelos norte-americanos.

No caso da Bolívia, as relações se estenderam a tal ponto que durante a Guerra do Chaco contra o Paraguai, os bolivianos recorreram à ajuda alemã visando seu fortalecimento militar.

Conforme afirma Silva (2007, p. 36), por meio de assessores militares alemães, a Bolívia deu início a um programa de rearmamento e modernização de suas forças armadas. O coordenador do programa foi o oficial alemão Hans Kundt, que também dirigiu e planejou a ocupação dos territórios do Chaco no início de 1932.

Com isso, a presença desses alemães entre os bolivianos contribuiu para que houvesse um grande aperfeiçoamento dos aspectos doutrinários das forças armadas bolivianas.

Figura 5 - Bolivianos sob o comando do Marechal Hans Kundt (Guerra do Chaco)
Fonte: http://www.lapatriaenlinea.com

O Brasil por sua vez, também considerava as relações com os alemães como um possível caminho para o fortalecimento de sua economia e de seu poderio militar. Sendo assim, ao longo da década de 1930, aos poucos, foi se estabelecendo um considerável grau de proximidade política, econômica e militar com os alemães. Segundo Stumpf:

> [...] o Estado nacional-socialista procurava, novamente, um papel central para a Alemanha no cenário internacional, utilizando-se, para tanto, também, da compra de matérias-primas brasileiras [...] tornou-se tentadora a possibilidade de o País adquirir equipamentos para as Forças Armadas no caminho do comércio compensado com a Alemanha. [...] O Exército brasileiro [...] enxergava nos atalhos comerciais com a Alemanha uma estrada promissora para a obtenção de equipamentos modernos. [...] Nesse cenário, começaram negociações diretas entre o governo brasileiro e companhias germânicas de armamentos, com destaque para a Krupp. A partir de meados de 1933, o alto comando militar brasileiro passou a requerer material bélico e treinamento para seus oficiais [...] a empresa Krupp [...] em 18 de fevereiro de 1937 [...] conseguiu o primeiro contrato no programa de aquisição de armamentos efetuados pelo Brasil. Logo, durante os idos de 1937, oficiais brasileiros iniciaram inspeções ao material bélico alemão comprado pelo País [...] o governo brasileiro optou pela compra de 900 peças de artilharia, com a entrega do material ocorrendo em 6 anos [...] a assinatura do referido contrato de compra de armamentos da Alemanha exigiu que militares brasileiros fossem acompanhar a fabricação das armas. Em março de 1939, chegou o material de artilharia da Alemanha para o Brasil, encomendado dois anos antes. Após a entrega do material de artilharia, as negociações para um terceiro contrato das forças armadas do Brasil com empresas se intensificaram [...]. (2010, p. 87, 88 e 89).

Dessa forma, o aumento do entrosamento alemão com a América Latina, em especial o crescimento das relações sociais, políticas, comerciais e militares teuto-brasileiras, fizeram com que o governo dos Estados Unidos da América passasse a se preocupar com a questão e desse início a um processo de maior aproximação com os sul-americanos, principalmente com o Brasil.

Nos anos de 1938, 1939 e 1940, em conferências envolvendo países sul-americanos, os EUA buscaram apoio à ideia de construção de um sistema integrado de segurança envolvendo vários países do continente. Um dos principais objetivos desse sistema era diminuir a crescente influência que a Alemanha tinha sobre a região. Destarte, Rodrigues afirma que:

> A partir de 1938, o Departamento de Estados norte-americano determina a prestação de ajuda militar a fim de fortalecer os laços de amizade entre os Estados Unidos e o restante do continente americano, laçando as bases de uma cooperação militar e naval mais próxima de uma realidade de contrapor-se às investidas nazistas. A cooperação consistia no treinamento de militares latino-americanos em escolas das Armas nos Estados Unidos; realização de voos frequentes de demonstração das aeronaves americanas e visitas aos navios de guerra, convites a oficiais latino-americanos de alta patente para visitar os Estados Unidos; fornecimento de publicações das forças armadas dos Estados Unidos para bibliotecas militares e a designação de mais adidos militares e navais para o continente americano. Todos esses itens estavam vinculados ideologicamente à questão da solidariedade interamericana, de interesse dos Estados Unidos. No entanto, o centro de uma discussão nas questões militares dizia respeito ao envio de armamento moderno, o que tanto desejavam os países latino-americanos, e que poderia gerar o desequilíbrio de uma liderança na América Latina. Além disso, o suprimento de armas, em que era fundamental a cooperação militar, tinha vários obstáculos à sua realização, tais como: legislação restritiva e incapacidade das indústrias bélicas norte-americanas de produzirem a preço e condições de pagamento viável aos países latino-americanos. (2008, p. 4).

Com a finalidade de vencer os obstáculos que impediam a concretização de uma efetiva aliança militar entre Brasil e EUA, alguns acordos militares foram estabelecidos. Esses compromissos permitiram uma maior assistência por parte dos militares norte-americanos.

Além disso, o Brasil forneceu apoio logístico aos navios norte-americanos nos litorais norte e nordeste brasileiros enquanto que os EUA concederam linhas de crédito aos brasileiros para compra de materiais bélicos norte-americanos. Sobre esses acordos,

> O primeiro, assinado em janeiro de 1941, estabeleceu a instalação de missões do Exército e da Aeronáutica norte-americanas no Rio de Janeiro.

> Com isso, completava-se a assistência às três armas brasileiras, porque a Marinha norte-americana auxiliava, desde a década de 1920, a Marinha nacional. O segundo, concluído em meados de abril do mesmo ano, atendia à necessidade de intensificar a vigilância. Por esse, o Brasil concedeu facilidades à Marinha estadunidense nos portos do litoral Norte-Nordeste, para reparos e reabastecimentos. Em troca, o governo norte-americano prometeu liberar material de guerra indispensável à Marinha brasileira. Por fim, o terceiro acordo militar responde, ainda que insuficientemente, a uma solicitação brasileira, pois os Estados Unidos abriram, no final de 1941, pelo Eximbank, uma linha de crédito de 12 milhões de dólares, permitindo que o Brasil adquirisse, pela primeira vez, um importante equipamento militar norte-americano, justificado pela diplomacia estadunidense como uma forma de eliminar a concorrência da germânica Krupp. (Stumpf, 2010, p. 96).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi fundada a Junta Interamericana de Defesa, organização regional de defesa mais antiga do mundo, cuja missão era a defesa do continente americano diante da ameaça nazista. Outro marco importante do período foi a consolidação da aliança militar entre Brasil e EUA.

O fato que concretizou o pacto bélico entre essas nações foi à criação da Comissão Militar Mista Brasil-EUA (CMMBEU), no ano de 1942, em meados do segundo conflito mundial. A Comissão era dividida em duas outras comissões, a Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estados Unidos e a Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos.

As duas foram compostas por militares de ambas as nações e contribuíram para o aprofundamento dos laços político-militares entre elas. Uma de suas principais finalidades era permitir que os acordos militares firmados entre Brasil e EUA, ao longo da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), pudessem ser colados em prática de forma eficiente e oportuna.

Figura 6 - Reunião da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, 1944
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

A partir dessas comissões, por exemplo, foi possível a renovação da vigência da Missão Naval Americana, iniciada em 1922, e a criação da Comissão Técnica Militar Mista. Além disso, as comissões foram as principais responsáveis pela execução da chamada Lei de Empréstimo e Arrendamento (Lend-Lease Act) estabelecida em meados de 1941.

Essa lei teve grande importância pelo fato de permitir ao governo norte-americano negociar materiais de emprego militar e informações reservadas sobre defesa com outros países aliados.

No caso do Brasil, por meio da referida lei, os Estados Unidos comprometeram-se a fornecer, de forma escalonada, até o início de 1948, armas e munições de guerra, num total de duzentos milhões de dólares, destinados à Marinha do Brasil e ao Exército brasileiro (Stumpf, 2010, p. 98).

Com isso, os norte-americanos repassaram armamentos a preços consideravelmente mais reduzidos para os brasileiros. A partir de então, o governo brasileiro permitiu que militares norte-americanos se instalassem nas regiões norte e nordeste de seu território.

Em meados da Segunda Guerra, as relações entre militares brasileiros e norte-americanos alcançaram um nível de intensidade que jamais havia ocorrido. Por conseguinte, o Exército Brasileiro passou a se aproximar cada vez mais do modelo doutrinário norte-americano e consequentemente ocorreu um afastamento

do modelo francês, que era predominante nas fileiras militares brasileiras desde o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Como descreve Stumpf (2010, p. 99) foram enviados oficiais para cursos de adaptação às práticas de guerra empregadas pelos norte-americanos, dando início a uma tendência que perdurou durante décadas. Somado a isto, o Exército Brasileiro foi reequipado e incorporou novas táticas e novos procedimentos de combate.

Aumentou o contato entre militares de ambos os países e no início de 1943 militares brasileiros se deslocaram para o norte da África com a finalidade de observar as ações em combate das tropas dos Estados Unidos.

Figura 7 - Desembarque Americano no norte da África (1943)
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Além disso, cada vez mais oficiais brasileiros passaram a frequentar as escolas militares norte-americanas.

> A partir de meados de 1943 inicia-se o fluxo de mais de duas centenas de oficiais brasileiros para realizar cursos de estado-maior em Fort Lavenworth e estágios em diferentes unidades do Exército norte-americano. O objetivo era, em três meses, converter a sua formação francesa calcada na guerra de trincheiras para a guerra de movimento e familiarizá-los com os regulamentos, equipamentos e armamentos empregados pelo exército daquele país. A ideia de enviar oficiais brasileiros aos Estados Unidos surgiu na Comissão Militar Mista [...] O programa previa uma semana de adaptação dos oficiais no centro ou escola, seis a oito semanas de instrução, duas a três semanas de estágios em outros centros ou em manobras e, por fim, uma semana para visitar grandes cidades como Nova York ou Washington. Na primeira turma enviada estavam Castelo Branco, Amauri Kruel, Lira Tavares. [...] Conforme o relato de Ernesto Geisel [...]

> tratava-se de “cursos interessantes, em que aprendemos muito sobre a guerra moderna e a organização militar dos Estados Unidos” [...] Conforme os relatos de oficiais brasileiros, os americanos simplificavam a estrutura organizativa e operacional francesa, compartilhada por ambos exércitos, e a adaptaram à nova realidade militar, de modo que a assimilação por parte dos oficiais brasileiros foi relativamente fácil. Segundo o depoimento de Murici, que na época era instrutor na EEM, “eles vieram nos trazer ensinamentos e, ao mesmo tempo, os métodos de trabalho de estado-maior, e não de concepção. (...) Depois eu trouxe tudo isso para a Escola.” Comissões mistas, missões de observação, estágios, cursos e a experiência de combate – vitoriosa – junto às tropas norte-americanas permitiram uma rápida assimilação da doutrina militar daquele país por essa geração de oficiais brasileiros. Consolidava-se uma forte simpatia pelos Estados Unidos entre o oficialato brasileiro [...] (SVARTMAN, 2006, p. 172 e 173).

2.1.2.1 As Comissões Conjuntas envolvendo Brasil e Estados Unidos da América

O aumento da interação política e militar entre Brasil e Estados Unidos e a busca de novos instrumentos de cooperação resultou no acordo de 23 de maio de 1942, que previa a constituição de duas comissões mistas, compostas por militares dos dois países.

Surgiram assim a Joint Brazil United States Defense Commission (Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estados Unidos), com sede em Washington, EUA, e a Joint Brazil United States Military Commission (Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos) com sede no Rio de Janeiro, Brasil. (RODRIGUES, 2012).

As comissões foram responsáveis por importantes atividades referentes à aliança político-militar entre os dois países, particularmente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sendo as principais responsáveis pela execução da Lend-Lease, especialmente na parte que tratava das negociações de mercadorias militares e civis entre Brasil e EUA.

No que tange aos membros norte-americanos das comissões, lhes cabia, fundamentalmente, pressionar o Brasil pela adoção de normas, doutrinas, munições, armas e sistemas de armas exclusivamente de origem estadunidense. Contudo, ainda que a conversão para armas e sistemas de armas de origem norte-americana tenha sido praticamente total na Marinha e na FAB, no Exercito Brasileiro ela não se deu na mesma proporção. (OLIVEIRA, 2015).

Com relação às características específicas da comissão sediada em Washington, sabe-se que ela era composta por duas representações brasileiras formadas por um representante de cada força militar do Brasil e por autoridades militares norte-americanas.

Inicialmente, ela tinha como chefe o general Estevão Leitão de Carvalho, e também tinha como membros o vice-almirante Álvaro Rodrigues de Vasconcelos e o coronel Vasco Alves Seco, representantes, respectivamente, do Exército, Marinha e Força Aérea Brasileira. (RODRIGUES, 2012).

Figura 8 - Gen Estevão Leitão de Carvalho (no centro da figura) nos EUA (1943)
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Na Comissão de Washington, foram elaborados planos conjuntos com a finalidade de estabelecer uma defesa adequada para a região nordeste brasileira e tratou-se de outros pontos que diziam respeito à defesa conjunta entre os dois países. Além disso, outra questão importante abordada foi o estudo da criação e organização da Força Expedicionária Brasileira.

Também em Washington, foram acertadas as questões relativas às negociações de equipamentos através da Lei de Empréstimo e Arrendamento (Lend-Lease), dentre outras importantes atividades. Como afirma Rodrigues:

> As primeiras questões submetidas a estudo na Comissão de Washington consistiram em assuntos especiais de interesse imediato, referentes à regulamentação das atividades militares no Norte e Nordeste brasileiro e ao fornecimento de alguns materiais para o Brasil. Recomendações que sugeriam: entrega de 18 aviões A-29 à Força Aérea Brasileira, para o patrulhamento da costa norte e nordeste do Brasil, em colaboração com a Marinha dos Estados Unidos; segurança da base militar e regime disciplinar dos soldados e marinheiros, no Brasil; centralização, em Washington, das comissões brasileiras de compra de material bélico; fornecimento de armas automáticas para a defesa imediata dos campos de aviação, aeródromos, zonas de abastecimento de combustível e instalações de defesa das zonas de Belém, Natal e Recife; e o estabelecimento de enfermarias e hospitais

> norte-americanos no território brasileiro em locais que estavam localizadas as bases utilizadas pelos norte-americanos. (2012, p. 60)

Acerca das peculiaridades da comissão conjunta sediada no Rio de Janeiro, é importante frisar que ela possuía um considerável número de oficiais norte-americanos.

Esses militares tinham como principais atribuições realizar a inspeção periódica de algumas instalações militares brasileiras, sugerir melhorias com relação ao uso dos materiais militares que chegavam dos EUA, agir para controlar o acesso de militares brasileiros a tecnologias sensíveis, além de manter um extenso contato com os militares brasileiros.

Isso lhes permitiu uma visão privilegiada e geralmente precisa das características culturais e institucionais das tropas brasileiras, assim como a identificação de suas carências materiais e institucionais.

Essa experiência foi usada pelos militares da comissão para elaborar relatórios, censos e diagnósticos da realidade militar brasileira. Além disso, foi possível identificar formas para sanar seus problemas, em concordância com a política militar adotada pelos EUA em relação ao Brasil.

Dessa forma, esses militares estadunidenses tiveram um importante papel influenciador, chegando ao ponto de contribuírem diretamente na criação de novas organizações militares brasileiras, dentre as quais pode-se citar escolas militares, unidades combatentes e de serviços. (Oliveira, 2015).

A comissão do Rio de Janeiro também ficou incumbida da escolha e envio de militares brasileiros para realizarem cursos em unidades militares norte-americanas. Esses militares recebiam novos conhecimentos e ao retornarem ao Brasil traziam esses novos ensinamentos e disseminavam entre seus pares e subordinados.

Com isso, a influência da doutrina norte-americana nas fileiras militares brasileiras aumentava cada vez mais. Logo, a comissão contribuiu diretamente para que a doutrina militar francesa, até então predominante no Exército Brasileiro, fosse sendo, gradativamente, substituída pela doutrina estadunidense.

Outro papel importante da comissão foi a atuação de forma direta nas aquisições de materiais militares por parte do Brasil. Cabia a junta a missão de enviar os pedidos de compra de materiais que os brasileiros almejavam adquirir por meio do Lend-Lease. Esses pedidos não eram restritos à esfera militar, sendo uma prática comum a solicitação de objetos de natureza civil.

Por fim, ainda sobre as realizações da comissão sediada no Rio de Janeiro, é importante ressaltar outra atividade de relevância executada pelos membros da junta. Ela contribuiu com a organização do projeto do Exército Brasileiro denominado “projeto sul” de 1944, no qual os militares brasileiros e estadunidenses estabeleceram possibilidades de emprego militar no caso de um possível conflito entre Brasil e Argentina. (OLIVEIRA, 2015, p.8).

Cabe ressaltar também que a comissão auxiliou a embaixada norte-americana no planejamento e efetivação da criação da aeronáutica civil brasileira que, em suas origens, acabou sendo muito influenciada pelos conglomerados industriais estadunidenses.

2.1.3 Do pós-guerra a 1970

Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ocorreram importantes transformações nas relações de poder entre as potências mundiais. O continente europeu deixou de ter a posição central na conjuntura internacional e seus domínios na Ásia e na África foram sendo perdidos gradativamente, com a independência de diversos países daquelas regiões.

No pós-guerra, a comunidade internacional assistiu a ascensão dos Estados Unidos da América e da União Soviética (URSS) à posição de principais superpotências globais, que viriam a disputar a supremacia mundial ao longo da segunda metade do século XX.

Figura 9 - Churchill, Roosevelt e Stálin (da esquerda para direita), Conferência de Yalta (1945)
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Essa disputa deu origem a um novo conflito que envolveu diversos países do mundo, a Guerra Fria (1945-1991). Este novo estado de beligerância se caracterizou pelo grande paradoxo do não enfrentamento militar direto entre seus principais rivais, EUA e URSS.

Entretanto, não foi um período sem embates militares. Por um lado, os norte-americanos buscaram aumentar sua esfera de influência ideológica, com a defesa do modelo econômico capitalista. Por outro, os russos procuraram defender e expandir seu modelo econômico comunista.

Em busca de seus objetivos ideológicos, ambos os países, Estados Unidos da América e Rússia, apoiaram outras nações em conflitos regionais que ocorreram em vários continentes. Como exemplo desses conflitos, pode-se citar as guerras da Coréia, do Vietnã, do Afeganistão, dentre outras.

Diante dessa nova conjuntura mundial e envolto diretamente na disputa com a Rússia pela hegemonia global, os Estados Unidos da América focaram seus interesses na Europa e no Pacífico, pelo fato de serem regiões estratégicas para os seus objetivos naquele momento histórico.

Dessa forma, os norte-americanos passaram a demonstrar um relativo desinteresse estratégico em suas relações com a região latino-americana. Contudo, apesar desse relativo desinteresse, havia uma preocupação que incomodava os líderes norte-americanos.

Tal inquietude ocorria pelo fato de existirem algumas posturas nacionalistas, por parte de alguns governos e movimentos latino-americanos, que visualizavam uma perspectiva equidistante da influência dos EUA como base para qualquer política de afirmação nacional.

Ademais, outro receio estadunidense estava relacionado à disponibilidade dos recursos naturais da região em caso de uma guerra contra a União Soviética. Os norte-americanos temiam um possível boicote de governos, sindicatos e demais movimentos de países sul-americanos, em que a infiltração de ideias antiamericanas pudessem ser decisivas. (AYERBE, 2002, p. 81 apud STUMPF, 2010).

Sendo assim, com o objetivo de manter os países latino-americanos sob a sua esfera de influência, nos anos imediatamente posteriores a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foram estabelecidos alguns acordos político-militares baseados na ideia de defesa hemisférica contra possíveis agressões externas.

Dessa forma, em 1947, foi estabelecido o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), que pode ser descrito como:

> [...] um acordo militar pelo qual os Estados Unidos e os países latino-americanos comprometiam-se a apoiar qualquer um dos signatários, em caso de ameaça armada externa. Logo, o TIAR buscava a difusão da ideia de defesa hemisférica contra a agressão externa, assim como a consolidação da liderança político-militar dos Estados Unidos sobre o conjunto do continente americano [...] Além disso, o TIAR instrumentalizaria os objetivos estratégicos dos Estados Unidos para a América Latina, entenda-se, aqui, o fornecimento de matérias-primas estratégicas essenciais à manutenção da estabilidade política e segurança interna de cada nação, bem como o apoio aos estadunidenses em questões internacionais e a proteção de linhas vitais de comunicação. (STUMPF, 2010, p. 127).

No ano seguinte, em 1948, foi estabelecido o mais antigo organismo regional do mundo, a Organização dos Estados Americanos (OEA). Como lembra Stumpf (2010), esta organização, sediada em Washington, estabelecia vínculos políticos entre os países ligados militarmente pelo TIAR.

De maneira geral, ela converteu-se numa maneira de institucionalização da política pan-americanista de Washington, de forma que a função do referido organismo hemisférico, para os Estados Unidos, ligava-se à manutenção do controle estadunidense sobre o continente, principalmente no que tangia ao comprometimento dos países americanos com o modelo político democrático vigente no ocidente.

Além disso, a Organização dos Estados Americanos (OEA) trazia as disputas regionais para a sua esfera de competência, fazendo com que estes conflitos ficassem fora do alcance das Nações Unidas.

No que tange especificamente às relações militares entre Brasil e Estados Unidos da América nos anos subsequentes a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cabe ressaltar alguns aspectos.

Diante dos esforços realizados pelos brasileiros ao longo do conflito mundial, e também em função da intensificação das relações entre Brasil e EUA nos primeiros anos da década de 1940, os líderes brasileiros tinham a expectativa de que o país ocuparia uma posição de destaque nos interesses internacionais norte-americanos do pós-guerra.

No entanto, na prática, não foi exatamente isso o que aconteceu, uma vez que diante do novo cenário de bipolaridade mundial que se formava, as lideranças

norte-americanas estabeleceram outras prioridades para sua política externa, não dando a América Latina a primazia em seus objetivos.

Entretanto, mesmo diante dessa conjuntura, ocorreram importantes fatos históricos no campo militar que foram fruto do relacionamento entre os dois países no período em questão.

> [...] a partir de 1946, ocorreram várias reformas no Exército brasileiro, cuja organização, treinamento e armamento foram ajustando-se ao modelo norte-americano. Desse modo, criou-se um Estado Maior das Forças Armadas, reorganizou-se o Ministério da Guerra [...] tudo dentro dos moldes estadunidenses. Ainda, as noções de defesa hemisférica e defesa nacional foram gradativamente dando lugar às noções de segurança hemisférica e segurança nacional, nos quadros de referência ideológica da Guerra Fria e teriam forte influência no futuro militar e político do país. (STUMPF, 2010, p. 135).

Pode-se destacar também a criação da Escola Superior de Guerra (ESG), no ano de 1948. Essa escola militar brasileira foi estabelecida tendo como referência o National War College dos Estados Unidos, sendo um exemplo claro da continuidade da influência militar norte-americana.

A ESG guiava-se por concepções voltadas ao “binômio segurança e desenvolvimento, defendendo para o país um projeto econômico de capitalismo associado internacionalmente”. (VIZENTINI, 1995, p. 43 apud STUMPF, 2010).

Figura 10 - Escola Superior de Guerra (1949)
Fonte: http://www.esg.br

Na década de 1950, as relações militares entre Brasil e EUA assumiram características semelhantes ao que havia ocorrido na década anterior. Segundo

Stumpf (2010, p.134) os militares norte-americanos enxergavam a aproximação com os brasileiros como uma oportunidade para convencer os demais países do continente a adotar as características doutrinárias, técnicas e logísticas norte-americanas, garantindo, assim, a padronização das forças militares na região.

A colaboração entre militares brasileiros e norte-americanos era operacionalizada pelas comissões militares estabelecidas durante a II Guerra Mundial (1939-1945) e pela Junta Interamericana de Defesa. Além disso, foi mantido o fluxo de oficiais brasileiros que realizavam cursos nos Estados Unidos e de oficiais norte-americanos atuando como consultores no Brasil.

Com isso, embora tenham ocorrido restrições no fornecimento de material bélico estadunidense, os EUA procurava manter sua influência na América Latina através de práticas como o treinamento de militares oriundos da região nas escolas estadunidenses.

Em 1952, foi estabelecido o Acordo de Assistência Militar entre a República dos Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos da América. Através desse pacto, o Brasil se comprometeu a fornecer minerais estratégicos como urânio e areias monazíticas para os norte-americanos em troca do fornecimento de equipamentos, serviços e materiais bélicos modernos à época. A vigência do acordo se deu até o ano de 1977, quando o presidente brasileiro Ernesto Geisel decidiu revogá-lo.

No início da década de 1960, a política externa brasileira adotada pelo governo de Jânio Quadros e de João Goulart se caracterizou pela tentativa de afastamento nas relações com os norte-americanos. Diante desse quadro, os EUA buscou intensificar as relações com os militares brasileiros, tendo em vista o bom relacionamento existente desde a década de 1940.

Dessa forma, apesar do afastamento político brasileiro, os norte-americanos destinaram ajuda financeira as tropas brasileiras e aumentaram o número de oficiais latino-americanos em suas escolas militares.

Por ocasião da deposição do presidente João Goulart e a ascensão do marechal Castelo Branco à presidência do Brasil, em 1964, houve uma interrupção do modelo político que estava em vigência. Com isso, o novo governo optou pela reaproximação com os norte-americanos não somente no campo militar, mas também nos campos político e econômico.

A partir daí, o Brasil passou a contribuir ainda mais com a ideia de defesa hemisférica estadunidense e retomou as trocas comerciais que haviam sido colocadas em segundo plano nos anos anteriores.

Cabe ressaltar dois fatos interessantes relativos às questões militares entre os dois países no período. O primeiro, diz respeito à solicitação, por parte dos EUA, de envio de tropas brasileiras para combaterem na Guerra do Vietnã. Diante dessa intenção estadunidense, o presidente Castelo Branco negou o pedido de apoio, mas soube contornar a situação de tal forma que não surgisse um incidente diplomático que viesse a abalar as relações entre as duas nações.

O Segundo fato de interesse se deu em 1965, quando militares brasileiros participaram de uma ação militar de invasão à República Dominicana, encabeçada pelos norte-americanos. Na ocasião, o Brasil enviou um efetivo de cerca de mil soldados para apoiar as ações da chamada Força de Paz Interamericana.

Figura 11 - Militares brasileiros na República Dominicana (1965)
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

A partir de 1967, com a visão política nacionalista do governo Costa e Silva, as relações com os norte-americanos sofreu uma nova orientação. O Brasil buscou o desenvolvimento de uma política externa mais independente e, em função disso, naturalmente surgiram alguns pontos de divergência entre os dois países. De acordo com Silva,

> A política do Brasil em relação aos Estados Unidos sofreu uma reorientação durante o período Costa e Silva, pois o nacionalismo apregoado pelo governo entrava em conflito com os Estados Unidos. Os principais pontos de atrito entre o Brasil e os EUA no período eram a questão da assinatura do Tratado de Não proliferação Nuclear (TNP); as limitações à importação do café solúvel brasileiro; o problema dos têxteis; o Acordo Internacional do Cacau e as cotas de açúcar. A recusa em assinar o TNP defendido pelos EUA, que pretendia o cerceamento das tecnologias nucleares para países em desenvolvimento, foi um dos principais fatos diplomáticos deste governo. Em contrapartida, o Brasil assinou o Tratado de Tlatelolco, em maio de 1967, no México, que previa o uso dessa energia para fins pacíficos e procurava garantir proteção da região contra ataques nucleares. (2005, p. 259).

Portanto, embora o governo Costa e Silva não tenha abandonado, em sua totalidade, a antiga aliança com os norte-americanos, as relações militares entre Brasil e EUA tiveram uma significativa diminuição em sua intensidade no final da década de 1960, diferentemente do que havia ocorrido ao longo do governo de Castelo Branco, nos primeiros anos do Regime Militar (1964-1985).

2.2 CONCEITUAÇÃO DE PENSAMENTO MILITAR E DOUTRINA MILITAR

A partir de uma breve reflexão acerca da História Militar dos povos ao longo da existência humana, pode-se perceber a constante busca pela evolução do pensamento militar e da doutrina militar.

De fato, desde a antiguidade até os dias atuais os exércitos dos mais diversos povos tem buscado o aperfeiçoamento de suas práticas militares e o desenvolvimento de um pensamento militar e de uma doutrina militar adequados que venham a corresponder às exigências impostas pelos conflitos de cada respectivo momento histórico.

Esses termos possuem uma relação direta entre si, não sendo possível falar de um sem mencionar o outro. Sendo assim, conceituá-los foi algo primordial para se alcançar os objetivos da presente pesquisa. De acordo com Garcia:

> A ideia de "pensamento militar" [...] pode ser tomada em sentido estrito e aplicada especificamente à estratégia e à tática militares, ou àquilo que se convenciona chamar de "arte da guerra". É o caso, por exemplo, da doutrina militar, entendida como um "conjunto de princípios e enunciados que servem de fundamento para o uso do poder nacional", pelos quais se sistematiza e se coordena o emprego conjunto das forças singulares de um Estado. Trata-se de como organizar, adestrar e preparar o sistema militar para cada hipótese de guerra. O "pensamento militar" se refere a preocupações profissionais tipicamente militares, tais como estrutura da corporação, planejamento e comando, problemas logísticos, técnicas de

> combate, modalidades e formas de emprego das Forças Armadas. (1997, p. 19)

Refletindo um pouco mais sobre o conceito de doutrina militar, de maneira geral, pode-se entendê-la como um conjunto de preceitos que norteiam a preparação dos exércitos, em toda a sua complexidade, para as situações de conflito, caso haja necessidade do emprego do poder militar.

Em conformidade com o manual C20-1, Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército, “Doutrina Militar é o conjunto harmônico de ideias e de entendimentos que define, ordena, distingue e qualifica as atividades de organização, preparo e emprego das Forças Armadas. Englobam, ainda, a administração, a organização e o funcionamento das instituições militares”.

A doutrina militar também pode ser definida como o conjunto de conceitos, princípios, normas, métodos, processos e valores cujo fim é estabelecer as bases para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas.

Finalizando esta seção, é importante ressaltar que um pensamento militar e uma doutrina militar adequados são fundamentais para que um exército possa cumprir suas missões em sua plenitude. Estudar esses conceitos, conhecê-los e aperfeiçoá-los pode contribuir sobremaneira para que uma força armada esteja cada vez mais preparada para enfrentar os desafios que surgem com as mudanças que ocorrem na arte da guerra.

2.3 CARACTERÍSTICAS DA DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX, ATÉ A DÉCADA DE 1960

2.3.1 A doutrina militar brasileira até 1850

No que tange à doutrina militar brasileira, ao longo do século XIX ocorreram grandes transformações, especialmente a partir da chegada da Família Real portuguesa, no ano de 1808. Essas mudanças abrangeram aspectos como a centralização do comando e reorganização das tropas, regulamentação acerca de uniformes, criação de vários órgãos referentes à defesa e a aplicação de novas formas de recrutamento.

Por ocasião de sua chegada, D. João VI (1767-1826) percebeu, de imediato, a necessidade de centralização do poder militar. “A instalação da corte no Rio de Janeiro propiciou, como consequência político-militar imediata, a unificação do

governo e daquele exército, dividido e repartido pelas capitanias gerais [...]" (BRASIL, 1972, p. 383).

Ocorreu também a unificação das forças milicianas e o fim do antigo sistema de ordenanças, oriundo da organização sebástica de 1570, que foi o alicerce da estrutura militar do Reino e do Brasil por mais de dois séculos. Além desses fatos, houve uma série de medidas com o objetivo de reorganizar as forças militares. De acordo com Barroso,

> O príncipe [...] regularizou o corpo da Brigada Real de Marinha, tornando-o Regimento de Artilharia de Marinha [...] desdobrou mais a Brigada de cavalaria de milícias em dois regimentos e aumentou o batalhão de Caçadores-Henriques, tornando-o regimento [...] Em São Paulo, havia a sua célebre Legião [...] D. João deu nova organização a essas tropas. A legião passou a ter 3 batalhões de infantaria, 4 esquadrões de cavalaria, 2 baterias de artilharia a cavalo e uma companhia de artilheiros-cavaleiros. [...] instituiu-se um regimento de cavalaria de milícias, com estado-maior e quatro esquadrões formados por destacamentos dos três regimentos de cavalaria de milícias da capitania. (1935, p. 27, 28 e 29).

Figura 12 - Armamentos empregados a partir da década de 1820
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

No que tange aos uniformes militares, tendo em vista o melhoramento da apresentação da tropa, elaborou-se um novo plano de uniformes, inspirado no fardamento francês. Ainda conforme Barroso,

> “Em 1808, o governo real publicou um plano de fardamentos especiais para os generais e estado-maior, os quais se aproximavam dos modelos franceses da Revolução e do Império [...] O decreto real para o Exército Brasileiro de 1816, descreve minuciosamente os fardamentos e distintivos de 1ª e 2ª linhas.” (1935, p. 31).

Figura 13 - Modelos de uniformes utilizados pelas tropas de Infantaria
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2007)

Foram criados também, além da Academia Real Militar, novos órgãos relacionados à defesa, tais como: Ministério da Marinha e Ultramar, Ministério da Guerra e estrangeiros, Conselho Superior Militar do Brasil, Casa das Armas, Hospitais Militares, dentre outros.

Pode-se citar também o surgimento de inovações no processo de mobilização das praças, que passou a ocorrer das seguintes maneiras: recrutamento à força, no qual era necessário servir durante 16 anos; o recrutamento voluntário, com duração de 08 anos de serviço; e, o chamado “semestreiro”.

No caso do semestreiro, no primeiro ano os militares serviam ao exército por seis meses. Nos anos seguintes, os militares serviam por um período de três meses a cada ano. De fato, todas essas mudanças vieram a contribuir sobremaneira para a solidificação dos fundamentos do Exército Brasileiro.

2.3.2 A doutrina militar brasileira na segunda metade do século XIX

A partir de 1850, no contexto histórico do Império Brasileiro, houve um despertar, por parte das autoridades militares, da necessidade da profissionalização e modernização do exército. Diante dos avanços tecnológicos e militares dos países

industrializados, as lideranças militares brasileiras procuraram modernizar e profissionalizar o exército, buscando implementar alterações no ensino, na organização e na estruturação de suas tropas. Segundo Stumpf,

> O então ministro da guerra Manoel Felizardo de Souza Mello realizou uma profunda reforma na lei de promoções, estabelecendo rigorosos requisitos de antiguidade, assim como prêmios de instrução, que proporcionaram aos homens modestos chances de competir pelas promoções com membros da elite, uma tentativa de abrir o Exército aos homens de talento. Conforme a legislação em questão estabelecia, para ganhar uma patente, precisava-se: ter dezoito anos, ser alfabetizado e estar no Exército há dois anos. Já as promoções para primeiro tenente e capitão somente ocorreriam por tempo de serviço, após dois anos em cada posto. Porém, como as vagas para promoções demoravam a aparecer, na prática, os oficiais precisariam esperar de quatro a cinco anos, em média, antes de cada nova promoção. Além disso, metade das promoções dos oficiais superiores, de major a coronel, aconteceria por tempo de serviço, e a outra metade por mérito. Destaca-se, também, que as promoções por tempo de serviço exigiriam dez anos ou mais, muitas vezes, até mesmo as promoções por mérito levariam de sete a oito anos. Além disso, oficiais generais seriam escolhidos com base no mérito. Em zonas de combate, por sua vez, existia a possibilidade de os intervalos de tempo entre as promoções serem cortados pela metade; ao passo que, nas armas técnicas, ou seja, a artilharia e a engenharia, as promoções apenas ocorreriam através de estudo até o posto de major, pois a lei de 1850 determinava que todos os oficiais pertencentes a elas, obrigatoriamente, deveriam ter concluído o curso de nível universitário de suas armas e, consequentemente, aqueles que não possuíam diplomas foram transferidos desses corpos para a infantaria e a cavalaria. Assim sendo, “embora a lei de 1850 ainda que fornecesse margem ao favoritismo e à política, ela estabeleceu requisitos mínimos de tempo de serviço e educação, que acelerou com a transformação social e intelectual da oficialidade”. (2010, p.62).

Ainda na década de 1850, houve a criação de uma segunda Academia Militar do Império, situada na então província do Rio Grande do Sul - RS. Outra ação importante foi a transferência das atividades militares práticas que ocorriam na Academia Militar do Rio de Janeiro para a atual região da Praia Vermelha - RJ. Em função disto, os militares formandos passaram a ter um período de internato de 02 (dois) anos antes de irem para os corpos de tropa.

Entretanto, embora tenham ocorrido essas tentativas de profissionalização e modernização na década de 1850, somente após a Guerra do Paraguai (1865-1870) e, principalmente, após a queda da monarquia e a implantação da República, que o Exército Brasileiro realmente pôde vivenciar, de fato, reformas profundas em toda a sua constituição.

Após a Guerra supracitada, João José de Oliveira Junqueira Junior (1832-1887), ministro da guerra entre os anos de 1872 e 1875, estabeleceu algumas mudanças na formação dos militares, que ocorria na Escola Militar na Praia Vermelha - RJ.

O curso de formação militar para oficiais de infantaria e cavalaria passou a ser realizado em 02 (dois) anos e o curso para os oficiais de artilharia em 03 (três) anos. Já o curso para oficiais do Estado-Maior em 04 (quatro) anos e o curso para os engenheiros militares em 05 (cinco) anos.

Outra importante medida do ministro Junqueira, visando suprir as lacunas de efetivo do exército, foi o estabelecimento da polêmica lei de recrutamento militar de 1874. A norma tratava sobre o alistamento universal e estabelecia que todos os homens com idade entre 19 e 25 anos deveriam, obrigatoriamente, servir por seis anos.

Determinava também o sorteio de pessoas com a finalidade de preencher as vagas que não fossem completadas por cidadãos voluntários e as vagas de militares que terminassem o seu tempo de serviço.

No final do século XIX, o Exército Brasileiro estava estruturado da seguinte forma: órgãos de direção setorial, Divisão Territorial Militar, EME, Secretaria da Guerra e Ministério da Guerra. A figura a seguir mostra essa constituição:

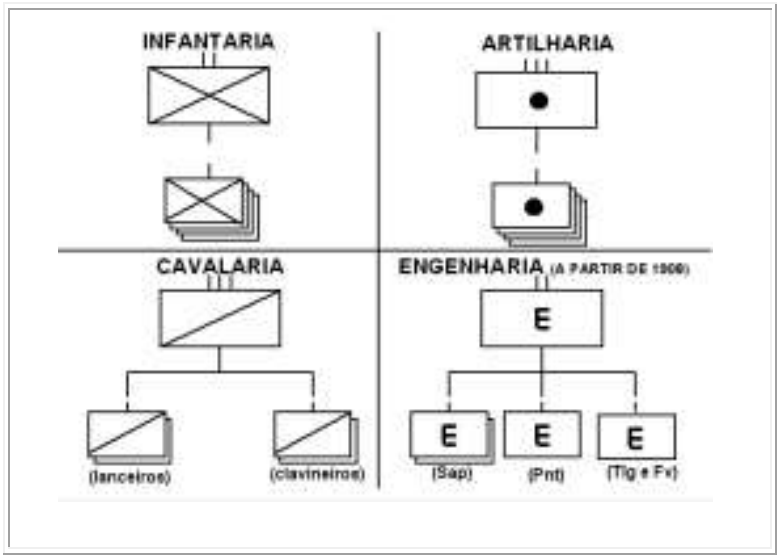
Organograma 1 – Estruturação do Exército Brasileiro no final do século XIX
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Segundo Klein,

> A Divisão Territorial Militar compreendia sete Distritos Militares (antigo Comando das Armas), onde se encontrava a força terrestre. Esta contava com as armas de infantaria, cavalaria e artilharia, que grupadas formavam as Brigadas comandadas por um coronel. As unidades do Exército, em sua maioria, concentravam-se no Rio Grande do Sul (35%), Rio de Janeiro

> (10%) e Mato Grosso (5%). Seu efetivo total beirava os 18.000 homens. O Batalhão de Infantaria organizava-se a quatro companhias, tendo como armamento individual o Fuzil Mauser modelo 1891. Os regimentos de Cavalaria contavam com quatro esquadrões, sendo dois de lanceiros e dois de clavineiros. Os regimentos de Artilharia eram a quatro baterias, sendo cada uma a quatro peças. Usavam, na maioria das unidades, o Canhão Krupp 75 mm (tiro lento). Além disso, havia os Batalhões de Artilharia, que guarneciam as fortalezas. Os Batalhões de Engenharia organizavam-se a duas Companhias de Sapadores, uma de Pontoneiros e uma de Telegrafistas e Ferroviários. Em 1908 a Engenharia surge como arma.[3] (2001).

A figura a seguir apresenta a constituição das especialidades do exército no final do século XIX e início do século XX:



Organograma 2 – Estruturação do Exército Brasileiro no final do século XIX
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

2.3.3 A doutrina militar brasileira do início do século XX até a década de 1960

2.3.3.1 Até o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

O desastre militar em Canudos (1896-1897) reforçou o processo de percepção, por parte dos comandantes de então, da necessidade da concretização de reformas no exército. Com isso, no final do século XIX iniciou-se um surto renovador na gestão do então ministro da guerra marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet (1898-1902).

---

[3] Conteúdo retirado do CD de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras.

O exército foi reestruturado e o ensino das escolas foi reorganizado. Com isso, em 24 de outubro de 1896, diante das novas concepções doutrinárias, foi criado o Estado-Maior do Exército que, em janeiro de 1899, foi regulamentado e instalado, vindo a propor várias reformas nos mais diferentes setores, sendo um marco de uma nova fase para o Exército Brasileiro.

O EME tinha por missão auxiliar o governo na preparação das tropas para o combate, tendo como atribuições principais orientar acerca da instrução, realizar a mobilização, preparar as operações de guerra, além de realizar um estudo detalhado acerca do emprego militar em situações de combate real.

Entretanto, o comando do exército percebeu que havia a necessidade de uma maior qualificação para os militares que viessem a preencher as vagas do novo Estado-Maior recém-criado.

Dessa forma, chegou-se à conclusão da necessidade de se criar uma escola voltada especificamente para os altos estudos militares. Com isso, no ano de 1905, foi criada a Escola de Estado-Maior que, a partir de 1955, passaria a ser denominada Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Outro destaque foi o impulso dado à reforma militar pelo então ministro da guerra marechal Hermes da Fonseca (1906-1909). O marechal contribuiu sobremaneira para a modernização do Exército, criando em caráter permanente as grandes unidades e introduzindo o serviço militar obrigatório por meio da Lei n° 1860, de 4 de janeiro de 1908[4].

O marechal também contribuiu sobremaneira para a modernização do ensino militar ao enviar turmas de oficiais para realizarem estágios em unidades militares do Exército Alemão, cuja doutrina era a mais avançada da época. Dentre estes militares, surgiu um grupo que foi apelidado de Jovens Turcos.

Estes jovens fundaram, em 1913, a revista militar “A Defesa Nacional”, referencial para a evolução do pensamento militar brasileiro. Por meio dela, propagaram novas técnicas e táticas militares, defenderam a profissionalização do militar e contribuíram com a modernização do Exército Brasileiro.

---

[4] Essa norma regularizava o alistamento e o sorteio de civis para ingressarem na vida castrense, além de estabelecer diretrizes para reorganizar o Exército.

Outro fator que influenciou a evolução das instituições militares foi a eclosão da I Guerra Mundial (1914-1918). Diante das inovações no pensamento militar e na arte da guerra, ao longo do conflito, houve um sentimento mais forte, por parte das autoridades brasileiras, da necessidade do melhoramento das Forças Armadas.

Conforme afirma Gigolotti (2003, p.554), “A partir de 1915, o poeta Olavo Bilac (1865-1918) empenhou-se numa grande campanha [...] a favor do serviço militar obrigatório [...] O efeito dessa campanha foi extraordinário [...] houve um despertar de energias não apenas nos quartéis, mas em todo o país.”

Em 1916, pela primeira vez no país, em cumprimento a Lei 1860, realizou-se o sorteio dos convocados para o serviço militar obrigatório. No período em questão, o exército viria a consolidar sua estrutura, possibilitando a inclusão de reservistas em grande escala e favorecendo uma mobilização eficaz em caso de guerra.

A extinção da Guarda Nacional, em 1918, também foi um fator de grande importância que contribuiu para a evolução do exército. A Guarda havia sido criada em 1831, durante a Regência Trina Permanente. Foi inspirada no modelo de segurança francês, no qual o governo havia transferido a segurança do país para o próprio povo.

Com o passar do tempo, ela veio a se tornar um entrave para o desenvolvimento operacional e institucional do Exército Brasileiro e acabou sendo extinta. Já em 1923, o serviço militar foi regulado por meio de sorteio, através do Decreto nº 15.934, de 22 de janeiro daquele ano.

Essa norma também legislou acerca de mudanças estruturais relativas as Regiões Militares. Pode-se citar, por exemplo, a extinção da 7ª Região Militar e sua transformação em comando da 8ª Região Militar, cuja sede foi estabelecida na cidade de Belém - PA.

No processo de mudanças que o exército vinha sofrendo, percebeu-se a necessidade de melhorar a formação dos oficiais da Escola Militar do Realengo. Esse estabelecimento de ensino havia sido fundado no ano de 1913, na cidade do Rio de Janeiro, e possuía um importante papel na formação da oficialidade brasileira. Ela funcionou até o ano de 1944, quando foi substituída pela Academia Militar das Agulhas Negras.

Figura 14 - Escola Militar do Realengo
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Em 1918, foi estabelecido, pela primeira vez, um concurso para a seleção de um quadro de instrutores para a Escola Militar do Realengo. Esta foi uma medida de grande importância para a modernização da instrução militar e contribuiu com a origem da Missão Indígena.

Conforme Denys (1985, p.5) afirma, o grupo de instrutores que assumiu, em 1919, parte fundamental da estrutura de ensino militar do exército ficou conhecido como Missão Indígena. Esse nome foi adotado pelo fato de que todos os instrutores eram naturais do Brasil e iniciaram suas atividades na iminência da chegada da Missão Militar Francesa.

A Missão obteve grande destaque, especialmente porque o coronel Eduardo Monteiro de Barros (1864-1942), então comandante da Escola Militar do Realengo, soube orientar e apoiar o novo corpo de instrutores em concordância com as ideias renovadoras estabelecidas pelo comando da Força Terrestre.

Monteiro de Barros empenhou suas energias no aperfeiçoamento da instrução e coordenou a atuação do corpo de instrutores. Com isso, a Missão Indígena foi responsável por uma autêntica revolução no ensino militar e sua atuação repercutiu em efeitos satisfatórios antes mesmo dos resultados obtidos pela Missão Militar Francesa.

Diante da opção brasileira de estreitar seus relacionamentos militares com os franceses a partir dos últimos anos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), abriu-

se o caminho para que a doutrina militar brasileira sofresse importantes influências advindas da doutrina militar francesa. Nas palavras de Netto:

> Nos anos de 1917 e 1918, uma comitiva chefiada pelo General Napoleão Felippe Ache e composta por duas dezenas de oficiais dos mais destacados foi à França para estudarem as operações de guerra. Esta comitiva denominada Missão Aché analisou granadas de mão, fuzis-metralhadoras e materiais de engenharia, posteriormente adquiridos pelo Brasil, sob a influência da doutrina francesa. (2002, p.17).

Figura 15 - Missão Aché, 1918
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Ainda conforme Netto,

> De agosto de 1918 a fevereiro de 1919 foram enviados a França aviadores para estagiar e uma Missão Médica brasileira com a incumbência de colher subsídios para organizar, no Brasil, um hospital com 500 leitos. Em outubro de 1918, esses aviadores organizaram juntamente com uma pequena missão de instrução de aviação francesa a mais nova arma da Aviação. Depois de exaustivas negociações entre os dois governos, em 8 de setembro de 1919, firmou-se afinal o contrato de envio de uma Missão Militar Francesa. (2002, p.17).

Figura 16 - Missão Médica Brasileira, 1919
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Com a Missão Militar Francesa, o ensino militar brasileiro passou por um processo de transformação. Essas mudanças melhoraram sobremaneira o caráter do ensino, aprimorando o pensamento militar e a doutrina militar brasileira. Ainda conforme Netto,

> Nos primeiros dias de março de 1920, desembarcou no Rio de Janeiro o primeiro grupo de instrutores franceses, cerca de trinta oficiais chefiados pelo Gen Maurice Gamelin. A Missão Militar e a Lei de 29 de janeiro de 1919, que remodelou o ensino militar, originaram uma nova e proficiente fase, não apenas no ensino em todas as escolas existentes e nas criadas posteriormente, mas, igualmente, no aperfeiçoamento, eficiência e eficácia da instrução. Foram elaboradas notas de aula, regulamentos e documentação doutrinária, cujo objetivo era uniformizar a instrução nos estabelecimentos de ensino e nos corpos de tropa. No aspecto doutrinário, seguiu-se o que preconizava a “Instrução Provisória sobre o Emprego Tático das Grandes Unidades”, trabalho elaborado por uma das comissões e aprovado pelo Estado-Maior em 1921, com a finalidade de unificar e difundir a doutrina. Nesse documento, a manobra se caracterizava pela primazia do fogo sobre o movimento, ficando este último num plano secundário. Realçava a centralização do comando durante toda a ação, possível graças ao aumento da eficiência dos meios de comunicações. A MMF implantou um método de raciocínio baseado nos quatro fatores da decisão: missão, terreno, inimigo e meios, para solucionar os problemas táticos. (2002, p. 19).

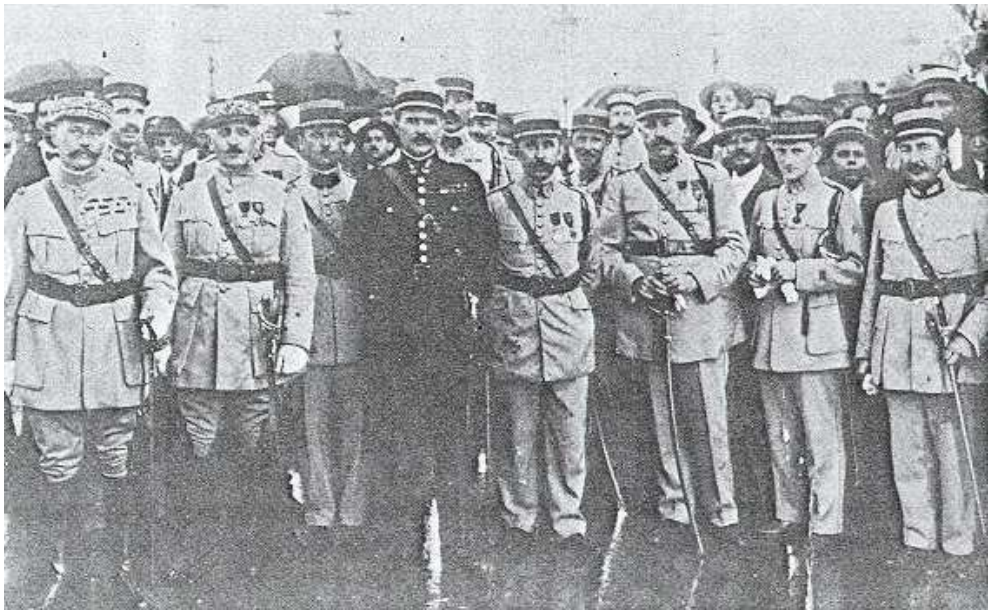


Figura 17 - Missão Militar Francesa, 1920
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Outro fato relevante para a evolução militar brasileira no período em questão foi a vinda da Missão Cartográfica Imperial Militar Austríaca ao Brasil, em 1920. O objetivo da Missão era dar um maior dinamismo ao Serviço Geográfico do Exército Brasileiro. Com isso, os austríacos foram responsáveis pela criação do Instituto Geográfico Militar e pela confecção de uma carta topográfica que mapeou o então Distrito Federal Brasileiro.

Esse instrumento topográfico contribuiu sobremaneira para a realização de exercícios militares envolvendo a artilharia brasileira, uma vez que permitiu a execução de tiros reais com uma maior precisão.

Ao longo da década de 1930, diante do estreitamento das relações político-militares envolvendo Brasil e Estados Unidos da América, foi possível o estabelecimento de acordos que permitiram o envio da Missão Militar Americana para auxiliar as forças militares brasileiras, a partir de 1934.

Figura 18 - Missão Militar Americana, 1934
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

A partir desse momento, o pensamento militar e a doutrina militar brasileira passaram a receber importantes influências estadunidenses. Os novos ensinamentos trazidos alteraram, gradativamente, muitos aspectos daquilo que os franceses viam transmitindo desde sua chegada alguns anos antes.

2.3.3.2 A Força Expedicionária Brasileira

No início da década de 1940 novos acordos militares envolvendo Brasil e EUA surgiram. Um dos pontos mais importantes dos compromissos firmados foi a decisão de que o Brasil enviaria seus militares para combaterem o nazismo no segundo conflito de caráter mundial.

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por meio da Força Expedicionária Brasileira (FEB), representou um divisor de águas em toda a concepção estrutural, organizacional e doutrinária das Forças Armadas brasileiras, particularmente para o exército. Ao longo do conflito, a FEB adquiriu ensinamentos importantes relativos à arte da guerra e ao pensamento militar.

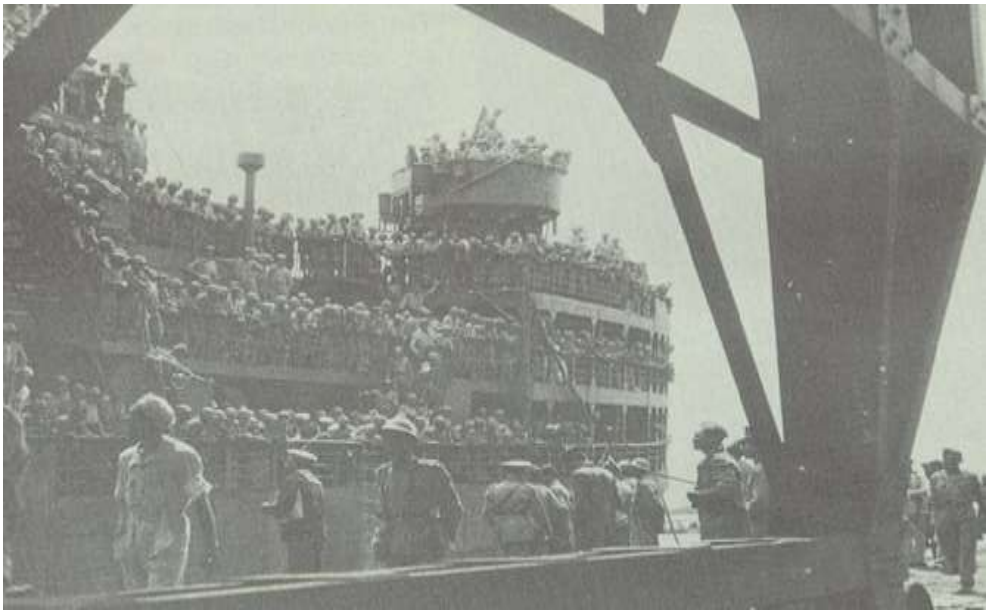


Figura 19 - Partida do 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira, 1944.
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

O general João Batista Mascarenhas de Morais foi designado para ser o comandante da FEB. A estrutura organizacional da Força Expedicionária Brasileira se baseou no modelo norte-americano.

Conforme descreve Netto (2002, p. 28), a FEB foi estruturada tendo um quartel-general, composto pelo estado-maior geral, estado-maior especial e tropa especial, ou seja, elementos de apoio. Além disso, havia a infantaria divisionária que possuía três regimentos de infantaria (RI) comandados pelo general Euclides Zenóbio da Costa, totalizando 9796 homens.

Cada RI era composto por 1 (uma) companhia de comando, 1 (uma) companhia de saúde, 1 (uma) companhia de serviço, 1 (uma) companhia de obuses (seis obuses 105), 1 (uma) companhia de canhões anticarro (nove canhões 57 mm) e 3 (três) batalhões de Infantaria.

Como apoio de fogo havia a artilharia divisionária que, sob o comando do general Oswaldo Cordeiro de Farias, era composta por 1 (um) grupo de obuses auto-rebocados de 155 mm, 3 (três) grupos de obuses auto-rebocados de 105 mm e uma esquadrilha de ligação e observação (ELO).

Havia também o 9º Batalhão de Engenharia, composto por 1 (uma) companhia de comando e serviço, 1 (um) destacamento de saúde e 3 (três) companhias de engenharia. Por fim, pode-se citar o batalhão de saúde, composto por 1 (uma) companhia de triagem e 3 (três) companhias de evacuação.

Ainda de acordo com Netto (2002, p.28), a Infantaria foi motorizada, foram introduzidos o fuzil Garand, os morteiros 60 mm e 81 mm, a bazuca, as metralhadoras leve .30 e .50, o canhão anticarro 57 mm, as minas antipessoal e anticarro e as bombas de gasolina gelatinosa.

Já na Artilharia, houve a criação de uma esquadrilha de ligação e observação, equipada com aviões leves. Essa esquadrilha permitiu uma maior eficiência na realização e condução do tiro. Ocorreu também a substituição dos canhões 75 mm pelos obuses 105 mm e 155 mm, deu-se início ao emprego do material autopropulsado em apoio as formações blindadas e passou-se a empregar radares, sonares e canhões antiaéreos.

A Cavalaria hipomóvel foi motomecanizada, sendo mobiliada com carros de combate que possuíam motores mais potentes e blindagens mais fortes. Dos principais equipamentos adquiridos podem-se citar os carros de combate Sherman, e as viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) Scout car e Half-track.

A Engenharia, por sua vez, também passou por um processo de modernização, recebendo novos equipamentos de emprego militar como os detectores de minas, que exigiam militares com considerável grau de especialização para seu emprego.

Figura 20 - Cordeiro de Farias, Zenóbio da Costa, Mascarenhas de Morais e Falconiére da Cunha (da esquerda para direita), 1944. Itália
Fonte: CPDOC/ CFa foto 183/3

Também é cabível destacar que os uniformes das tropas foram reformulados. Com isso, tendo por base os modelos norte-americanos, surgiram novos fardamentos, mais adequados ao clima e ao emprego militar em combates reais.

Finalmente, é importante destacar que a forma como a Força Expedicionária Brasileira foi estruturada representou uma grande influência da doutrina norte-americana no Exército Brasileiro. Muitos ensinamentos estadunidenses foram absorvidos e passaram a influenciar cada vez mais as fileiras do exército.

2.3.3.3 A partir da Segunda Guerra Mundial até a década de 1960

Após o término da Guerra, com o regresso da Força Expedicionária Brasileira ao Brasil, a doutrina militar norte-americana, fundamentada na motomecanização e nas ações ofensivas, foi fortemente introduzida no currículo escolar das escolas militares brasileiras, em particular na Escola de Estado-Maior e na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Ainda de acordo com Netto,

> Ao retornar vitoriosa da Europa, a FEB trouxe uma grande variedade de ensinamentos, proporcionando uma acentuada alteração na estrutura, na organização e no equipamento de dotação da Força Terrestre, apesar da sua desmobilização no retorno ao Brasil [...]. No campo doutrinário, abandonou-se a defesa estática concebida pela MMF, adotando-se a concepção ofensiva. No final da década de 1940, criou-se a Escola Superior de Guerra (ESG) [...] Cabe destacar que a ESG, seguindo o modelo do "National War College", em Washington, e com a presença de assessores americanos até 1960, sofreu forte influência americana no campo político-econômico, extensivo ao Exército. [...] Criou-se a Escola de Paraquedismo, o núcleo da Divisão Aeroterrestre; a arma de Comunicações e os I, II, III e IV Exércitos, além do comando militar da Amazônia (CMA). [...] Posteriormente, criou-se o quadro de Material Bélico. [...] surgiu um "esboço" de doutrina de emprego da FT, à base de brigadas, como grandes unidades integrantes, em número variável, das divisões de exército. Ao final da 2ª Guerra Mundial, à semelhança da doutrina norte-americana, o Brasil adotou, em tempo de guerra, o exército e o corpo-de-exército como grandes unidades de batalha, e a divisão como a responsável pelo emprego combinado das armas. A DI ou a DC era a maior grande unidade existente em tempo de paz. O corpo-de-exército, um comando interposto entre o exército e a divisão, organizou-se com uma parte fixa, quartel-general e elementos de comando, e um número variável de divisões, unidades das armas e serviços. O corpo-de-exército guardava muita semelhança com as nossas atuais divisões de exército, enquanto que as antigas divisões foram substituídas pelas brigadas (Motorizadas, Mecanizadas e Blindadas), como grandes unidades básicas. Aquelas, como estas, tinham prerrogativas táticas e administrativas, além de possuírem a capacidade de executar o combate de armas combinadas. Dentro desse enfoque doutrinário, o período de 1940 a 1960 organizou o EB em quatro exércitos e dois comandos militares: da Amazônia e do Planalto. (2002, p. 31 e 32).

Figura 21 - Reorganização do Exército a base de brigadas
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

A partir da padronização de programas e métodos, a instrução passou a seguir normas mais uniformes. Dessa forma, foi possível nivelar e sistematizar os conhecimentos, dando fim a grande variedade de documentos que eram elaborados por fontes diversas. Ocorreu também a criação de cursos por correspondência para oficiais, visando mantê-los atualizados em relação às evoluções dos novos processos de combate.

Com relação aos documentos doutrinários, o Estado-Maior do Exército aprovou os manuais “Artilharia de Campanha” (C 6-40), “A Divisão Blindada” (C 7-100), “Operações Especiais” (C 31-50), “Serviço em Campanha e Suprimentos” (C 3-15), dentre outros. Todos esses documentos foram baseados na doutrina militar norte-americana. (NETTO, 2002, p. 41).

Além disso, foi criado o manual de Estado-Maior e Ordens (C101-5) e foi feita a tradução do Manual de Operações (C100-5) norte-americano. “Este manual, com toda a doutrina americana para o EB, destacava o ataque frontal, a ruptura e o fogo como o alicerce de uma boa manobra, assim como uma defesa em larga frente com uma reserva forte para destruir o inimigo.” (NETTO, 2002, p. 39).

No ano de 1951, foi publicado no Boletim do Exército nº 252, de 12 de outubro, algumas mudanças importantes na Lei do Ensino Militar, de 1938. Os cursos militares foram categorizados em grupos de especialização específicos, definidos como básicos, principais e acessórios. Na categoria especialização básica

foram enquadrados os cursos de artilharia antiaérea, artilharia de costa, transmissões para oficiais de engenharia e serviços especializados.

Na categoria especialização principal, foram enquadrados o cursos de transmissões, para oficiais de infantaria, cavalaria e artilharia, o curso em Motomecanização, o curso de Motorização e o curso de Material Bélico.

Finalmente, na categoria especialização acessória, foram relacionados os cursos de Educação Física, classificação do pessoal, equitação, guerra-química e foto-informação.

Nos últimos anos de 1950, diante do aumento da influência comunista na América Latina, o Exército Brasileiro passou a desenvolver doutrinas baseadas nos conceitos de guerra revolucionária e segurança interna. Na década seguinte, essas doutrinas foram aperfeiçoadas e passaram a ser disseminadas nas escolas militares.

Sendo assim, percebe-se que o pensamento militar e, principalmente, a doutrina militar brasileira sofreram inúmeras transformações ao longo do século XX, em especial nos anos posteriores a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, principalmente, nos anos posteriores a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Essas transformações se deram principalmente em função de influências estrangeiras.

Dessa forma, tais modificações permitiram a consolidação de características doutrinárias no Exército Brasileiro que, até os dias atuais, podem ser verificadas nas unidades e escolas militares, nos regulamentos, nas normas e nos procedimentos das forças militares brasileiras.

2.4 A DOUTRINA MILITAR NORTE-AMERICANA NA PRIMERIA METADE DO SÉCULO XX

Ao se analisar historicamente as bases da doutrina militar norte-americana, pode-se perceber que ela está expressa, principalmente, em documentos denominados Field Manuals (FM). De acordo com Silva (2015), o primeiro desses documentos, o Field Service Regulations, United States Army, foi publicado no ano de 1905.

Ainda conforme o autor supracitado, outros volumes, mais voltados para diferentes aspectos da organização militar, foram lançados ao longo das décadas. Contudo, os três principais manuais que formam os fundamentos doutrinários norte-americanos são o Field Service Regulations, Operations, FM 1005, o Field Service Regulations, Larger Units, FM-100-15 e o Field Service Regulations Administration,

FM 100-10, que aborda matérias de caráter organizacional e logístico do exército em campanha.

2.4.1 As duas primeiras décadas do século XX

Nas duas primeiras décadas do século XX, o pensamento militar e a doutrina militar estadunidenses eram consideravelmente influenciados pelas ideias francesas. “A influência francesa [...] já existia desde o final do século XVIII [...]. Os EUA [...] procurou neste período se inspirar na nação dominante no campo militar, a França Revolucionária, e importou e adotou seu pensamento militar[5].”

> O Método de Combate Francês consistia de um sistema tático simplificado que provia comandantes com uma variedade de formações e movimentos táticos incluindo linhas, colunas de ataque, batedores, e uma fórmula não dogmática para a batalha. O MCF organizava sua ordem de batalha em linhas, consistindo de unidades desdobradas de acorda com a iniciativa dos comandantes individuais, o uso agressivo de uma reserva, e a crença na ação ofensiva, culminando em uma carga de baionetas através da formação inimiga. Este método requeria uma infantaria padronizada e universalmente treinada, capaz de cumprir todas as funções de infantaria leve ou pesada. É essa herança da Revolução Francesa, mais do que qualquer mudança organizacional ou manobra em campo de batalha de Napoleão, que o Exército dos Estados Unidos adotou a partir da Guerra de 1812[6].

A partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os líderes militares estadunidenses, diante dos ensinamentos colhidos no referido conflito, passaram a desenvolver novas técnicas de combate que viriam a produzir mudanças em sua doutrina militar.

Com isso, nos anos posteriores ao conflito mundial, os pensadores militares norte-americanos passaram a buscar um gradativo afastamento das influências doutrinárias francesas, a partir do desenvolvimento de uma doutrina militar com caráter estritamente nacional.

Personalidades como o general John J. Pershing (1860-1948) e o general George Catlett Marshall (1880-1959), foram figuras fundamentais para que esse processo de renovação e reestruturação da doutrina militar norte-americana pudesse ser bem sucedido.

---

[5] Bonura (2008 *apud* SILVA, 2015, p. 112).
[6] Bonura (2008 *apud* SILVA, 2015, p. 112).

2.4.2 A redução do efetivo militar

Após a I Grande Guerra (1914-1918), surgiu um grande dilema no seio da sociedade norte-americana com relação à nova estruturação que deveria ser dada ao Exército dos EUA. Por um lado, havia a preocupação em se manter um exército forte e capacitado para enfrentar possíveis novos conflitos e, por outro, existia a preocupação com os altos custos necessários para se manter essa força em operação. Segundo Klein:

> Logo após o final da I Guerra Mundial, com o armistício de 1918, o Departamento de Guerra americano tentou persuadir o Congresso a autorizar o estabelecimento de um exército regular permanente de aproximadamente 600.000 homens. Propôs, ainda, a implantação de um sistema universal de treinamento de três meses de duração que permitiria a rápida expansão da Força Terrestre no caso de envolvimento americano em um conflito de proporções semelhantes às da I GM. O Congresso e a opinião pública americanos rejeitaram aquelas propostas, posto que era difícil acreditar-se que tão cedo uma Alemanha derrotada e uma Europa arrasada pela guerra pudessem envolver o mundo em outro grande conflito. Embora a possibilidade de guerra com o Japão fosse reconhecida, as lideranças americanas concordavam que essa guerra teria um caráter primordialmente naval. Na verdade, o fator fundamental da política militar dos EUA, durante o período entre guerras, foi priorizar a Marinha dos Estados Unidos como a primeira linha de defesa nacional. Outro fator básico que determinou o caráter do Exército no período entre guerras foi a decisão dos EUA de não participar da Liga das Nações e, portanto, não estar comprometido com qualquer atividade da comunidade internacional de manutenção da paz em nível mundial. O povo americano, face a esta postura, mostrou-se favorável a apoiar um Exército que não fosse maior do que o necessário para defender a área continental americana, bem como, seus territórios e possessões ultramarinas. (2001).

Diante desse quadro, o Exército dos EUA realizou uma grande desmobilização dos militares que haviam combatido na I Guerra Mundial através de dezenas de centros de desmobilização. Na ocasião, mais de três milhões de militares foram desmobilizados e a preocupação principal do Departamento de Guerra norte-americano passou a ser a manutenção de um efetivo mínimo necessário para cumprir as demandas militares do tempo de paz.

Com isso, nos anos que se seguiram ao fim da Grande Guerra, o Exército dos Estados Unidos reassumiu um caráter de uma força regular composta por cidadãos voluntários, conforme era antes do referido conflito, com o efetivo de aproximadamente 230 mil homens.

2.4.3 O emprego militar das tropas no pós-guerra

Nos primeiros anos do pós-guerra a sociedade norte-americana vivenciou uma série de conflitos internos por causa de movimentos sindicais e questões raciais. Nesse momento, a Guarda Nacional dos EUA ainda não havia sido reorganizada e em função disso, as tropas militares norte-americanas tiveram que desempenhar determinadas missões de caráter interno, para suprir a deficiência na segurança interna do país.

Além disso, ocorreram conflitos nas regiões da fronteira com o México, que vivenciava uma revolução. Na ocasião ocorreram ataques militares ao território continental dos EUA por parte de mexicanos sob a liderança de Pancho Villa. Naquele momento, as forças militares norte-americanas também precisaram ser empregadas para controlar os conflitos.

No cenário internacional posterior a I GM, também ocorreu, em pequenas proporções, o emprego de tropas do Exército dos EUA em países europeus. Como exemplo, pode-se citar a manutenção de efetivos militares norte-americanos na Alemanha durante os cinco anos seguintes ao conflito supracitado.

Outro exemplo, foi o envio de milhares de militares para a Rússia, tendo em vista combater o avanço das forças de esquerda que lutavam numa guerra civil pelo poder russo, entre os anos de 1918 e 1920. Por ocasião do retorno das tropas empregadas na Alemanha e na Rússia, os americanos ainda mantiveram tropas em missões militares fora do país.

Cerca de mil homens foram enviados a China após a Revolução de 1911-1912 e permaneceram no país até 1941, defendo os interesses estadunidenses. Outro exemplo foi um efetivo de soldados norte-americanos que permaneceu em Shangai durante cinco meses ao longo do ano de 1932.

2.4.4 A reorganização das tropas militares

2.4.4.1 O Ato de Defesa Nacional

Um dos principais marcos na reorganização militar norte-americana no pós-guerra foi o Ato de Defesa Nacional, de 4 de junho de 1920. O documento estabeleceu como se daria a organização e regulamentação do Exército Americano até a metade do século XX. Certamente, ele teve um papel de grande importância na evolução da doutrina militar americana de então.

A partir desse Ato, o Exército dos EUA passou a ser estruturado como uma organização fundamentada em três componentes principais: O Exército Regular Profissional, a Guarda Nacional e o Corpo de Reserva (oficiais e praças). Outro ponto importante foi o reconhecimento da prática de manter as Forças Armadas em tempo de paz com um contingente relativamente pequeno, mas que poderia rapidamente ser expandida visando às exigências de um conflito armado.

Para tal, haveria a necessidade constante de um grande efetivo de civis mobilizáveis, para que se preciso houvesse a rápida formação de um exército forte. De acordo com Klein,

> [...] o Exército foi autorizado a manter um efetivo máximo de 17.726 oficiais (mais de três vezes o efetivo real do Exército Regular antes da I GM). O Exército também foi autorizado a manter um efetivo máximo de 280.000 praças, sendo que todo o efetivo autorizado (oficiais + praças) dependia evidentemente dos recursos orçamentários governamentais aprovados pelo Congresso. Em contraste com a prática anterior (treinamento do contingente profissional), o treinamento do contingente civil tornou-se a maior tarefa do Exército Regular. (2001).

A I GM promoveu mudanças radicais nos aspectos táticos, no emprego e desenvolvimento de novos armamentos e na própria logística da guerra. Essas transformações foram observadas pelos norte-americanos e influenciaram significativamente o conteúdo do Ato de Defesa em pauta.

Dessa forma, o documento teve como parte de seu conteúdo a autorização para que o exército criasse novos segmentos em sua estrutura organizacional. Surgiram então os segmentos de serviço aéreo, guerra química e o departamento de finanças.

Ademais, a Infantaria estadunidense incorporou em sua estrutura organizacional uma nova forma de combater surgida na Guerra, o emprego do Corpo de Carros de Combate, denominado Tank Corps.

Por fim, o Ato de 1920 também deu diretrizes sobre a mobilização de civis e sobre questões referentes a operacionalidade. Foi estabelecido que o Departamento de Guerra seria responsável pelo planejamento da mobilização e da preparação para o caso de um combate real.

Definiu-se também que os aspectos operacionais ficariam sob a responsabilidade do Estado-Maior do Exército. Já o planejamento e a supervisão da

mobilização industrial estariam sob a supervisão do assistente do secretário da guerra.

2.4.4.2 A influência do general Pershing

O general John J. Pershing (1860-1948) foi o comandante da Força Expedicionária Americana (AEF) que auxiliou as forças aliadas contra os combatentes alemãs durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No início da Guerra, o efetivo das tropas a comando de Pershing era de cerca de 130 mil homens, número que aumentou ao longo do conflito e chegou a dois milhões de combatentes.

O general implementou um rígido sistema de disciplina e adestramento que transformou soldados pouco preparados para o combate em eficientes combatentes. Alguns anos após o conflito mundial, em 1921, o general Pershing se tornou o chefe do Estado-Maior do Exército Norte-Americano.

Na ocasião, ele se valeu das experiências adquiridas na Guerra e reorganizou o Departamento de Guerra em acordo com o modelo de seu quartel-general na França, incluindo cinco seções: G-1, Pessoal; G-2, Inteligência; G-3, Operações; G-4, Suprimento; e a Divisão de Planos de Guerra, que era responsável pela elaboração de planos para guerras eventuais com nações isoladas, os denominados “color plans”.

Outras mudanças significativas diziam respeito a defesa do território norte-americano e a forma de emprego das unidades básicas do exército. Novamente conforme Klein,

> O território americano continental foi dividido em nove áreas, ficando cada área sob o encargo de um Corpo de Exército. A divisão, mais do que o regimento, tornou-se a unidade básica do exército, especialmente em se tratando de planejamento para mobilização. Cada Corpo de Exército era composto de seis Divisões de Infantaria, a saber: 01 Divisão do Exército Regular; 02 Divisões da Guarda Nacional e 03 Divisões da Reserva. Além dessas organizações militares, uma Divisão de Cavalaria foi encarregada de patrulhar a fronteira com o México, bem como foram organizadas unidades de nível divisão no Havaí e nas Filipinas. (2001).

2.4.4.3 A valorização do ensino militar no pós-guerra

Como lição aprendida ao longo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os norte-americanos perceberam a importância de se ter militares bem instruídos e preparados pra atenderem as novas exigências do combate moderno.

Com isso, passaram a dar uma grande atenção para o ensino militar do país. Isso foi expresso de forma clara no Ato de Defesa Nacional que enfatizava a importância de se manter contingentes mobilizáveis prontos em tempo de paz, para possíveis situações de beligerância.

As duas principais escolas militares que formavam os oficiais do exército eram a Academia Militar dos Estados Unidos (USMA), também conhecida como academia de West Point, e os Reserve Officer's Training Corps (ROTC), que eram os corpos de treinamento responsáveis por formar os oficiais da reserva. Além dessas escolas militares, haviam outras escolas que prestavam serviços especiais fornecendo cursos e treinamento militar para diversos militares de todo o exército.

Existiam ainda estabelecimentos de ensino militar que tinham por missão específica fornecer a formação de alto nível dos oficiais do exército. O primeiro deles, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, localizava-se no Forte Leavenworth, Kansas, e era responsável por questões referentes às funções de Estado-Maior e de comando de grandes unidades.

Havia também o Colégio de Guerra do Exército, Army War College, localizado na capital Washington, que recebia alguns alunos do Forte Leavenworth e especializava-os em assuntos de guerra de caráter estratégico.

Já em 1924, foi criado o Colégio Industrial do Exército, Army Industrial College. Esse estabelecimento de ensino tinha como preocupação principal as questões relativas à logística em combate. Sua criação demonstra nitidamente os ensinamentos colhidos pelos norte-americanos, na Primeira Guerra, referentes à importância das atividades logísticas para os combates modernos.

As escolas militares tiveram um importante papel na preparação de civis em tempo de paz para uma possível mobilização em caso de guerra. Houve o treinamento de inúmeros civis e isto permitiu uma maior aproximação entre o exército e a sociedade em geral, que passou a familiarizar-se com a realidade dos soldados profissionais.

Sendo assim, no período entre 1918 e 1939 centenas de milhares de civis foram capacitados com treinamento militar. Num primeiro momento, a maior parte deles mobiliou a Guarda Nacional, mas com o passar do tempo, no início da década de 1940, eles passaram a integrar os contingentes que lutaram contra a Alemanha nazista e seus aliados.

2.4.5 As reformas do general Marshall

O general George Catlett Marshall (1880–1959) foi um destacado militar norte-americano que desempenhou funções de grande importância durante e após a 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Em toda a Guerra ele teve a missão de chefiar o Estado-Maior do Exército Americano e após o conflito foi nomeado secretário de estado norte-americano pelo presidente Truman.

Figura 22 - General George Catlett Marshall (1880–1959)
Fonte: br.pinterest.com

Nos anos imediatamente anteriores ao segundo conflito mundial, o Exército Americano possuía um efetivo de cerca de 190 mil militares. Aproximadamente 40 mil desses combatentes operavam em territórios estrangeiros e os que atuavam em solo norte-americano estavam dispersos em dezenas de postos espalhados pelo país. A maior parte desses postos se localizava em organizações militares nível batalhão.

> Os corpos de exército se resumiam a comandos territoriais administrativos e os exércitos de campanha existiam apenas no papel. Os soldados eram dotados do antigo fuzil springfield M1903, usavam o velho capacete de aço de estilo britânico e dependiam da Mtr .50 para a defesa anticarro, já que os canhões de 37mm eram raros. (KLEIN, 2001).

George Marshall, ao longo de sua carreira foi instrutor de importantes escolas militares e reconhecia a importância de um bom ensino para a formação de líderes militares competentes. Ele era um defensor da ideia de que os conhecimentos

teóricos dos bancos escolares deveriam ser acompanhados por constantes sessões práticas em atividades de campanhas militares.

Quando o general Marshall assumiu as funções de chefe do Estado-Maior do Exército, em setembro de 1939, já nos primórdios da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ele percebeu, de imediato, que o tempo para cumprir a tarefa de preparar um exército capaz de atender as demandas de um grande conflito era curto e que, para atingir tal objetivo, um enorme esforço seria necessário.

Sendo assim, em 1940, Marshall colocou em vigor algumas medidas com o objetivo de resolver os problemas que seu exército enfrentava. Foram emitidas diretrizes para que, em caráter emergencial, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, habilitasse uma quantidade de oficiais maior do que o normal em assuntos estratégicos, visando prover o exército que se expandia.

Além disso, o general gerenciou o processo de produção de novos manuais que incorporavam as doutrinas mais modernas à época. O general também foi o grande responsável por, em abril de 1940, colocar em prática grandes manobras militares que envolveram dezenas de milhares de soldados em exercícios de nível exército de campanha e corpo de exército.

Figura 23 - Manobras norte-americanas organizadas pelo Gen Marshall, 1940
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Essas medidas permitiram ao exército a aquisição de valiosos aperfeiçoamentos doutrinários que culminaram com a estruturação de novas

divisões de exército. Um ano mais tarde, também sob a inspiração do general, foram realizadas as chamadas manobras militares de grande comando.

Elas foram responsáveis, dentre outras coisas, por complementar a preparação do Exército Norte-americano para o seu emprego real na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na região norte do continente africano.

No que diz respeito à organização dos grandes comandos das tropas norte-americanas, conforme descreve Netto,

> [...] o grupo de exércitos era o mais alto grau de comando terrestre dos exércitos americanos [...] e visava o cumprimento de missões de caráter estratégico. Coordenava as ações de dois ou mais exércitos de campanha. Este executava operações estratégicas, planejava e conduzia as operações táticas dos corpos-de-exército. O corpo-de-exército conduzia a operação tática com número variado de divisões e unidades de apoio ao combate, de acordo com a missão e a situação. A predominância de determinado tipo de divisão indicava a natureza do C Ex: Blindado, Aeroterrestre, Montanha e Mecanizada. A divisão era a grande unidade básica formada por grupamentos táticos constituídos de regimentos de infantaria (Cavalaria), grupos de artilharia de campanha (GAC) calibre 105 e 155 e a companhia de engenharia. Criou-se a divisão blindada. (2002, p. 30).

Finalmente, é importante salientar que sob a liderança do general Marshall o Exército dos EUA vivenciou um considerável processo de transformação, tanto quantitativo quanto qualitativo. Seu efetivo saltou de cerca de cento e oitenta mil integrantes, às vésperas da Segunda Guerra, para um quantitativo de mais de oito milhões de militares ao fim do conflito, em 1945.

Além disso, o excelente desempenho das tropas em combate mostrou a qualidade do trabalho de preparação que foi empreendido pelos comandantes militares e em particular pelo general George Marshall.

2.4.6 A evolução doutrinária das divisões norte-americanas a partir de 1940

Até o ano de 1939, as divisões de infantaria norte-americanas possuíam uma organização quaternária, com duas brigadas de infantaria, cada uma com quatro batalhões, e uma brigada de artilharia. Essa organização era a mesma do período da Primeira Guerra Mundial.

Contudo, a partir de 1939 as divisões estadunidenses passaram a ter uma organização ternária, empregando três batalhões de infantaria nas suas brigadas. No ano de 1940, quando ocorreram as grandes manobras militares em solo norte-americano, promovidas pelo general Marshall, foi possível identificar as deficiências

existentes nas tropas, quanto aos aspectos técnicos, táticos, logísticos e organizacionais.

A partir dos ensinamentos aprendidos nesses exercícios militares, as divisões de infantaria foram reorganizadas de uma forma mais adequada para o combate. A tabela abaixo permite uma maior compreensão das mudanças ocorridas:

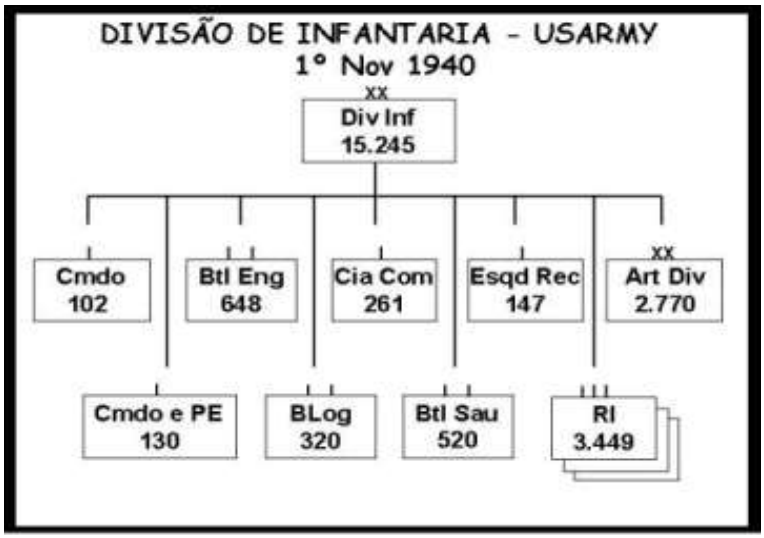
Divisão de Infantaria em 1940			
Arma/Especi-alização	**Evolução Organizacional/tática**	**Organização Anterior**	**Observações**
INFANTARIA	a) General de brigada assistente do comandante da divisão.	- Seção de infantaria divisionária (comandada por um general de brigada).	- Diminuição do efetivo do quartel-general divisionário.
	b) Centralização das armas anticarro.	- Descentralizadas.	- Para fazer face as operações do tipo blitzkrieg alemã os meios anticarro foram centralizados nos Regimentos de Infantaria, formando companhias AC regimentais dotadas de canhões de 37mm; - Nos Batalhões de Infantaria, o número de armas anticarro (Mtr.50) foi dobrado.
	c) Aumento do apoio de fogo nos Batalhões de Infantaria.	-	- Para alvos de oportunidade a companhia de apoio (petrechos pesados) do Batalhão de Infantaria recebeu mais morteiros 81mm, sendo que três morteiros 60mm foram distribuídos por Cia de Fuzileiros.
ARTILHARIA	a) General de brigada comandante da Artilharia Divisionária (AD).	- Não havia.	- Comando e controle do apoio de fogo divisionário.
	b) Comando e bateria comando.	- Seção de artilharia de campanha do quartel-general divisionário.	- Responsável pelo centro de controle de direção de tiro.

	c) Quatro Batalhões (Grupos) de Artilharia de Campanha.	-	- Três batalhões em apoio direto, dotados de obuseiros de 105 mm; - Um batalhão em ação de conjunto, dotado de obuseiros de 155mm e de canhões de 75mm destinados principalmente à defesa anticarro; - Cada Batalhão de Artilharia era dotado de 06 (seis) canhões de 37mm AC.
CAVALARIA	- Esquadrão de reconhecimento	- Não havia.	- A fim de atender ao aumento de extensão da zona de ação dos campos de batalha.
SAÚDE	- O Batalhão de Saúde passou a funcionar com três companhias de saúde.	- 01 Companhia de Saúde.	- A fim de atender ao aumento de efetivo, facilitando as ações de atendimento, triagem e evacuação.
-	O efetivo da Divisão de Infantaria atingiu um total de 15.245 oficiais e praças.	-	- O poder de combate ainda focado nos três Grupamentos Táticos Regimentais (Combat Teams[7]).

Quadro 1 – Evolução doutrinária norte-americana em 1940
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

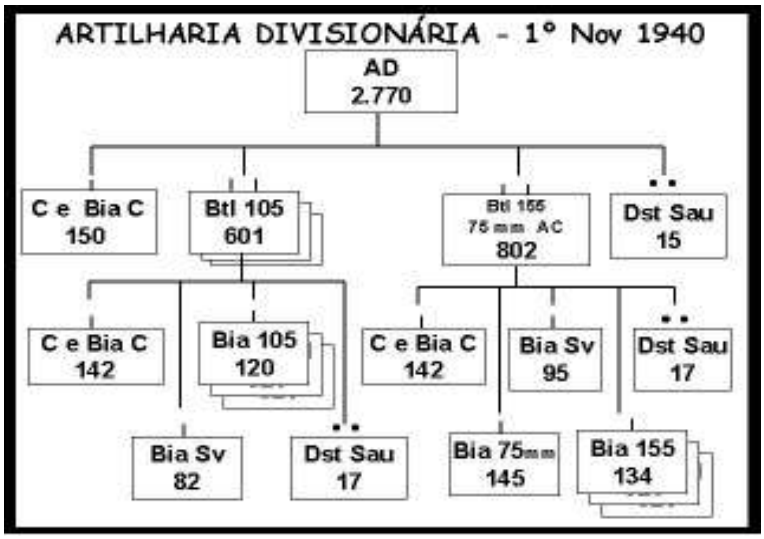
[7] Em uma Divisão de Infantaria americana, Grupamento Tático era um conjunto de forças constituído basicamente por 01 RI, 01 Btl (Grupo) de Artilharia e de elementos essenciais de outras armas em proporção adequada. Sua composição variava de acordo com a natureza e amplitude da missão a ser cumprida.

- Divisões de infantaria em 1940:



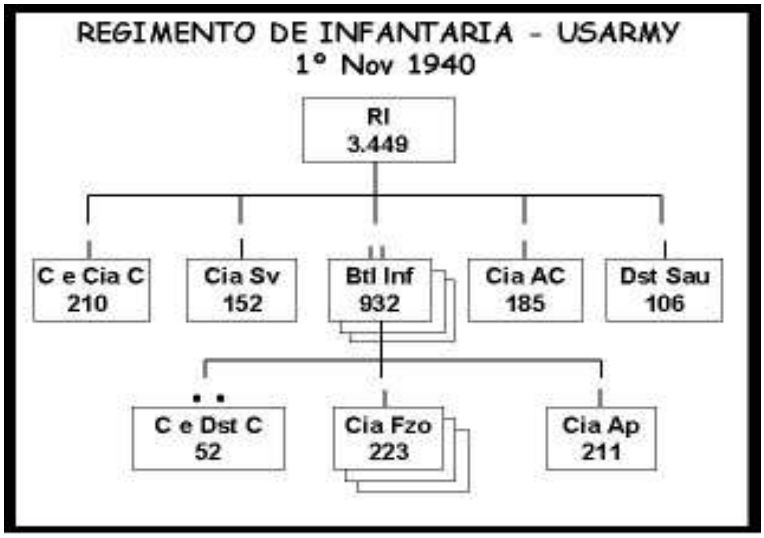
Organograma 3 – Estruturação das divisões de infantaria em 1940
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

- Artilharia divisionária em 1940:



Organograma 4 – Estruturação da artilharia divisionária em 1940
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

- Regimento de Infantaria em 1940:



Organograma 5 – Estruturação dos regimentos de infantaria em 1940
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

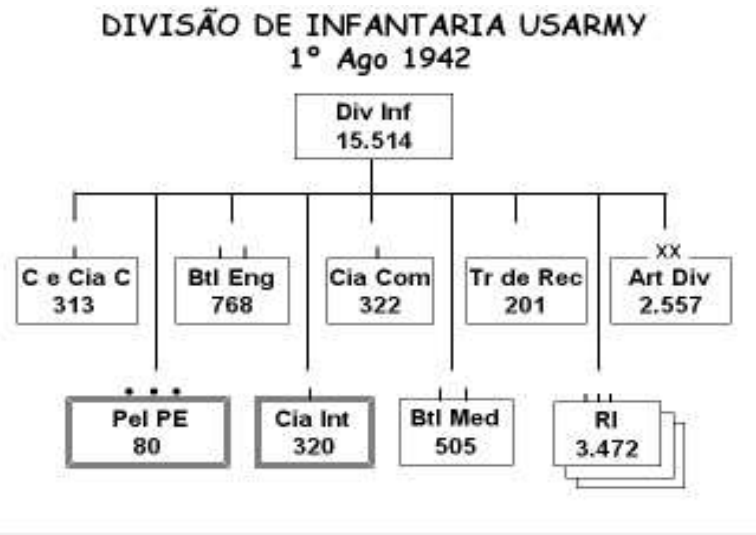
As manobras militares de Grande Comando de 1941 foram realizadas e permitiram que novos ensinamentos surgissem. Com isso, mais uma vez ocorreram importantes transformações na estrutura e no emprego tático das divisões norte-americanas. A tabela abaixo consolida as principais mudanças ocorridas nas divisões de infantaria:

Divisão de Infantaria em 1942			
Arma/Especi-alização	**Evolução Organizacional/tática**	**Organização Anterior**	**Observações**
INFANTARIA	a) Pelotão de polícia do exército (PE) divisionário.	- A polícia do exército era parte da companhia de comando da divi-são.	- Maior flexibilidade para o cumprimento das missões de polícia do exército.
	b) Companhia de canhões (artilharia) inte-grando o regimento de in-fantaria.	- Não Havia.	- Visando prover o Regimento de Infantaria de apoio de fogo de artilharia cerrado e contínuo (acom-panhando a velocidade de movimento da infantaria).
	c) Banda de música.	- Não Havia.	- Incorporada na companhia de comando do Regimento de Infantaria.

ARTILHARIA	a) Batalhão de Artilharia 155 é dotado de 12 peças de 155 mm.	- Não havia.	- Aumento do poder de fogo.
	b) Can 75 mm são eliminados do Batalhão de Artilharia 155mm.	- 01 Bia 75mm.	- Peças alocadas para unidades anticarro.
	c) Banda de música.	- Não Havia.	-
CAVALARIA	- O esquadrão de reconhecimento da Divisão de Infantaria foi dotado de 10 carros de combate leves.	- 16 viaturas de reconhecimento.	- Visando melhorar a capacidade de reconhecimento.
LOGÍSTICA	- Companhia de Logística Divisionária.	- Batalhão Logístico Divisionário.	- A missão da nova companhia era prover a manutenção leve de material bélico (principalmente material moto) e prover transporte de água, rações de emergência e pessoal; - As atividades de suprimento ligadas a alimentação e combustível, passaram a ser responsabilidades dos regimentos e batalhões independentes, das Divisões de Infantaria.
PROTEÇÃO ANTIAÉREA	- A Divisão de Infantaria foi dotada de 84 metralhadoras .50.	- 60 Mtr .50.	- Visando aumentar a proteção da Divisão de Infantaria contra aeronaves hostis.
-	- O efetivo da Divisão de Infantaria atingiu um total de 15.514 oficiais e praças.	-	-

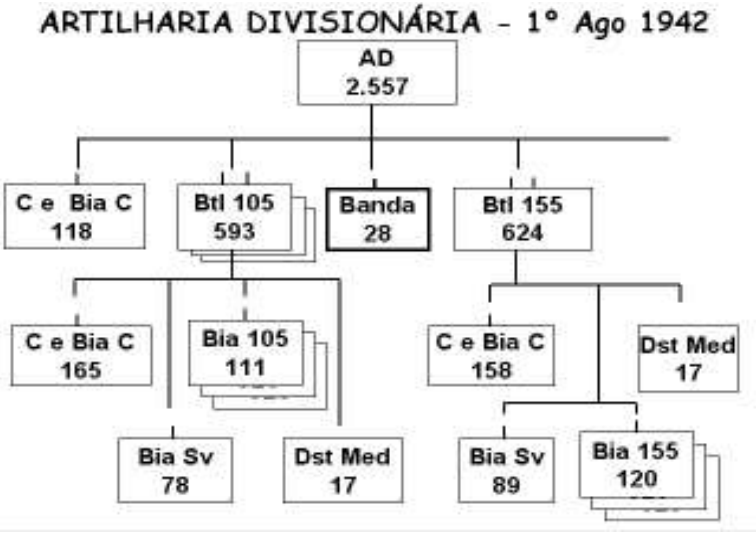
Quadro 2 – Evolução doutrinária norte-americana em 1942
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

- Divisão de infantaria em 1942:



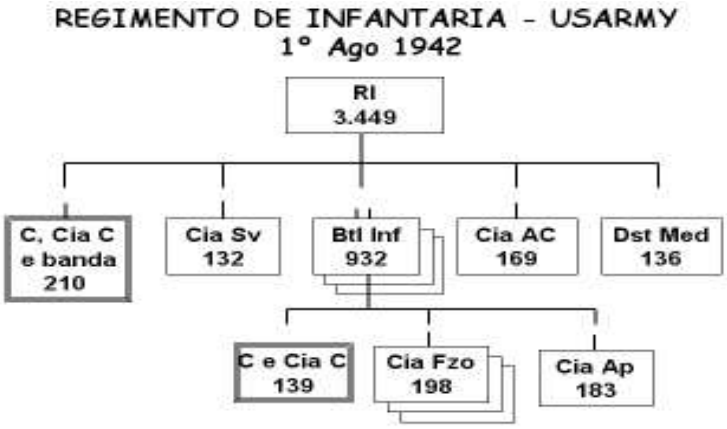
Organograma 6 – Divisão de infantaria em 1942
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

- Artilharia divisionária em 1942:



Organograma 7 – Artilharia divisionária em 1942
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

- Regimento de infantaria em 1942:



Organograma 8 – Regimento de infantaria em 1942
Fonte: Cadeira de História Militar da AMAN (2001)

Além dessas evoluções, as divisões motorizadas foram organizadas com base nas divisões de infantaria. Dessa forma, ocorreram acréscimos nas quantidades de viaturas, aumento de efetivo das companhias de polícia do exército, incorporação de três esquadrões, de uma companhia de Material Bélico e de um Batalhão Logístico em substituição à Cia Logística da DI.

Por fim, é importante ressaltar que ao longo da Segunda Guerra Mundial, o Exército dos Estados Unidos da América vivenciou momentos de grandes transformações em diversos aspectos. Ocorreram mudanças doutrinárias que foram fundamentais para que os soldados norte-americanos lograssem êxito no conflito mundial.

> No período balizado pelo outono de 1939 e final de 1942 o Departamento de Guerra revisou a organização e emprego das Divisões de Infantaria e Cavalaria, desenvolveu e revisou as Divisões Blindadas e Motorizadas e criou as Divisões Paraquedistas. Durante esse período de dramáticas transformações o Exército Americano manteve a ideia básica de três Grupamentos Táticos Regimentais (Regimental Combat Teams) para a Divisão de Infantaria, adotando o mesmo conceito para as Divisões Motorizadas e Paraquedistas. A tendência para todos os tipos de Divisões (incluindo as Blindadas) era de aumento do poder de fogo e da padronização dos elementos divisionários de maneira que pudessem ser intercambiáveis. Alguns questionamentos permaneceram como a natureza e emprego das armas anticarro e a dimensão do transporte orgânico das unidades táticas. Cumpre ressaltar que esse período foi frutífero, pois o Exército conseguiu organizar as Divisões de que necessitava para o prosseguimento da guerra. Em 31 de dezembro de 1942 o Exército Americano possuía 01(uma) Divisão de Cavalaria, 02 (duas) Divisões Paraquedistas, 05 (cinco) Divisões Motorizadas, 14 (quatorze) Divisões Blindadas, 51 (cinquenta e uma) Divisões de Infantaria, totalizando 73 (setenta e três) Divisões. (KLEIN, 2001).

2.5 FATOS MARCANTES NA HISTÓRIA DA ESAO

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais foi criada no período imediatamente posterior a I Guerra Mundial (1914-1918). Esse momento histórico foi caracterizado por grandes transformações na arte da guerra e no pensamento militar e a criação da Escola buscou corresponder às mudanças que estavam em curso.

Sendo assim, por meio do Decreto Federal de número 13.451 de 29 de Janeiro de 1919, foi criada a EAO, com o objetivo de atualizar os quadros do Exército Brasileiro, diante das evoluções dos métodos e processos de combate desenvolvidos, principalmente, na Primeira Grande Guerra.

Com isso, os militares brasileiros passaram a ter uma instituição de ensino militar que permitia o aperfeiçoamento de uma grande parcela de seus oficiais, capacitando-os a difícil missão de exercer as atribuições de um comandante militar.

No contexto temporal da criação da EAO, estava claro para as autoridades brasileiras que as Forças Armadas do país precisavam ser modernizadas e que, para se atingir esse objetivo, seria fundamental um ensino militar de qualidade ainda que fosse necessário solicitar o auxílio das doutrinas militares de outras nações.

Como lembra Bellintani (2016) no ano de 1919, o presidente do Brasil Epitácio Pessoa (1865-1942) juntamente com seu ministro da Guerra João Pandiá Calógeras (1870-1934) realizou uma profunda análise da situação militar do país e constatou que as forças militares estavam em condições precárias. Essa precariedade dizia respeito aos treinamentos, armamentos, uniformes, instalações, dentre outros aspectos fundamentais a uma força militar satisfatória.

Na busca de uma solução para o problema que se apresentava, concluiu-se que a maneira mais rápida e eficiente para se alcançar a modernização que o Exército Brasileiro tanto necessitava seria por meio da contratação de uma missão militar estrangeira.

Diante dessa conjuntura, optou-se pela contratação da Missão Militar Francesa (MMF) de instrução e oficiais franceses foram enviados ao Brasil para comporem os quadros de instrutores da EsAO. Essa decisão trouxe como consequência o fato de que os ensinamentos ministrados na Escola, nos primeiros anos de seu funcionamento, fossem predominantemente influenciados pela doutrina militar francesa.

Com o passar do tempo, novas influências surgiram, particularmente da doutrina norte-americana. Com isso, a ingerência francesa na Escola de

Aperfeiçoamento de Oficiais foi, gradativamente, diminuindo à medida que a influência norte-americana crescia, particularmente a partir da década de 1940.

2.5.1 Registros históricos relevantes sobre a EsAO, da sua fundação até 1970

2.5.1.1 De 1919 até o final da década de1920

No início do período em questão, um fato importante marcou a História Militar Brasileira. Sob a influência da Missão Militar Francesa, se deu a criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EAO), em 1919. Logo após a sua fundação, houve uma busca contínua pelo desenvolvimento de um ensino militar de qualidade que atendesse as demandas do combate daquele momento histórico.

Nos primeiros meses de 1920, a Escola foi instalada na cidade do Rio de Janeiro-RJ, nas dependências do então 1º Regimento de Artilharia Montada, atualmente 1º GAC AP. Seu primeiro comandante foi o Major José Maria Franco Ferreira que comandou a Escola até julho de 1920.

A cerimônia de inauguração se deu no dia 8 de abril de 1920 e contou com a participação dos instrutores franceses pertencentes à Missão Militar Francesa, além de figura ilustre da História do Brasil, o então capitão Humberto Alencar Castelo Branco, que viria a se tornar presidente do Brasil, em 1964.

Em 1924, a Escola foi transferida para o local que ocupa até os dias atuais, no bairro da Vila Militar, Rio de Janeiro-RJ. No ano seguinte, sob a direção dos instrutores franceses, foi criada, no interior da EAO, a Escola Provisória de Cavalaria, que em 1927 passou a ter uma sede própria.

Em 1926, também nas dependências da instituição de ensino, foi criado o chamado Centro de Transmissões, que se caracterizou como a origem da Escola de Comunicações do Exército, criada em 1953.

Alguns anos mais tarde, por intermédio do decreto nº 18.696 de 11 de abril de 1929, foi aprovado um novo regulamento para o estabelecimento de ensino militar. De acordo com esse documento, a EAO seria comandada por um coronel do Exército e teria um Conselho de Administração.

Os principais membros desse Conselho recém-criado seriam o comandante, como presidente, o fiscal administrativo, como relator, o ajudante e o almoxarife-pagador. Além disso, definiu-se que o público alvo da Escola seriam os oficiais de Infantaria, Artilharia e Engenharia.

Suas principais atribuições seriam aperfeiçoar instrutores e comandantes de unidades combatentes, preparar comandantes de unidades táticas (batalhões e grupos), aperfeiçoar oficiais superiores e ampliar a instrução militar de seu corpo discente. Foi definido também que haveria, anualmente, um curso para oficiais subalternos e capitães, também chamado de categoria A, e um curso para majores e tenentes-coronéis, conhecido como categoria B.

No que tange especificamente ao ensino desenvolvido na Escola no período de 1919 até o fim da década de 1920, em seus primeiros anos de funcionamento, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais tinha o seu ensino militar fundamentado no Decreto nº 13.451 de 29 de janeiro de 1919. Dentre os principais assuntos definidos nessa legislação, cabe ressaltar que ela estabelecia que os instrutores da Escola seriam estrangeiros, em virtude da contratação da Missão Militar Francesa.

Ainda conforme essa legislação, o corpo discente seria composto por capitães e primeiros-tenentes de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia e o objetivo do ensino seria completar a instrução dos militares alunos e aperfeiçoá-los para que pudessem exercer as funções de instrutores e de comandantes das pequenas unidades.

Conforme afirma Netto (2002), em 1921, o Estado-Maior do Exército estabeleceu que a doutrina militar brasileira seguiria as orientações da “Instrução Provisória sobre o Emprego Tático das Grandes Unidades”, visando unificar e difundir a doutrina. Segundo esse documento, a manobra se caracterizava pela primazia do fogo sobre o movimento, estando este numa condição de segunda prioridade.

Além disso, enfatizava a centralização do comando durante todas as ações, o que era alcançado por meio de meios de comunicações eficientes. Dessa forma, o ensino militar da EAO passou a observar essas diretrizes que foram expressas em manuais, notas de aula e regulamentos do estabelecimento ensino.

No que tange aos manuais que nortearam o ensino militar da EAO no período em análise, ainda conforme Netto (2002), pode-se citar o Regulamento para Direção e Emprego de Grandes Unidades, o Regulamento para o Serviço de Estado-Maior em Campanha, o Regulamento para a Organização do Terreno, o Regulamento para a Instrução dos Quadros e da Tropa e o Regulamento de Educação Física, todos de 1921.

De maneira geral, os manuais supracitados estavam embasados em alguns ensinamentos oriundos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Dessa forma, enfatizavam a supremacia do fogo sobre o movimento e estabeleciam a necessidade da utilização do carro de combate, como arma de choque, acompanhando a infantaria.

Consideravam também de grande valia dar uma importância rigorosa à utilização do terreno, enfatizando a relevância das fortificações nas campanhas militares e ressaltando a necessidade da observação do terreno, particularmente na condução dos tiros de artilharia.

Outros aspectos importantes abordados nos manuais em questão foram o entendimento da importância do emprego militar da aviação como fator determinante para a vitória, a necessidade da mecanização e motorização das tropas militares e a ênfase na ligação entre a artilharia e a infantaria para que o apoio de fogo pudesse ser contínuo.

Também foi observada a necessidade de um gradual aumento da potência de fogos dos regimentos de infantaria, destinando-lhes uma maior quantidade de meios bélicos como morteiros, canhões, metralhadoras e o emprego de tropas em pequenas frações, ou seja, a criação dos grupos de combate.

No que diz respeito ao aspecto tático, a EAO adotou o método de raciocínio fundamentado em quatro fatores da decisão, que eram a missão, o terreno, o inimigo e os meios. Esse método visava contribuir para a solução dos problemas táticos do emprego militar das tropas brasileiras.

Para facilitar o entendimento prático desses novos conteúdos didáticos, algumas unidades militares da então 1ª Divisão de Infantaria passaram a ser empregadas como meio de instrução para auxiliar a formação do corpo discente da Escola.

Ainda conforme o regulamento de 1929 surgiram algumas mudanças importantes para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Acerca da direção do estabelecimento de ensino, foi definido que haveria dois tipos de direção: uma direção de instrução e uma direção administrativa. Quanto à primeira, a responsabilidade por sua condução caberia a um oficial superior da Missão Militar Francesa. Já em relação à segunda, definiu-se que ela estaria sob a responsabilidade do comandante da Escola.

Além disso, as questões de ensino estariam subordinadas ao Chefe do Estado-Maior do Exército e as relativas à administração e à disciplina estariam sujeitas ao Ministro da Guerra. Ainda conforme o documento de 1929, os trabalhos escolares passaram a ser regulados por programas anuais de ensino. O responsável pela organização desses programas era o diretor de estudos.

Deste modo, após o diretor de estudos planejar o conteúdo do ensino a ser ministrado, o produto de seu planejamento era submetido à aprovação do Chefe do Estado-Maior do Exército por intermédio do Chefe da Missão Militar Francesa. Vale ressaltar também que o ensino militar da EAO foi dividido em duas vertentes: instrução de ordem geral e instrução militar técnica.

A instrução militar geral fundamentava-se tanto no estudo de casos concretos, na carta e no terreno, quanto em exercícios conjuntos das várias Armas. Esses exercícios eram especialmente organizados com o fim de demonstrar aos discentes, de forma prática, a maneira de cada Arma atuar em combate.

Esse modelo de instrução apresentava um conteúdo comum a todas as especialidades militares e seu objetivo era ensinar aos discentes os conhecimentos gerais concernentes às diversas Armas e os aspectos referentes à sua atuação em conjunto. As disciplinas gerais eram táctica geral, organização do terreno, topografia, transmissões e equitação.

Com relação à instrução técnica, ela também era ministrada nas salas de aula e no terreno. Além disso, ela era peculiar a cada Arma e correspondia ao conhecimento e ao emprego de cada uma delas. Na infantaria se estudavam as disciplinas: tática de Infantaria, instrução de Infantaria e armamento, material e tiro.

Na artilharia se estudava: tática de artilharia, material e tiro e as instruções de artilharia. Por fim, na engenharia as disciplinas ministradas eram: instrução de engenharia, o emprego tático da engenharia e as especialidades técnicas da engenharia.

Existiram ainda outros dois pontos interessantes constantes do regulamento de 1929. Um deles dizia respeito à valorização da meritocracia, uma vez que foi estabelecido que, anualmente, o ministro da guerra poderia enviar à França, a fim de aperfeiçoar os conhecimentos em uma das escolas militares francesas, o melhor aluno de cada Arma, do curso da categoria A.

O outro ponto de interesse se referia ao controle de pessoal, visto que foi estabelecido que o militar mais antigo de cada turma de aula seria o chefe da

respectiva turma e deveria, constantemente, ter a responsabilidade pelo controle do efetivo sob sua incumbência.

2.5.1.2 Década de 1930

A década de 1930 foi marcada por importantes transformações na conjuntura política brasileira e essas mudanças provocaram influências diretas na Escola. Por causa da Revolução de 1930, o comando da EAO antecipou o fim do ano escolar e fechou a instituição de ensino em outubro daquele ano.

No período de 24 de outubro até 04 de novembro de 1930, foi estabelecido nas dependências da Escola o quartel-general do Destacamento General Pantaleão Telles Ferreira. Já entre os dias 03 e 13 de novembro do mesmo ano houve o acantonamento do Batalhão Revolucionário Honório de Lemos.

No ano seguinte, em 1931, com o término do movimento revolucionário, a EAO voltou ao seu funcionamento normal. Ainda em 1931, pela primeira vez nos registros históricos da Escola, consta a presença de dois oficiais do Exército Boliviano, um de infantaria e um de artilharia, que concluíram o curso de aperfeiçoamento.

Além disso, outra novidade foi que oficiais da então Força Pública de São Paulo também fizeram parte do corpo de alunos. Em 1932, por causa da Revolução Constitucionalista, a Escola novamente interrompeu seus trabalhos antecipadamente, no dia 13 de julho, voltando as suas atividades normais somente em 16 de novembro daquele mesmo ano.

Em 1936, ocorreram alterações importantes na estrutura do ensino militar brasileiro. Essas mudanças foram consolidadas por meio da Lei n° 189 de 16 de janeiro do referido ano. De maneira geral, as novidades estabelecidas nesse documento produziram um maior impacto em duas escolas: A Escola Militar do Realengo e a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Quanto a primeira, foi estabelecido que seu regulamento deveria ser revisto, com objetivo de melhorar a seleção do pessoal candidato a ingressar na Escola e melhorar a qualidade da formação militar dos futuros oficiais do exército. Já com relação à Escola de Aperfeiçoamento, foi determinada a sua extinção e em seu lugar surgiu a Escola das Armas (E.Arm), na qual houve uma reformulação organizacional, administrativa e em toda a estrutura de ensino.

O Decreto nº 640 de 13 de fevereiro de 1936 aprovou o Regulamento da Escola das Armas. Dentre as principais razões para a criação da E.Arm em substituição a EAO, estava o fato de que o governo brasileiro tinha o objetivo de obter uma maior economia por meio da centralização do aperfeiçoamento dos oficiais do exército e também de sargentos.

Até então, o aperfeiçoamento da instrução profissional dos oficiais era realizado em lugares distintos. A Escola das Armas reuniu em um único lugar o curso e direção de ensino, os cursos das armas, o curso especial de transmissões e o curso especial de equitação.

Consequentemente, a Escola das Armas passou a ser destinada a oficiais e sargentos de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia. Em função dessas novidades, determinaram-se algumas mudanças estruturais nas dependências internas e passaram a existir quatro cursos regulares durante o ano de instrução.

O primeiro curso era o curso de aperfeiçoamento para tenentes e capitães, com duração de oito meses, cujo fim era preparar bons comandantes de subunidades. O segundo era o curso para sargentos, também com duração de oito meses, cuja finalidade era a preparação dos sargentos para as funções de comandantes de pelotão e seção.

O terceiro era o curso de aperfeiçoamento para majores, que extinguiu o antigo curso de aperfeiçoamento de oficiais superiores e tinha a duração de quatro meses, com o objetivo de ensinar o emprego conjunto das Armas. Finalmente, o último curso era o curso de informações para tenentes-coronéis e coronéis, com duração de dois meses, cujo propósito era habilitar os discentes ao comando dos destacamentos.

Além do que já foi exposto, outras duas medidas importantes foram estipuladas pela lei de 1936. A primeira foi a definição de que as Unidades-Escola da 1ª Divisão de Infantaria passariam a ser parte integrante da Escola das Armas, contribuindo para o ensino prático e para a experimentação de novos dispositivos regulamentares do estabelecimento de ensino.

A segunda medida se caracterizou pela determinação de que as matrículas na Escola das Armas dependeriam de uma prova inicial de capacidade intelectual. Convém destacar também que a partir de 1936 o comandante da E.Arm passou a ser também o diretor de ensino do estabelecimento de ensino.

Ainda em 1936, no dia 04 de abril, o Ministro da Guerra aprovou a criação do distintivo da recém-criada Escola das Armas. O símbolo era caracterizado por uma estrela pentagonal superposta a um sabre, dentro de quatro círculos concêntricos.

Na mesma data de criação do distintivo foi aprovada a primeira notação musical da E. Arm. No mesmo ano, a Escola recebeu a visita de uma comitiva de militares estrangeiros, dentre os quais pode-se citar o Major Willian Sackville, adido militar dos EUA.

Dois anos mais tarde, a escola recebeu a visita de um grande personagem da História Brasileira. No mês de maio de 1938, o então presidente da República, Getúlio Vargas, visitou o estabelecimento de ensino e pôde ver de perto as mudanças que estavam sendo implementadas na instituição de ensino militar.

Em 1939, foram estabelecidas algumas mudanças na rotina de ensino da instituição. Determinou-se que seu funcionamento se daria, anualmente, em apenas um turno de trabalho. Essa sistemática permaneceu em vigor até o início da década de 1940, quando novas medidas importantes foram implementadas. Além disso, foi definido que o Conselho de Administração da Escola, que havia sido criado em 1929, seria extinto.

Finalmente, é importante dizer que ao longo da década de 1930, anualmente, a Escola realizou diversas manobras escolares envolvendo os seus cursos. Nesses exercícios foram empregados regimentos, batalhões e grupos de artilharia.

Durante essas atividades, normalmente eram utilizados temas táticos, dando maior realidade ao treinamento. Além do mais, é interessante ressaltar que, no decênio em questão, houve visitas de inspeção à instrução todo os anos, realizadas pelo inspetor geral de ensino do exército.

2.5.1.3 Década de 1940

Esse período histórico se caracterizou por fatos importantes na conjuntura nacional e mundial que vieram a influenciar profundamente o dia a dia da então Escola das Armas. Em 1940, além da criação da primeira biblioteca da instituição, ocorreram alguns outros fatos relevantes. Naquele ano, fizeram parte do corpo discente três capitães do Exército Paraguaio.

Ainda em 1940, no mês de fevereiro, ocorreu a visita de adidos militares de várias nações à E.Arm. Dentre esses países, pode-se citar o Uruguai, a Bolívia, a Inglaterra, o Japão, a França, os Estados Unidos da América, dentre outros. Além

disso, cabe destacar que, também naquele ano, em função dos desdobramentos da II Guerra Mundial, o ano letivo foi encerrado antecipadamente, no dia 15 de maio.

Também por causa das mudanças produzidas pela Guerra supracitada, o ano de 1942 foi caracterizado por um período no qual houve uma grande falta de oficiais nos corpos de tropa brasileiros. Em função disto, o comando do exército determinou que as unidades militares brasileiras permanecessem com o seu efetivo o mais completo possível.

Diante dessa conjuntura de transformações, visto que a Escola das Armas absorvia, anualmente, um grande número de oficiais em seus corpos discente e docente, foi decidido pelo ministro da guerra que a instituição de ensino seria fechada provisoriamente, até que as conjunturas nacional e mundial voltassem à normalidade.

Dessa forma, por meio do Aviso nº 387- Exct-1 de 11 de fevereiro de 1942, o ministro da guerra extinguiu o comando da Escola. Foi determinado também que o contingente de militares que permaneceria na E.Arm ficaria sob o comando do capitão José Soledade Neves. Para o cumprimento de suas obrigações, o capitão Soledade contaria com três tenentes sob sua autoridade, sendo um deles veterinário.

Com o objetivo de amenizar o não aperfeiçoamento de militares durante o período em que a E.Arm ficaria fechada, foi determinado pelo Estado-Maior do Exército que a 1ª Região Militar e a 1ª Divisão de Infantaria coordenassem a criação de cursos regionais destinados a capitães e primeiros-tenentes que ainda não tinham cursado a Escola das Armas.

Também em 1942, especificamente em relação à instrução, o decreto nº 4.130, de 26 de fevereiro de 1942 trouxe novidades para o ensino militar brasileiro e, em particular, para a Escola das Armas. A partir dele, o curso de aperfeiçoamento, destinado aos sargentos, passou a ser um fator condicionante para habilitá-los às promoções a 1º sargento, sargento-ajudante e subtenente.

Quanto ao oficialato, o ensino enfatizou em seus objetivos o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos pelos oficiais nas escolas de formação, abordando ao mesmo tempo os conhecimentos resultantes da evolução do material e aqueles relativos aos processos táticos.

No que tange a admissão às escolas militares ressaltou-se, além das condições de idade, aptidão intelectual, idoneidade moral e capacidade física, a

necessidade de que o candidato fosse brasileiro nato e que as condições de ambiente social e familiar não entrassem em choque com as obrigações e deveres impostos aos militares. Estabeleceu-se também que as designações para matrícula na Escola das Armas seriam feitas, anualmente, pela diretoria das armas.

Cabe ressaltar que, aos alunos que fossem desligados do curso de aperfeiçoamento, por qualquer motivo, poderia ser concedida uma segunda matrícula a critério do ministro da guerra. Foi determinado também que os militares que saíssem da escola de aperfeiçoamento teriam que obrigatoriamente servir em unidades de tropa por um ou dois anos.

Entretanto, como a Escola foi provisoriamente fechada no ano de 1942, as medidas estabelecidas pelo decreto nº 4.130 só viriam a ter efeito alguns anos mais tarde, no momento em que ocorreu a reabertura da instituição de ensino.

Durante parte do período em que os cursos regulares da Escola das Armas não ocorreram, de 1942 a 1945, houve em suas instalações a ministração de instruções de equitação, sob a responsabilidade do capitão Renato Paquet Filho, para os alunos do curso de preparação para a Escola de Estado-Maior.

Consta nos registros históricos da E.Arm que, em 1943, houve a publicação de uma mensagem do presidente dos EUA, Franklin D. Roosevelt, no Boletim diário nº 4 da Escola, datado de 06 de janeiro de 1943. Por meio dessa mensagem o presidente Roosevelt se dirigia ao presidente do Brasil, Getúlio Vargas, ressaltando a importância da aliança Brasil-EUA no combate ao nazismo. Essa mensagem foi retransmitida para todo o efetivo que se encontrava na Escola na ocasião.

Em fevereiro do mesmo ano, foi instalado nas dependências da E. Arm o 2º Regimento Auto Metralhadoras de Cavalaria, sob o comando do major Hélio de Castro. Alguns meses mais tarde, em outubro de 1943, o comando do exército optou pela instalação, nas acomodações da Escola, do Centro de Instrução Especializada, sob a direção do general Gustavo Cordeiro de Farias.

Dentre os objetivos estabelecidos para esse centro de instrução, a finalidade principal era especializar militares visando atender as demandas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). É oportuno ressaltar que esse órgão de ensino militar especializado foi o embrião da atual Escola de Especialização do Exército (EsIE).

Com o fim do Conflito Mundial, houve a necessidade de uma reconfiguração do ensino militar brasileiro. Com isso, por meio do Decreto-Lei nº 7888, de 21 de agosto de 1945, estabeleceu-se que Escola das Armas seria extinta e que a Escola

de Aperfeiçoamento de Oficiais seria recriada em seu lugar, voltando ao seu funcionamento normal.

A partir desse momento, ela estaria subordinada ao Centro de Aperfeiçoamento e Especialização de Realengo, instalado nas dependências da extinta Escola Militar do Realengo.

Dentre as novas mudanças que surgiram cabe apontar que o curso de aperfeiçoamento para sargentos, que antes era realizado na Escola das Armas, passou a ser realizado na Escola de Sargentos das Armas, instituição de ensino criada por meio do mesmo decreto.

Além disso, se estabeleceu que a EsAO teria na constituição de seu corpo discente, preferencialmente, primeiros-tenentes antigos e capitães e, eventualmente, oficiais superiores. Ademais, o estabelecimento de ensino ministraria os cursos das armas e dos serviços de saúde e Intendência. Esses cursos teriam a duração de cinco meses, e funcionariam em dois turnos sucessivos durante o ano.

Outrossim, deveriam ser previstos estágios anuais destinados a oficiais da ativa e da reserva com a finalidade de permitir um aprimoramento e atualização de novos conhecimentos que haviam sido desenvolvidos ao longo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O ato de reinauguração da EsAO ocorreu no dia 02 de janeiro de 1946, alguns meses após o fim do conflito mundial. De acordo com os registros históricos da referida instituição, por ocasião da reinauguração o comandante da Escola, coronel Nicanor Guimarães de Souza, fez um pronunciamento no qual abordou a importância das relações como os norte-americanos.

Em suas palavras, o coronel Nicanor expressou:

> Tudo isto será a tarefa de nossa Escola. Se, agora, esta não tem mais a supervisão de uma Missão de instrução, ela irá contar com oficiais brasileiros experimentados, que fizeram a última guerra e igualmente com as luzes dos oficiais da Missão Militar Norte-Americana em serviço no Brasil[8].

Em abril de 1946, por ocasião da cerimônia de abertura dos cursos da EsAO, estiveram presentes autoridades como o general de divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, ex-comandante da Força Expedicionária Brasileira,

---

[8] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p.42.

membros da Comissão Militar Mista Brasil-EUA, adidos militares de várias nações, dentre outras autoridades militares brasileiras.

Na cerimônia referida, o coronel Nicanor, comandante da EsAO, mais uma vez realizou um discurso no qual afirmou que alguns instrutores da Escola haviam participado da FEB e ressaltou a necessidade da ajuda militar norte-americana para a modernização do ensino da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais recém-criada. De acordo com Nicanor,

> [...] já possuímos oficiais a par da evolução do material e dos processos decorrentes da última guerra [...] tendo integrado a nossa valorosa FEB [...] puderam beneficiar-se de ensinamentos concretos e vividos, que só mesmo a luta armada é capaz de dar. Alguns desses oficiais, de todas as armas, foram escolhidos, para instrutores dessa Escola. [...] Se outrora contamos com os saudosos membros da Missão Militar Francesa que instruíram os nossos chefes, hoje podemos igualmente, recorrer à cooperação dos oficiais norte-americanos sempre prontos e solícitos a labutar conosco[9].

Ainda em seu discurso, o comandante da EsAO se referiu ao general norte-americano Douglas MacArthur como um herói militar e citou algumas palavras dele, ao tratar sobre a importância de se ter um exército bem preparado em tempos de paz. Com isso, defendeu a necessidade de destinação de recursos públicos para que as forças armadas pudessem cumprir seu papel na sociedade.

Também em 1946, foi determinado pelo comando da EsAO que durante três anos, ou seja, até 1948, os cursos funcionariam em dois turnos anuais, com duração de cinco meses cada.

No que tange ao ensino, o ano de 1946 se caracterizou pelo surgimento de grandes inovações. Na ocasião, foi estabelecida a mudança do sistema de julgamento de graus numéricos para o uso de menções sintéticas. Na época, essa ideia era defendida e empregada nas escolas militares norte-americanas e passou a ser também uma realidade na EsAO.

Com isso, a principal maneira de avaliar os alunos deixou de ser por meio de notas brutas e passou a ser por meio de menções, que eram definidas em excepcional, muito bem, bem, regular e insuficiente. Segundo a pedagogia da época, a classificação dos alunos numa escola de aperfeiçoamento era algo arcaico

---

[9] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p.46 e 47.

e prejudicial à coletividade militar, pois incentivava o individualismo e não o espírito de corpo. Conforme escreveu o general francês Debeney:

> A Classificação é o vício fundamental das nossas Escolas, ela estabelece entre os alunos uma hierarquia inteiramente falsa e injustificável; ela incita aos alunos o dispêndio de energia que os esgota física e intelectualmente; enfim, ela está longe, muito longe de constituir uma Escola de aprimoramento de personalidades. A razão mais importante da classificação encontra-se na fraqueza moral [...][10].

Em janeiro de 1947, ocorreu a formatura de encerramento do 2º turno de instrução referente ao ano anterior, 1946. A solenidade contou com a presença do ministro da guerra do Brasil, além de outras autoridades militares brasileiras e estrangeiras, como o general Charles Gehardt, chefe da Seção Terrestre da Missão Militar Americana no Brasil.

Durante a cerimônia, ocorreu um pronunciamento do coronel Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, comandante da EsAO. Em seu discurso, o militar defendeu a aversão às ideologias comunistas e solicitou que todos se unissem contra a influência comunista que assolava a nação. Segundo as palavras do coronel Sucupira,

> [...] Maus brasileiros tentam jogar-nos pela desordem, pela traição e pelo aviltamento de sentimentos nas ondas pútridas do comunismo. Nenhum imperativo se torna, pois, mais premente, neste instante [...] do que apelar para a nossa união indestrutível na defesa de nossas instituições, contra esse regime exótico-totalitário escravizador que ameaça a ordem e a dignidade humana e tenta subverter a estrutura democrática da nação brasileira[11].

Em março de 1947, o coronel Sucupira viajou para os Estados Unidos da América com o objetivo de visitar estabelecimentos de ensino daquele país, retornando de sua viagem em maio. Um mês após o regresso, durante um discurso na cerimônia de encerramento do 1º turno dos cursos regulares da Escola, o coronel declarou:

> [...] Trazemos, portanto, de nossa recente viagem aos Estados Unidos [...] apenas o que de prático pudermos aplicar no sentido de melhorar o ensino nesta Escola, de resto já profundamente identificado com o sistema norte-

---

[10] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 96
[11] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 64.

> americano [...] baseado no método cartesiano da análise que conduz naturalmente a síntese [...] tivemos ocasião de assinalar a importância que no Exército Americano se dá a escolha e a preparação dos instrutores nos Fortes e nos Corpos de Tropa. [...] e o mais importante [...] são os processos adotados para julgamento quer quanto à eficiência do instrutor, quer quanto ao aproveitamento do estudante. [...] bem aparados na intenção que nos domina [...] realizaremos no início do próximo turno [...] um curso de atualização de métodos e processos de instrução para instrutores. Com isso, uniformizaremos os métodos de ensino e os processos e julgamento, cujas vantagens são evidentes para a Escola[12].

No mês de julho, a Escola recebeu a visita do chefe da Seção Terrestre da Missão Militar Conjunta Brasil-EUA, juntamente com oficiais de seu estado-maior. Em outubro do mesmo ano, visitaram o estabelecimento de ensino adidos militares de várias nações do mundo.

Dentre essas nações, pode-se citar Estados Unidos da América, Argentina, Espanha, Chile, Uruguai, Paraguai, Peru, Bolívia, dentre outras. No mês seguinte, houve também a visita do Tenente-Coronel Carlos Montanaro, comandante da Escola Militar da República do Paraguai.

No dia 19 de novembro, por ocasião do Dia da Bandeira, o Boletim especial do dia registrou um texto que foi lido para a tropa no qual havia um conclame contra a ideologia comunista, declarando que a mesma era exótica, visava escravizar os brasileiros ao estrangeiro, além de se caracterizar pela covardia, sede de sangue e pelo expansionismo desenfreado.

Em dezembro de 1947, na solenidade de encerramento do 2º turno dos cursos regulares, mais uma vez o coronel Sucupira, comandante da EsAO, discursou. Em suas palavras, ele incentivou o rígido combate a ideologia comunista fazendo críticas severas ao regime totalitário, atribuindo ao mesmo expressões como árvore do mal contra o bem e conjunto de convicções que geravam a sabotagem moral.

O comandante da EsAO também abordou questões importantes relativas às atividades desenvolvidas na Escola, particularmente no que diz respeito aos exercícios militares realizados. De acordo com o coronel Sucupira:

> [...] A Escola realizou pela primeira vez o tiro de A.D., organizado e dirigido pelos instrutores do Curso de Artilharia, em que os oficiais-alunos

---

[12] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 69 e 70.

> participaram [...] sendo a tropa representada por 04 Grupos de 105 [...] e mais o Grupo 155 da A.D./1. Esta foi a maior e mais completa escola de fogo realizada[13].

Ainda no mesmo discurso, foram descritas mudanças que estavam ocorrendo na metodologia do ensino da instituição. De acordo com os registros históricos, o comandante da EsAO afirmou o seguinte:

> [...] Ao reabrir-se esta Escola, sentimos a necessidade da uniformização do método didático estabelecido para a instrução dos diversos cursos. Para que essa uniformização estivesse de acordo com os regulamentos americanos, traduzidos e mandados adotar na FEB, foram aplicados os métodos preconizados pelo manual americano F.M. 21-250 que acompanha a evolução da pedagogia moderna. Os nossos oficiais que estagiaram nas escolas dos E.E.U.U., assistiram e aprenderam como aplicar esses métodos, que consistiram na própria essência das forças armadas desse invencível exército [...] Nós mesmos assistimos a excelência de tais métodos na visita que fizemos as organizações militares dos E.E.U.U., e sentimos estar esta Escola bem orientada na aplicação que tem sido dada pelos diversos cursos [...] A Seção de Instrução [...] pôde realizar a tarefa de adaptação de nossos instrutores, ao método de ensino a que já nos referimos[14].

Finalmente, é oportuno dizer que consta nos registros históricos da EsAO, relativos ao ano de 1947, uma referência elogiosa do general C.H. Gerhardt, chefe da Seção Terrestre do Exército dos EUA da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, ao coronel Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, comandante do estabelecimento de ensino.

No referido documento, o general norte-americano Gerhardt, descreve que durante três meses observou o trabalho realizado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Além do que, ele assistiu as manobras e exercícios militares da Escola desenvolvidos no período e afirmou que o nível de qualidade alcançado estava bastante elevado.

Dentre os fatos marcantes de 1948, pode-se citar a visita do general Harrison Morris Jr., chefe da Seção Terrestre da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, ocorrida em 19 de maio. Outro evento marcante foi a cerimônia de inauguração de um terreno reduzido para a demonstração dos tiros do curso de infantaria.

---

[13] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 93.
[14] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 94.

Compareceram à solenidade militar várias autoridades nacionais e estrangeiras dentre as quais pode-se citar o general Milton de Freitas Almeida, Chefe do EME, o general Harrison Morris Jr., da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos e o general Zenóbio da Costa, comandante da 1ª RM. O terreno reduzido, por ser, à época, um meio de instrução inovador, contribuiu sobremaneira para o melhoramento da instrução.

Ademais, no mesmo ano, foi construído um campo de basketball na Escola e houve a aquisição e inauguração de uma bomba de gasolina elétrica de origem norte-americana da marca Wayne, modelo 577-R, com capacidade para 10 mil litros de combustível.

Cabe salientar também que, naquele ano, concluíram o curso de aperfeiçoamento, além dos militares brasileiros, oito oficiais estrangeiros. Dentre eles, quatro eram oriundos do Exército Boliviano e outros quatro pertenciam ao Exército Uruguaio.

Em fevereiro de 1949, militares da Missão Militar Americana visitaram a EsAO para parabenizar o seu novo comandante pela ascensão ao cargo. Três meses depois, em maio, ocorreu um grave acidente durante uma demonstração de armamento do Curso de Infantaria.

O desastre se deu no Morro da Jaqueira, localizado no campo de instrução de Gericinó. Na ocasião, houve a explosão prematura de uma granada de morteiro 81mm a cerca de três metros de altura em relação ao solo e os estilhaços atingiram vários militares. Dentre os atingidos, onze militares não resistiram aos ferimentos e acabaram morrendo.

Em junho de 1949, aconteceu uma conferência na EsAO cujo tema central era a artilharia de costa. Os principais assuntos abordados foram o emprego tático, a técnica de tiro da artilharia de costa e o reconhecimento e ocupação de posição de um Grupo de Artilharia de Costa. No final da atividade, houve a realização de uma escola de fogo envolvendo os instrutores e alunos da Escola.

Em agosto do mesmo ano, a EsAO recebeu novamente a visita do general Harrison Morris Jr., do Exército dos Estados Unidos da América. O militar norte-americano visitou algumas instalações do estabelecimento de ensino e assistiu algumas instruções dos cursos de infantaria, cavalaria e engenharia.

No mês seguinte, a Escola adquiriu novos equipamentos com a finalidade de melhorar sua estrutura logística. Por meio do Departamento de Produção do

Exército foram compradas máquinas elétricas e ferros elétricos de origem norte-americana para a lavanderia. Também em 1949, foi decidido que os cursos regulares teriam início em março e voltariam a ter um turno por ano, com duração de nove meses.

Convém ainda dizer que durante a década de 1940, particularmente a partir da recriação da EsAO, outros fatos importantes merecem ser destacados. Ao longo do período, passaram a ser realizadas, anualmente, em cerimônias militares, homenagens a Duque de Caxias e as vítimas da Intentona Comunista de 1935.

Surgiram exercícios de tiro de artilharia no campo de instrução de Gericinó, viagens de instrução dos cursos, manobras escolares em Rezende, com a aplicação dos novos ensinamentos desenvolvidos na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), exercícios de longa duração, dentre outras atividades.

Os registros também apontam que se deu início a utilização da abreviatura EsAO que aos poucos foi substituindo o antigo termo EAO. Além do que, passaram a ser aperfeiçoados na EsAO não apenas militares de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia, mas também de Intendência e Saúde.

Finalmente, de acordo com os registros históricos do estabelecimento de ensino, houve a aquisição e emprego de viaturas norte-americanas da empresa GMC TNE, modelo 2 ½ ton, 6x6, fabricadas nos anos de 1942, 1944 e 1945. Esses veículos foram utilizados ao longo da década em questão, 1940, e também nas décadas posteriores.

2.5.1.4 Década de 1950

Durante esse período, surgiram novas evoluções na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. A partir dos registros documentais é possível perceber mudanças importantes no estabelecimento de ensino, particularmente no que diz respeito ao ensino militar.

Em abril de 1950, a Escola recebeu a visita do general Thomas Sherman Tinberman, assistente do Exército dos EUA. O general estava acompanhado por outros dois militares norte-americanos, o major general Charles L. Mullins, chefe da Seção Terrestre da Comissão Militar Mista Brasil-EUA e pelo coronel Freeman, membro do Estado-Maior do Exército dos EUA.

No ano de 1951, o Brasil aumentou o intercâmbio militar com os seus vizinhos sul-americanos. Com isso, foram convidados três oficiais do Exército do Equador

para comporem o corpo discente da EsAO. De acordo com os registros históricos, foi a primeira vez que o referido país enviou militares para serem aperfeiçoados no Brasil. No mesmo ano, houve a inauguração da nova biblioteca da Escola.

Ainda em 1951, a Escola recebeu a visita do coronel James B. Edmunds, diretor da Divisão de Instrução de Serviços da Missão Militar Americana. O militar percorreu as dependências da EsAO e tomou conhecimento dos assuntos relativos a instrução. Em julho, alguns instrutores da Escola de Aperfeiçoamento de oficiais foram designados para realizarem cursos nos EUA.

No final do ano, a Comissão Militar Mista Brasil-EUA planejou e executou um exercício militar que envolveu os membros da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Na oportunidade, houve uma demonstração de emprego de canhões sem recuo 57mm e 75 mm. Naquele ano, dos sete estrangeiros que foram aperfeiçoados, quatro eram paraguaios e três eram uruguaios.

No ano seguinte, em 1952, de acordo com os registros históricos, o então diretor de ensino do exército fez uma referência elogiosa para a EsAO na qual afirmou o seguinte:

> [...] após a Segunda Guerra Mundial é que a EsAO, finalmente, encontrou os rumos definitivos a altura de sua posição [...] valendo-se de sua própria experiência para a imediata assimilação das novas técnicas decorrentes das ações da FEB e dos estágios de oficiais nos centros de instrução norte-americanos [...][15].

No mesmo ano, decidiu-se que o curso de saúde funcionaria no regime de dois turnos por ano, diferentemente do que ocorreu com os demais cursos, que foram ministrados em apenas um turno. Na cerimônia de término do referido curso estavam presentes autoridades militares da Missão Militar Americana.

Em 1953, a Nota Ministerial nº 137-D-2/F, de dezembro daquele ano, estabeleceu que todos os cursos teriam dois turnos por ano até 1957. Contudo, essa medida não foi cumprida em sua plenitude, uma vez que em 1955 os cursos da Escola voltaram a possuir apenas um turno por ano. Essa decisão foi mantida até o ano de 1964. O quantitativo de estrangeiros que cursaram a EsAO em 1953 foram onze paraguaios, um equatoriano e quatro venezuelanos.

---

[15] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 217.

Em julho de 1954, o general de brigada Oscar Rosa Nepomuceno da Silva, comandante da EsAO, realizou uma viagem aos Estados Unidos da América, a convite do governo daquela república. O general permaneceu cerca de um mês na América do Norte até que regressou ao Brasil.

No mesmo ano, tanto na solenidade de encerramento dos cursos do primeiro turno, ocorrida em abril, quanto na do segundo turno, ocorrida em dezembro, dentre as autoridades militares que compareceram aos eventos, esteve presente o general Robert Sink, chefe da Missão Militar Americana.

Um ano mais tarde, em 1955, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais recebeu novamente a visita do general norte-americano Robert Sink, chefe da Missão Militar Americana, acompanhado por oficiais de seu estado-maior. No mesmo ano foi criado o curso de aperfeiçoamento para oficiais veterinários

Em 1956, ocorreu a visita do general de exército Aristóteles de Souza Dantas, chefe da Comissão Militar Mista Brasil-EUA. Naquele ano também ocorreram uma série de transformações nas dependências estruturais da Escola.

Houve a inauguração do Pavilhão General Tasso Fragoso, construiu-se um auditório, foi feita uma ampliação no rancho de oficiais e foram construídos novos vestiários para os oficiais alunos. Quanto ao ensino, além dos brasileiros, foram aperfeiçoados um oficial equatoriano e sete paraguaios.

Em junho de 1957, o general de divisão Leônidas Amaro, diretor geral de intendência, realizou uma conferência na Escola. Na ocasião, o general transmitiu alguns ensinamentos adquiridos durante sua visita ao Serviço de Intendência do Exército dos Estados Unidos da América.

No mesmo ano, novas obras estruturais foram realizadas. Houve a inauguração do Pavilhão General Franco Ferreira, destinado a Companhia de Comando e Serviços e foram inauguradas a Praça Marechal Rondon e a Biblioteca Barão do Rio Branco.

Em novembro, foi realizado um programa de atividades de ensino para todos os militares da EsAO. O foco principal do referido programa era homenagear os militares que morreram em defesa das instituições democráticas durante a Intentona Comunista de 1935. Naquele ano, fizeram parte do corpo discente, além dos brasileiros, quatro oficiais paraguaios.

Um fato marcante, ocorrido em 1958, foram as explosões dos depósitos de munições de Deodoro. O incidente produziu danos materiais em muitas

propriedades próximas ao local, incluindo a Escola de aperfeiçoamento de Oficiais. Dessa forma, apartamentos residenciais da Escola, o rancho e algumas outras dependências foram danificadas. Naquele ano cursaram a Escola seis estrangeiros, todos equatorianos.

O ano de 1959 se configurou como um período repleto de atividades importantes. No primeiro mês, o comandante da EsAO, general de brigada Ignácio de Freitas Rolim, visitou os Estados Unidos da América a convite da Comissão Militar Mista Brasil-EUA.

No mês de junho, aconteceu uma cerimônia de inauguração da galeria de retratos dos patronos das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Serviços de Intendência, Saúde e Veterinária. Em agosto a Escola recebeu a visita do Major General Raymond E. Bell, do Exército Norte-Americano, acompanhado de oficiais estadunidenses.

Em novembro, foi a vez de Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente do Brasil, juntamente com o marechal Henrique Duffles Teixeira Lott, ministro da guerra, visitarem a EsAO por ocasião da solenidade de encerramento do ano letivo dos Cursos das Armas e dos Serviços. Dos oficiais estrangeiros aperfeiçoados em 1959, dois eram paraguaios e três eram venezuelanos.

Com relação à década de 1950, é conveniente também ressaltar outros fatos observados ao longo do período. De acordo com os registros históricos, as manobras escolares passaram a colocar em prática os ensinamentos das operações ofensivas e defensivas desenvolvidas e praticadas durante a II Guerra Mundial.

Durante essas manobras os alunos passaram a estudar com mais ênfase as operações defensivas que englobavam a ação retardadora, o retraimento, os movimentos retrógrados, dentre outras. Além disso, aprofundaram seus conhecimentos nas operações ofensivas de ataque, contra-ataque, marcha para o combate, aproveitamento do êxito, transposição de curso d’água, dentre outras.

Nesses exercícios militares, também se empregava a combinação das Armas e Serviços. Além disso, eram realizados estudos das operações nos escalões corpo de exército, divisão, grupos táticos, regimento e batalhão. Em alguns momentos, essas operações foram planejadas sob a perspectiva de ameaça atômica.

Deu-se início a um estudo mais detalhado dos fatores da decisão, trazidos pelos franceses na década de 1920. Passou-se a dar grande ênfase também para o

trabalho de comando, para a redação de documentos de planejamento e para a confecção de ordens de operações.

Nos temas dos exercícios militares começou-se a utilizar, nas situações gerais referentes ao conflito simulado, os termos Partido Vermelho e Partido Azul. O primeiro representava as tropas inimigas enquanto que o segundo representava as tropas amigas.

Ainda ao longo da década de 1950, tornou-se cada vez mais frequente a realização de solenidades que homenageavam os patronos das Armas. Tornou-se comum também a realização de cerimônias que referenciavam países sul-americanos que enviavam militares para estudar na EsAO, como Equador, Venezuela, Paraguai, dentre outros.

2.5.1.5 Década de 1960

Em 1961, a EsAO recebeu a visita do general Humberto de Alencar Castelo Branco, que exercia a função de diretor geral de ensino. No mesmo ano, foi criado o Curso de Comando de Unidade e Chefia para militares de engenharia, comunicações e material bélico.

Naquele ano, além dos militares brasileiros, dez estrangeiros foram aperfeiçoados. Destes militares, cinco pertenciam ao Exército Equatoriano, um ao Exército Venezuelano e quatro ao Exército Uruguaio. No ano seguinte foram cinco paraguaios e três uruguaios.

No dia 20 de junho de 1963, o Curso de Artilharia da EsAO recebeu uma referência elogiosa e uma lembrança do general de divisão L.S. Griffing, comandante da Escola de Artilharia e Mísseis do Exército Norte-Americano. Num trecho da referência o general Griffing afirma que:

> [...] A Escola de Artilharia e Mísseis do Exército Norte-Americano guarda recordações agradáveis dos oficiais brasileiros que a visitaram ou nela estudaram. O invejável padrão escolar alcançado pelos oficiais-alunos é um indício contínuo da excelência dos artilheiros brasileiros que [...] evidenciaram suas qualidades [...] durante a Segunda Guerra Mundial. [...] Hoje, continuamos igualmente firmes e dedicados a preservação da liberdade tão duramente ganha[16].

---

[16] Livro Histórico da EsAO (1946-1965), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. Registros referentes ao ano de 1963.

No ano de 1963, oito estrangeiros foram aperfeiçoados na Escola. Dentre eles, três pertenciam ao Exército Paraguaio, dois ao Exército Uruguaio e três ao Exército do Equador.

O ano seguinte, 1964, foi marcado por uma importante mudança na conjuntura política nacional: o início do Regime Militar (1964-1985). Por causa dessa evolução conjuntural, o ministro da guerra determinou a suspensão das atividades de ensino a partir do dia 04 de abril daquele ano.

Com isso, os instrutores e alunos que se encontravam na EsAO foram enviados para as diversas organizações militares brasileiras. Entretanto, no mês seguinte a data de interrupção das atividades, os instrutores e alunos retornaram e os cursos regulares voltaram a funcionar normalmente.

Neste mesmo ano, passou a funcionar na EsAO o chamado curso de preparação, que havia sido criado por intermédio da Portaria Ministerial 1.705, de 30 de setembro de 1963.

O curso de preparação foi estabelecido em caráter experimental e de 1964 até 1967 foi verificado se seria relevante dar continuidade a ele ou não. Esse curso tinha um caráter obrigatório, com uma duração de cerca de cinco meses e representou o pioneirismo do ensino a distância na Escola, sendo ministrado por meio de correspondências.

Seu objetivo principal era a atualização e a complementação dos conteúdos teóricos e práticos fundamentais para o cumprimento das atribuições de um comandante de subunidade. Seu conteúdo didático era composto por assuntos que abrangiam pontos comuns a todas as Armas e ao Serviço de Intendência, mas também possuía conteúdos específicos de cada especialização militar.

Após o curso de preparação, por ocasião da chegada à EsAO, os alunos faziam uma avaliação inicial que contemplava todos os assuntos ministrados durante o curso a distância. No ano de 1967, foi decidido que o curso de preparação deveria ser mantido pelos anos subsequentes, tendo em vista que os resultados observados durante o período experimental alcançaram um nível além do esperado.

Percebeu-se que os alunos, ao se familiarizarem com os conteúdos didáticos no ano anterior, passaram a chegar à Escola em melhores condições, em termos de conhecimento militar, para a realização do curso presencial.

Ainda em 1964, por ocasião da cerimônia de encerramento do 1º turno dos cursos regulares, esteve presente o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco,

presidente do Brasil, acompanhado pelo general Arthur da Costa e Silva, ministro da guerra brasileiro.

Em dezembro do mesmo ano, foi instituído na EsAO o Prêmio General Nestor Penha Brasil. O prêmio foi uma iniciativa do Exército dos EUA por intermédio do chefe da Seção do Exército dos EUA da Comissão Militar Mista Brasil-EUA. Faria jus à distinção o oficial-aluno mais destacado dentre todos os militares de seu turno.

Cabe salientar que em função dos acontecimentos ocorridos na conjuntura nacional, não houve estrangeiros aperfeiçoados em 1964. No ano seguinte, quatro equatorianos e um boliviano cursaram o estabelecimento de ensino.

Em 1966, os cursos regulares foram realizados em dois turnos com duração de quatro meses cada. No mês de setembro, visitou a EsAO o ministro do Exército de Portugal, coronel Joaquim da Luz Cunha e uma comitiva de militares portugueses. Esteve presente também o general de exército Décio Palmeiro de Escobar, chefe do EME, acompanhado de outras autoridades brasileiras.

Durante a referida visita houve uma conferência dirigida pelo tenente-coronel Manuel Leitão Pereira Marques. O objetivo principal do evento era abordar assuntos como a guerra subversiva, a guerra de superfície e os reflexos na atividade de contra-subversão. Naquele ano, cursaram a Escola quatro estrangeiros, todos bolivianos.

No dia 12 de maio de 1967 o general norte-americano Vernon A. Walters, adido militar dos EUA junto ao Brasil, visitou a EsAO com o propósito de despedir-se por término de sua missão como adido. No dia 06 de junho, foi ministrada uma palestra pelo coronel Câmara Senna sobre as atividades comunistas na América do Sul, particularmente no Brasil.

Encerrando as principais atividades daquele ano, no dia 27 de novembro, ocorreu uma conferência cujo tema era o comunismo. O objetivo principal do evento foi reverenciar os militares mortos durante a Intentona Comunista de 1935 e esclarecer aos participantes quais foram os principais fatos ocorridos no movimento revolucionário.

O ano de 1968 foi marcado por uma série de eventos que abordaram questões sobre o comunismo. No dia 05 de agosto, houve uma palestra do professor Gustavo Corção tratando sobre as características da ação comunista. No dia 20 do mesmo mês, foi a vez do reverendo bispo Don Geraldo Sigaud, de Diamantina, palestrar sobre a infiltração comunista no clero.

No dia 11 de setembro foi ministrada uma palestra pelo general Moacyr de Aráujo Lopes, cujo assunto tratava sobre a guerrilha. Já em novembro foi realizada uma conferência dirigida pelo deputado Clóvis Stenzel, cujo tema era: A Infiltração Subversiva no Meio Estudantil.

Finalmente, acerca da década de 1960, convém evidenciar outros episódios registrados no período. As manobras escolares realizadas na EsAO, assim como ocorreu na década anterior, continuaram colocando em prática os ensinamentos das operações ofensivas e defensivas ensinadas nas salas de instrução. Esses exercícios trabalhavam com os escalões corpo de exército, divisão, grupos táticos, dentre outros.

Permaneceu a ênfase na redação de documentos de planejamento, ordens de execução, ordens de operação e demais documentos de rotina. Contudo, deu-se início ao uso dos termos País Vermelho e País Azul, nas situações gerais dos temas táticos. O País Vermelho representava o inimigo e o País Azul simbolizava o país amigo.

3 METODOLOGIA

A presente seção tem por finalidade apresentar o caminho desenvolvido ao longo da pesquisa com o propósito de esclarecer o método científico utilizado. Dessa forma, permitir-se-á o entendimento sistemático do planejamento realizado para a consecução dos objetivos propostos. Com isso, serão abordados o objeto formal de estudo, a forma de delineamento da pesquisa, os critérios utilizados e as estratégias adotadas.

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

O presente estudo procurou analisar as consequências geradas pela influência da doutrina militar norte-americana nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, abrangendo o período que se inicia em 1934, com a vinda da Missão Militar Americana para o Brasil, e se estende até o ano de 1970.

Por meio da análise proposta, foi possível buscar, organizar e compreender os aspectos comuns e incomuns de diversas informações que se encontram dispersas em várias fontes, com o objetivo de produzir um conhecimento de valor histórico sobre a influência da doutrina norte-americana na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Da análise das variáveis envolvidas no presente estudo, “as consequências geradas pela doutrina norte-americana nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais” apresenta-se como variável dependente, já que se espera que tenha sofrido efeito significativo da variável independente “a influência da doutrina norte-americana na EsAO”.

Devido às características qualitativas das variáveis de estudo, é necessário defini-las conceitualmente e operacionalmente, a fim de torná-las passíveis de observação e de mensuração.

3.1.1 Definição conceitual das variáveis

No presente estudo, “a influência da doutrina norte-americana na EsAO” pode ser definida como a capacidade da doutrina norte-americana de, a partir de um determinado conjunto de ações e procedimentos, ocasionar mudanças significativas em aspectos fundamentais da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

As dimensões da variável estudada foram as seguintes: aspectos doutrinários norte-americanos e o intercâmbio entre os Exércitos do Brasil e dos Estados Unidos.

Da mesma forma, “as consequências geradas pela doutrina norte-americana nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais” podem ser compreendidas como o conjunto de transformações ocorridas na EsAO, em função da influência estadunidense que a Escola passou a receber a partir de meados da década de 1930.

A dimensão da variável estudada foi a seguinte: mudanças nos diversos aspectos que englobam a estrutura organizacional e o ensino da EsAO, tais como, alteração de manuais e normas internas, documentos produzidos, mudanças na instrução, ensinamentos adquiridos, dentre outros aspectos.

3.1.2 Definição operacional das variáveis

Variável independente	Dimensões	Indicadores	Formas de medição
A influência da doutrina norte-americana na EsAO	- Aspectos doutrinários norte-americanos.	- Princípios, conceitos, normas e procedimentos empregados pelos norte-americanos.	- Pesquisa bibliográfica e documental: Acervo histórico da EsAO, Arquivo Histórico do Exército e outras fontes diversas.
	- Intercâmbio entre os Exércitos do Brasil e dos Estados Unidos da América.	- Ações político-militares estabelecidas entre os governos dos dois países.	
		- Missão Militar Americana.	
		- Envio de militares brasileiros aos EUA.	

Quadro 3 – Definição operacional da variável independente
Fonte: o autor

Variável dependente	Dimensões	Indicadores	Formas de medição
As consequências geradas pela doutrina norte-americana nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.	- Mudanças na estrutura organizacional e no ensino da EsAO.	- Mudanças ocorridas em manuais escolares da EsAO a partir da influência dos norte-americanos.	- Pesquisa bibliográfica e documental: Acervo histórico da EsAO, Arquivo Histórico do Exército e outras fontes diversas.
		- Surgimento de novas normas internas a partir da influência dos norte-americanos.	
		- Documentos produzidos em função da influência dos norte-americanos.	
		- Mudanças na instrução em função da influência dos norte-americanos.	
		- Ensinamentos adquiridos a partir da influência dos norte-americanos.	
		- Aquisição e emprego de novos materiais de emprego militar a partir da influência dos norte-americanos.	

Quadro 4 – Definição operacional da variável dependente
Fonte: o autor

3.2 DELINEAMENTO DE PESQUISA

Como método de abordagem foi utilizado o método dedutivo, uma vez que este caminho usa o silogismo, construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira, logicamente decorrente das duas primeiras (GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 1993). Na presente pesquisa tem-se como premissa maior que a doutrina norte-americana influenciou o Exército Brasileiro e como premissa

menor que a EsAO é uma das principais escolas do Exército Brasileiro. Logo, como a EsAO faz parte do Exército Brasileiro ela consequentemente foi influenciada pela doutrina norte-americana.

Além disso, como métodos de procedimento foram usados o método histórico e o comparativo. Ambos permitiram, a partir do estudo dos conhecimentos, processos e instituições passadas e de comparações de estudos e assuntos referentes ao tema em questão, que se obtivesse uma maior compreensão das transformações ocorridas na EsAO em função da influência da doutrina norte-americana.

No que tange ao tipo de pesquisa, quanto à natureza, o presente estudo, caracteriza-se por ser uma pesquisa do tipo aplicada, que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática. Tais conhecimentos foram dirigidos à solução de questionamentos acerca de importantes mudanças que ocorreram em uma das principais escolas militares brasileiras, a EsAO, em função da influência doutrinária norte-americana.

Para alcançar o objetivo proposto, utilizou-se a forma de abordagem predominantemente qualitativa, por meio da interpretação dos fenômenos referentes a influência estrangeira na EsAO, verificando e atribuindo significados as suas consequências.

Com base no objetivo geral desta investigação, conclui-se que se tratou de uma pesquisa descritiva, que visou estabelecer relações entre as variáveis estudadas. Além disso, teve por finalidade também aumentar os conhecimentos sobre a influência norte-americana na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e obter uma visão mais completa sobre o assunto.

A pesquisa em curso também se caracterizou como um estudo bibliográfico e documental que, para sua consecução, teve por método a leitura exploratória e seletiva do material de pesquisa, bem como sua revisão integrativa. Dessa forma, contribuiu-se para o processo de síntese e análise dos resultados de vários estudos, de forma a consubstanciar um corpo de literatura atualizado e compreensível.

Por fim, a seleção das fontes de pesquisa foi baseada em publicações de autores de reconhecida importância no meio acadêmico, em manuais de emprego militar utilizados pelo Exército Brasileiro ao longo do período de estudo em questão e em artigos publicados em revistas militares que tratam de assuntos referentes ao tema.

O delineamento de pesquisa contemplou as fases de levantamento e seleção da bibliografia, coleta dos dados, crítica dos dados, leitura analítica e fichamento das fontes, argumentação e discussão dos resultados.

3.2.1 Procedimentos para a revisão da literatura

Tendo em vista a definição de termos, a redação da revisão de literatura e também a estruturação de um modelo teórico de análise que viabilize a solução do problema de pesquisa, foi realizado um exame da literatura utilizada como fonte nos seguintes moldes:

a. Fontes de busca

- Documentos produzidos pela EsAO ao longo do período em estudo;
- Manuais escolares e NGA da EsAO, instruções provisórias e cadernos de instrução do Exército Brasileiro;
- Trabalhos acadêmicos que se encontram na biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais;
- Trabalhos acadêmicos que se encontram na biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército;
- Monografias e teses do Sistema de Monografias e Teses do Exército Brasileiro;
- Artigos científicos das principais revistas nacionais e internacionais de assuntos militares; e
- Livros publicados por civis e militares.

b. Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicas

Foram utilizados os seguintes termos que descrevem a intenção de busca: *"doutrina norte-americana", "influência estadunidense" "História da EsAO", "intercâmbio entre Brasil e EUA"*, "*Missão Militar Americana",* com o emprego dos devidos filtros e respeitando as peculiaridades de cada base de dados.

Após a pesquisa eletrônica, as referências bibliográficas dos estudos considerados relevantes foram revisadas, com a finalidade de encontrar artigos não localizados na referida pesquisa.

3.2.2 Procedimentos metodológicos

O delineamento de pesquisa contemplou, inicialmente, as fases de levantamento, de seleção da bibliografia e de documentos importantes à pesquisa, de leitura analítica e fichamento das fontes. Esta pesquisa bibliográfica e documental foi desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos de autores renomados no meio acadêmico.

Para tanto, foi realizada uma visita à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, onde se pôde ter acesso a documentos e livros referentes ao tema da presente pesquisa.

Além disso, também foram realizadas visitas ao Arquivo Histórico do Exército e ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, locais onde foi possível o acesso a documentos e livros referentes à Missão Militar Americana, à questões históricas da EsAO, ao contexto político-militar brasileiro do período em análise e aos intercâmbios ocorridos entre Brasil e EUA durante o período estudado.

Acerca dos critérios de inclusão e coerência e de exclusão e coerência pode-se observar o seguinte:

a. Critérios de inclusão e coerência:

- Estudos publicados em português, inglês, ou espanhol;
- Estudos e documentos publicados de 1900 a 2016;
- Estudos quantitativos e qualitativos que descrevem questões referentes à doutrina norte-americana no período em estudo;
- Estudos quantitativos e qualitativos que abordam questões referentes à Missão Militar Americana, ao intercâmbio entre Brasil e EUA no período de interesse e aqueles que discorrem sobre as características da EsAO durante o período em estudo.

b. Critérios de exclusão e coerência:

- Fontes da *internet* não oriundas de sítios oficiais de organizações de credibilidade (universidades, de governo ou instituições de renome);
- Estudos e documentos publicados antes 1900.

3.2.3 Instrumentos

Tendo em vista proporcionar a mensuração da variável “as consequências geradas nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais”, a presente pesquisa utilizou os seguintes instrumentos: coleta documental e análise de conteúdo.

3.2.3.1 Coleta documental

Visando o levantamento dos dados necessários para a mensuração da variável “as consequências geradas pela doutrina norte-americana nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais”, foi utilizado o instrumento coleta documental.

A utilização deste instrumento foi fundamental para que se conseguisse atingir os objetivos da pesquisa em curso, uma vez que esta possuiu um caráter histórico e necessitou essencialmente do uso de documentos históricos para sua solução.

A finalidade da presente pesquisa foi solucionar o seguinte problema: “Em que medida a doutrina norte-americana influenciou os princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais no período de 1934 a 1970?”.

Certamente o emprego de uma volumosa documentação, proveniente de variadas fontes documentais, característica principal da coleta documental, pôde orientar o caminho a ser percorrido na busca do entendimento do fenômeno em pauta.

3.2.3.2 Análise de conteúdo

Ainda com o objetivo de levantar dados para a mensuração da variável dependente da pesquisa atual, conforme citado no item anterior, foi estabelecido outro tipo de instrumento: a análise de conteúdo. Este instrumento se caracteriza por estudar e analisar as variáveis de forma objetiva e sistemática. Busca também inferências confiáveis de dados e informações sobre um determinado contexto, baseando-se em discursos escritos ou mesmo orais.

A análise de conteúdo pode ser aplicada em livros, revistas, documentos, cartas, regulamentos, dentre outros, e se apresenta como uma ferramenta muito útil em uma pesquisa na qual existe uma grande necessidade de se utilizar fontes que

possuem um caráter predominantemente histórico, como foi o caso da investigação realizada no presente estudo.

3.2.4 Análise dos dados

Com relação à apresentação e a análise dos dados obtidos foram realizados alguns procedimentos sequenciais que permitiram a compreensão mais adequada acerca da volumosa documentação proveniente dos diversos tipos de fontes que foram utilizadas. Sendo assim, primeiramente o documento foi identificado no que tange a sua natureza, aos aspectos referentes ao seu autor, a data de publicação e ao local ou região onde foi produzido.

Em um segundo momento, foi realizada a análise do conteúdo através da identificação do tema tratado, distinguindo a informação principal das acessórias, e da identificação do contexto histórico. Também foi feita a Interpretação do documento, esclarecendo expressões ou frases cujo sentido suscite dúvidas.

A terceira etapa foi a avaliação da importância histórica da fonte, que ocorreu por meio da identificação do interesse histórico do documento para o estudo do assunto em questão, ou seja, a finalidade da sua produção, a relação do autor com o assunto em pauta e a ocorrência de erros ou omissões.

Além disso, a comparação direta dos dados extraídos das diversas fontes permitiu entender a relação entre as variáveis propostas na pesquisa. Dessa forma**,** se tornou possível a reunião dos aportes necessários para a eliminação de dados incoerentes e para o desenvolvimento de conclusões embasadas que permitiram a verificação da hipótese de estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção tem por objetivo principal apresentar e discutir os resultados obtidos por meio da revisão bibliográfica e documental, com a finalidade de analisar em que medida se deu a influência doutrinária estadunidense na EsAO e quais foram as consequências para os princípios, conceitos, normas e procedimentos do referido estabelecimento de ensino.

Por intermédio de uma acurada revisão de literatura, foram reunidas as principais fontes que abordam os aspectos mais importantes relacionados à influência da doutrina norte-americana na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e, em função disso, foi possível alcançar uma visão teórica ordenada sobre o tema em estudo e sobre as questões que o envolvem.

Nos trabalhos acadêmicos da EsAO e da ECEME, nos artigos científicos, livros, manuais, relatórios e documentos oficiais pesquisados foram encontradas fontes autênticas e fiéis suficientes para dar suporte à discussão que teve como foco solucionar os aspectos relevantes do problema apresentado e responder as questões de estudo propostas.

Sendo assim, as informações aqui expostas servirão como base para futuras conclusões, solucionando o problema de pesquisa proposto e sugerindo futuras pesquisas.

4.1 VARIÁVEL INDEPENDENTE

A influência da doutrina norte-americana na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais caracteriza a variável independente da presente pesquisa. As conclusões e debates sobre uma de suas dimensões e seus indicadores serão apresentados a seguir. A dimensão da variável em questão que será analisada é o intercâmbio entre os Exércitos do Brasil e dos Estados Unidos da América.

As características da outra dimensão da variável independente, “aspectos doutrinários norte-americanos”, será relacionada e abordada diretamente nas analises das dimensões da variável dependente da presente pesquisa.

4.1.1 Intercâmbio entre os Exércitos do Brasil e dos Estados Unidos da América

Conforme já abordado na presente pesquisa, é sabido que, a partir da década de 1930, a doutrina militar norte-americana passou a exercer considerável influência sobre o Exército Brasileiro e consequentemente sobre as suas escolas militares.

Para que a proporção dessa influência pudesse ser melhor compreendida fez-se necessário o conhecimento mais aprofundado sobre como se deu o intercâmbio entre os Exércitos do Brasil e dos Estados Unidos da América no período em observação, que se inicia em meados da década de 1930 e se estende até 1970.

Por meio da análise das ações político-militares entre Brasil e EUA, da atuação da Missão Militar Americana e do envio de militares brasileiros aos EUA, no período em pauta, tornou-se possível uma maior compreensão acerca de como se deu o intercâmbio supracitado.

4.1.1.1 Ações político-militares estabelecidas entre os governos dos dois países

Constatou-se no presente estudo que a partir de meados da década de 1930, por questões já abordadas anteriormente, deu-se início a um crescente estreitamento das relações político-militares entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

Na década seguinte, durante a II Guerra Mundial, essas relações foram consolidadas por meio de acordos que permitiram o surgimento da Comissão Militar Mista Brasil-EUA. Essa comissão era dividida em outras duas, a Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estados Unidos e a Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos.

Essas comissões tiveram grande importância no processo de influência norte-americana sobre o Exército Brasileiro. Isto porque, foram elas que viabilizaram a mobilização e organização da Força Expedicionária Brasileira. Além disso, as comissões também foram responsáveis pelo gerenciamento do intercâmbio entre militares dos dois países.

Também coube a elas a responsabilidade por viabilizar o processo de fornecimento de materiais de emprego militar norte-americano para as tropas militares brasileiras.

Na década de 1950, no que diz respeito às questões político-militares, o acontecimento mais importante foi a concretização do Acordo de Assistência Militar entre a República dos Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos da América.

A partir desse pacto, o Brasil se comprometeu a fornecer minerais estratégicos para os norte-americanos. Os Estados Unidos da América, por sua vez, tinham por compromisso o fornecimento de equipamentos, serviços e materiais bélicos modernos à época.

No início da década de 1960, o governo brasileiro buscou um relativo afastamento nas relações políticas com os norte-americanos. Entretanto, os EUA procuraram intensificar suas relações diretamente com os militares brasileiros, tendo em vista o bom relacionamento existente desde a década de 1940.

Com isso, mesmo diante de um afastamento político brasileiro, os norte-americanos continuaram destinando ajuda financeira as tropas brasileiras e permitiram que um número maior de oficiais brasileiros cursassem suas escolas militares.

Com a chegada do marechal Castelo Branco à presidência do Brasil, em 1964, houve uma reaproximação com os norte-americanos não se limitando apenas ao campo militar, mas se estendendo aos campos político e econômico. A partir daí, o Brasil aumentou sua contribuição à ideia de defesa hemisférica formulada pelos norte-americanos.

Entretanto, no final da década de 1960, a partir da política nacionalista implantada pelo governo de Arthur da Costa e Silva, as relações político-militares entre o Brasil e os Estados Unidos da América tiveram uma significativa diminuição em sua intensidade.

No que tange as relações entre a EsAO e a CMMBEU, convém citar que membros da Comissão estiveram presentes em diversas atividades transcorridas no referido estabelecimento de ensino. Conforme os registros históricos, em 1946, por exemplo, membros da CMMBEU presenciaram a cerimônia de abertura dos cursos da Escola.

No ano seguinte, o general C.H. Gerhardt, chefe da Seção Terrestre da CMMBEU, confeccionou uma referência elogiosa ao coronel Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, comandante da EsAO.

No documento, o general norte-americano descreveu que durante três meses observou as atividades desenvolvidas na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Durante esse período de observação, o general também assistiu a instruções, manobras e exercícios militares e concluiu que o nível de qualidade alcançado estava bastante elevado.

Já em 1948, ocorreu a visita do general Harrison Morris Jr., novo chefe da Seção Terrestre da CMMBEU. Dois anos depois, a EsAO foi visitada pelo general Thomas Sherman Tinberman, assistente do Exército dos EUA. Tinberman estava acompanhado pelo major general Charles L. Mullins, membro da CMMBEU.

Cabe apontar que no decorrer da década de 1950 ocorreram outras visitas de militares membros da Comissão Militar Mista Brasil-EUA à EsAO. Foi verificado, como no exemplo do general C.H. Gerhardt, que esses militares tiveram acesso direto a questões relacionadas ao ensino e as práticas doutrinárias da instituição.

De maneira geral, nas décadas de 1940, 1950 e 1960 a Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos da América teve um papel crucial para que os acordos referentes às relações político-militares entre os dois países pudessem ser colocados em prática.

Tratando especificamente da EsAO, embora não tenha sido possível mensurar o nível de influência norte-americana produzido pelas relações com os militares estadunidenses da CMMBEU, pode-se inferir que tal influência ocorreu. Além do mais, também é possível compreender que essa mesma influência contribuiu para que acontecessem ingerências estrangeiras nas atividades realizadas na Escola de Aperfeiçoamento.

Conclui-se então que o estabelecimento da Comissão Militar Mista Brasil-EUA, em meados da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi uma decisão essencial para que a doutrina militar estadunidense pudesse se tornar tão presente entre as fileiras militares brasileiras, em particular na EsAO.

4.1.1.2 Missão Militar Americana

Conforme o que já foi exposto no presente estudo, em meados dos anos de 1930, o governo brasileiro acionou os serviços militares norte-americanos por meio da contratação da Missão Militar Americana.

O objetivo principal da MMA era auxiliar o Estado-Maior do Exército Brasileiro em assuntos referentes, principalmente, a Artilharia de Costa Brasileira. Conforme já citado te,

> A Missão Militar Americana foi contratada [...] para cooperar com o Estado Maior do Exército brasileiro, atuando junto a Inspetoria de Defesa de Costa e com oficiais do Exército brasileiro, no desenvolvimento e funcionamento do Centro de Instrução de Artilharia de Costa, além de superintender os cursos e auxiliar a instrução. A Missão, chefiada pelo General de Brigada Allen Kinberly (USA), tinha a seu cargo os cursos de Fortificação Permanente e Guerra Química, na Escola Técnica do Exército, onde deveria auxiliar as respectivas instruções. (RODRIGUES, 2008, p. 1).

Dessa forma, a Missão Militar Americana representou os primeiros passos efetivos da influência doutrinária norte-americana no exército. Os militares norte-americanos trouxeram novos conhecimentos doutrinários, referentes à organização das tropas, à currículos escolares, ao emprego de armamentos padronizados, dentre outros.

Essas novidades passaram a ser absorvidas pelas tropas brasileiras, particularmente pelas suas escolas militares, responsáveis pela uniformização da instrução e pela disseminação dos novos conhecimentos doutrinários para todo o contingente militar.

Nos documentos sobre a história da EsAO, pôde-se constatar a veracidade dos argumentos supracitados. Em 1946, por exemplo, durante um discurso já referenciado na presente pesquisa, o comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, coronel Nicanor Guimarães de Souza, afirmou que a Escola contava com a ajuda de oficiais da MMA que se encontravam no Brasil.

Segundo os registros históricos, o coronel Nicanor declarou o seguinte: “nossa Escola [...] irá contar [...] com as luzes dos oficiais da Missão Militar Norte-Americana em serviço no Brasil[17].”

Ainda em 1946, durante a cerimônia de abertura dos cursos, novamente o coronel Nicanor realizou um discurso no qual ressaltou a necessidade da ajuda dos oficiais norte-americanos para a modernização do ensino da Escola. Ele afirmou o seguinte: “[...] hoje podemos igualmente recorrer à cooperação dos oficiais norte-americanos sempre prontos e solícitos a labutar conosco[18].”

Em 1949, uma comitiva de militares da Missão Militar Americana visitou a EsAO para parabenizar o seu novo comandante pela ascensão ao cargo. Dois anos depois, foi a vez do coronel James B. Edmunds, diretor da Divisão de Instrução de

---

[17] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 42.
[18] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 47.

Serviços da MMA. James visitou as dependências da EsAO e se inteirou acerca dos assuntos relativos à instrução.

Ao longo de toda a década de 1950, foram registradas visitas de membros da Missão Militar Americana à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Fato que corrobora a ideia do bom relacionamento entre militares brasileiros e norte-americanos no período.

Diante do exposto, conclui-se que, tendo em vista ser a EsAO uma das principais escolas militares do Exército Brasileiro na época da MMA e ainda hoje, torna-se possível deduzir que as influências doutrinárias norte-americanas absorvidas pelo exército como um todo, influenciaram também o estabelecimento de ensino, ainda que indiretamente.

Além disso, o coronel Nicanor, comandante da EsAO em 1946, confirmou que os oficiais da MMA cooperavam com a Escola em assuntos referentes a instrução. Este fato, somado às visitas constantes de oficiais da Missão Militar Americana, permite o entendimento de que os norte-americanos exerceram uma influência direta na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

4.1.1.3 Envio de militares brasileiros aos EUA

A partir da pesquisa realizada foi possível constatar que com a chegada da Missão Militar Americana, em 1934, a relações militares entre Brasil e EUA começaram a se estreitar progressivamente. Com isso, no final da década de 1930, foram estabelecidos acordos que permitiram que oficiais brasileiros fossem enviados para os Estados Unidos da América, a fim de adquirirem conhecimentos modernos sobre a arte da guerra.

Conforme já citado anteriormente, Stumpf (2010, p. 99) descreve que alguns oficiais foram enviados para cursos de adaptação às práticas de guerra empregadas pelos norte-americanos. A partir de então, deu-se início a uma tendência de intercâmbio entre militares que perdurou durante décadas.

Constatou-se que o contato desses militares com o Exército Norte-Americano produziu uma maior aproximação entre os dois exércitos. Diante dessa realidade, os militares brasileiros passaram a absorver características doutrinárias estadunidenses e, por ocasião de seu retorno ao Brasil, as disseminavam entre os demais militares do exército.

A partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), momento no qual as

relações entre Brasil e EUA se intensificaram, os intercâmbios entre militares dos dois países também aumentou, passando a ser uma realidade em todo o Exército Brasileiro, em particular em suas escolas militares.

Dessa forma, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais também foi envolta nesse processo, e alguns de seus militares foram designados para a realização de visitas, estágios e cursos nas unidades militares do Exército dos Estados Unidos da América.

Segundo os registros históricos da EsAO referentes ao ano de 1947, o comandante da Escola, coronel Nilo Horácio de Oliveira Sucupira viajou para os Estados Unidos da América e teve a oportunidade de visitar alguns estabelecimentos de ensino norte-americanos.

O mesmo coronel Sucupira, em um de seus discursos realizado durante a solenidade de encerramento do 2º turno dos cursos regulares de 1947, conforme já citado anteriormente, relatou que militares da Escola haviam realizado estágios nos Estados Unidos da América.

Na oportunidade, o coronel Sucupira disse o seguinte: “Os nossos oficiais que estagiaram nas escolas dos E.E.U.U., assistiram e aprenderam como aplicar esses métodos, que consistiram na própria essência das forças armadas desse invencível exército[19].”

Nos registros referentes ao ano de 1952, já citados na presente pesquisa, consta uma referência elogiosa do então diretor de ensino do exército à EsAO, na qual, dentre outros assuntos abordados, o militar confirma que militares da Escola realizaram estágios nos centros de instrução norte-americanos.

Dois anos mais tarde, em 1954, foi a vez do general de brigada Oscar Rosa Nepomuceno da Silva, então comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, visitar as unidades militares norte-americanas, a convite do governo estadunidense.

Já em 1959, novamente um comandante da EsAO, na ocasião o general de brigada Ignácio de Freitas Rolim, visitou as instituições militares dos Estados Unidos da América a convite da Comissão Militar Mista Brasil-EUA.

Em junho de 1963, o Curso de Artilharia da EsAO recebeu uma referência elogiosa do general de divisão L.S. Griffing, comandante da Escola de Artilharia e Mísseis do Exército Norte-Americano. Numa parte da referência elogiosa consta a

---

[19] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 94.

informação de que oficiais da EsAO visitaram e estudaram na Escola norte-americana em questão.

Na referência, o general de divisão L.S. Griffing relatou o seguinte: “[...] A Escola da Artilharia e Mísseis do Exército Norte-Americano guarda recordações agradáveis dos oficiais brasileiros que a visitaram ou nela estudaram[20].”

Em face do exposto, pôde-se verificar que a partir da década de 1940, uma parcela significativa de militares brasileiros foram realizar visitas, estágios e cursos em unidades militares dos Estados Unidos da América.

Por ocasião do retorno desses combatentes, as doutrinas militares norte-americanas, absorvidas por eles, passaram a ser disseminadas nas fileiras militares do Exército Brasileiro e influenciaram a Força como um todo, em particular, escolas militares como a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Quanto a EsAO propriamente dita, tendo por base os registros históricos de suas atividades, constatou-se que alguns de seus militares realizaram visitas, estágios e cursos no EUA. Esses militares absorveram os conhecimentos doutrinários defendidos pelos norte-americanos e, por ocasião de seu retorno ao Brasil, os repassaram aos demais militares da instituição de ensino.

Dessa forma, pôde-se compreender que a doutrina militar norte-americana influenciou diretamente a Escola por intermédio desses militares que tiveram a oportunidade de ter um contato mais estreito com os ensinamentos estadunidenses.

4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE

As consequências geradas pela doutrina norte-americana nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais caracterizam a variável dependente da presente pesquisa. As conclusões e debates sobre sua dimensão e seus indicadores serão apresentados a seguir. Como dimensão da variável em questão, relaciona-se as mudanças na estrutura organizacional e no ensino da EsAO.

---

[20] Livro Histórico da EsAO (1946-1965), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. Registros referentes ao ano de 1963.

4.2.1 Mudanças na estrutura organizacional e no ensino da EsAO

Sabe-se que a influência da doutrina norte-americana trouxe consequências para os princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Essas consequências podem ser compreendidas por meio da identificação das mudanças ocorridas na estrutura organizacional e no ensino da EsAO.

Tais mudanças tornam-se mais claramente identificáveis quando se analisam alguns indicadores. Dentre eles, pode-se relacionar as modificações ocorridas em manuais escolares, as normas internas que surgiram e os novos documentos produzidos sob a influência da doutrina norte-americana.

Outros indicadores que também podem contribuir para identificar as mudanças na estrutura organizacional e no ensino da Escola são as mudanças que ocorreram na instrução, os ensinamentos que foram absorvidos e a identificação dos materiais de emprego militar que foram adquiridos e empregados a partir da influência dos norte-americanos.

4.2.1.1 Mudanças ocorridas em manuais escolares

A partir da pesquisa realizada, pôde-se constatar que da fundação da EsAO até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os principais manuais e documentos que embasavam a instrução militar eram profundamente influenciados pela doutrina militar francesa.

Isto se deu pelo fato de que após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o governo brasileiro optou pelo estreitamento dos laços militares com os franceses. Com isso, em 1919, houve a contratação da Missão Militar Francesa e a influência da doutrina francesa passou a predominar nas fileiras militares nacionais.

Por conseguinte, os manuais aprovados no ano de 1921, que passaram a nortear a instrução militar brasileira, expressavam uma série de características do pensamento e da doutrina militar francesa. Esses documentos eram embasados nas formas de combater desenvolvidas ao longo do primeiro conflito mundial.

Desses manuais, conforme já citado anteriormente, pode-se relacionar o Regulamento para Direção e Emprego de Grandes Unidades, o Regulamento para o Serviço de Estado-Maior em Campanha, o Regulamento para a Organização do Terreno, o Regulamento para a Instrução dos Quadros e da Tropa, dentre outros.

A partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), diante das novas concepções sobre o combate, o Estado-Maior do Exército aprovou novos manuais que substituíram em grande parte àqueles que estavam em vigor até então. Esses manuais eram baseados na doutrina militar norte-americana.

Dentre eles, conforme já citado anteriormente, pode-se relacionar os manuais "Artilharia de Campanha" (C 6-40), "A Divisão Blindada" (C 7-100), "Operações Especiais" (C 31-50), "Serviço em Campanha e Suprimentos" (C 3-15), Estado-Maior e Ordens (C101-5) e o Manual de Operações (C100-5), traduzido do modelo original norte-americano.

Tendo em vista que essa documentação passou a ser empregada nas escolas militares brasileiras, em particular na EsAO, pôde-se constatar a influência direta da doutrina militar norte-americana na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Essa afirmativa fica comprovada pelas palavras registradas pelo coronel Sucupira, comandante da EsAO, na solenidade de encerramento do 2º turno dos cursos regulares do ano de 1947.

Na ocasião, o coronel Sucupira confirma que os regulamentos que haviam sido traduzidos dos norte-americanos e mandados adotar na FEB passaram a ser utilizados na EsAO.

> [...] Ao reabrir-se esta Escola, sentimos a necessidade da uniformização do método didático estabelecido para a instrução dos diversos cursos. Para que essa uniformização estivesse de acordo com os regulamentos americanos, traduzidos e mandados adotar na FEB, foram aplicados os métodos preconizados pelo manual americano F.M. 21-250 que acompanha a evolução da pedagogia moderna[21].

4.2.1.2 Surgimento de Normas Internas

O regulamento de 1929 estabeleceu que a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais teria dois tipos de direção: uma direção de instrução, sob a responsabilidade de um oficial superior da Missão Militar Francesa, e uma direção administrativa, sob a responsabilidade do comandante da Escola.

Tendo em vista que, naquele contexto, os franceses possuíam grande influência na confecção dos documentos e normas da Escola, pôde-se inferir que

---

[21] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 94.

essa separação entre a direção de instrução e a direção administrativa expressava traços das características normativas francesas.

Por ocasião dos últimos anos da década de 1930, quando o exército e, em particular a Escola das Armas[22], já sofriam influencias norte-americanas, em especial da MMA, foi definido que a direção da instrução e a direção administrativa da E.Arm passariam a estar sujeitas ao comandante da Escola. Diante desse novo contexto, pôde-se inferir que essa decisão foi influenciada pelas características normativas norte-americanas.

Outro fato que demonstra a influência norte-americana no surgimento de normas internas da EsAO foi a instituição do Prêmio General Nestor Penha Brasil no ano de 1964.

Essa premiação passou a ser entregue ao oficial-aluno mais destacado dentre todos os militares de seu turno. A homenagem foi uma iniciativa norte-americana por intermédio do chefe da Seção do Exército dos Estados Unidos da América da Comissão Militar Mista Brasil-EUA.

Conclui-se, então, que o relacionamento entre os militares brasileiros e os norte-americanos permitiu que ocorressem influências norte-americanas na criação de normas e procedimentos praticados no interior da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

4.2.1.3 Documentos produzidos

Com relação a documentos produzidos que caracterizam a influência norte-americana, pode-se citar um fato que consta nos registros históricos da Escola das Armas referentes ao ano de 1943. Na oportunidade, houve a publicação de uma mensagem do presidente dos EUA, Franklin D. Roosevelt, no Boletim diário nº 4 da E. Arm, datado de 06 de janeiro de 1943.

Por meio dessa mensagem o presidente Roosevelt se dirigia ao presidente do Brasil, Getúlio Vargas, ressaltando a importância da aliança Brasil-EUA no combate ao nazismo. Na ocasião, essa mensagem foi retransmitida para todo o efetivo militar da Escola.

Outro exemplo ocorreu em 1963, com a publicação em Boletim Interno da Escola de uma referência elogiosa dirigida ao curso de artilharia, elaborada pelo

---

[22] Em 1936, a EsAO foi extinta e em seu lugar foi criada a Escola das Armas. Em 1945, a EsAO foi recriada.

general de divisão L.S. Griffing, comandante da Escola de Artilharia e Mísseis do Exército Norte-Americano. Parte do que o general Griffing escreveu foi o seguinte:

> [...] A Escola de Artilharia e Mísseis do Exército Norte-Americano guarda recordações agradáveis dos oficiais brasileiros que a visitaram ou nela estudaram. O invejável padrão escolar alcançado pelos oficiais-alunos é um indício contínuo da excelência dos artilheiros brasileiros que [...] evidenciaram suas qualidades [...] durante a Segunda Guerra Mundial. [...] Hoje, continuamos igualmente firmes e dedicados a preservação da liberdade tão duramente ganha[23].

4.2.1.4 Mudanças na instrução

O Decreto nº 13.451 de 29 de janeiro de 1919 estabeleceu que os instrutores da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais seriam franceses, em virtude da contratação da Missão Militar Francesa. Em função disto, as instruções militares ministradas no estabelecimento de ensino, nas duas primeiras décadas de funcionamento, foram predominantemente influenciadas pela doutrina militar francesa.

De fato, a influência doutrinária francesa trouxe importantes transformações para o Exército Brasileiro. Entretanto, por ocasião do fim da década de 1930, momento no qual se findou a Missão Militar Francesa, o exército, como um todo, ainda não havia alcançado um padrão verdadeiramente uniforme em sua instrução militar.

A partir da década de 1940, com o predomínio da influência norte-americana, foi possível a padronização de programas e métodos militares, o que fez com que a instrução militar, finalmente, viesse a seguir normas mais uniformes. Desse modo, os conhecimentos bélicos foram nivelados e sistematizados em toda a Força Terrestre, dando fim a grande variedade de documentos que eram elaborados por diferentes fontes.

Essas mudanças permitiram a categorização dos cursos militares em grupos de especialização específicos, definidos como básicos, principais e acessórios. Também foi possível a criação de cursos por correspondência para oficiais, com a finalidade de permitir a atualização de conhecimentos em relação às evoluções dos novos processos de combate.

---

[23] Livro Histórico da EsAO (1946-1965), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. Registros referentes ao ano de 1963.

Toda essa conjuntura de modificações no exército, logicamente, trouxe repercussões para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Tal afirmativa é corroborada pelas palavras do coronel Sucupira, comandante da EsAO, na cerimônia de encerramento do 1º turno dos cursos regulares da Escola, no ano de 1947.

Pode-se perceber que o referido militar, que havia acabado de retornar dos EUA, demonstra em suas palavras a influência norte-americana produzindo o entendimento da necessidade de uniformização dos métodos de ensino da Escola.

> [...] Trazemos, portanto, de nossa recente viagem aos Estados Unidos [...] apenas o que de prático pudermos aplicar no sentido de melhorar o ensino nesta Escola, de resto já profundamente identificado com o sistema norte-americano [...] realizaremos no início do próximo turno [...] um curso de atualização de métodos e processos de instrução para instrutores. Com isso, uniformizaremos os métodos de ensino e os processos e julgamento, cujas vantagens são evidentes para a Escola[24].

Ainda no mesmo discurso, mais uma vez, o comandante da EsAO descreve a busca pela uniformização da metodologia do ensino empregada na instituição.

> [...] Ao reabrir-se esta Escola, sentimos a necessidade da uniformização do método didático estabelecido para a instrução dos diversos cursos. Para que essa uniformização estivesse de acordo com os regulamentos americanos, traduzidos e mandados adotar na FEB, foram aplicados os métodos preconizados pelo manual americano F.M. 21-250 [...][25].

Outra maneira de confirmar os reflexos para a Escola das mudanças que estavam ocorrendo no exército, em função da influência norte-americana, foi criação do curso de preparação, que passou a funcionar a partir e 1964. Esse curso representou o pioneirismo do ensino a distância na EsAO, sendo ministrado por meio de correspondências.

Finalmente, pôde-se concluir que, a partir do contato com a doutrina militar norte-americana, ocorreram significativas mudanças na instrução militar brasileira. Essas transformações se refletiram no ensino da EsAO e produziram novos

---

[24] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 69 e 70.

[25] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 69 e 70.

entendimentos sobre a maneira mais adequada para o preparo e prática das instruções.

4.2.1.5 Ensinamentos adquiridos

No que tange a ensinamentos militares adquiridos, durante o período de atuação da Missão Militar Francesa, defendiam-se ideias como a defesa estática, a primazia do fogo sobre o movimento, dava-se grande ênfase a guerra de trincheiras e mantinha-se o emprego da cavalaria hipomóvel, que era incapaz de fazer frente aos blindados.

Além do mais, os franceses trouxeram para o Brasil o método de raciocínio fundamentado em quatro fatores da decisão, que eram a missão, o terreno, o inimigo e os meios. Esse método visava contribuir para a solução dos problemas táticos do emprego militar das tropas brasileiras.

Conforme Netto (2002, p. 52), “O método para o problema tático, segundo a sistemática implantada pela MMF, resumia-se no comandante analisar os quatro fatores da decisão (missão, inimigo, terreno e meios) e decidir sem atentar para o assessoramento do seu estado-maior”.

A partir da influência norte-americana ocorreu um abandono da defesa estática desenvolvida pela MMF e adotou-se a concepção ofensiva para o combate. A ênfase na guerra de trincheiras também foi abandonada e o conceito da primazia do fogo sobre o movimento foi substituído pela ideia de guerra de movimento.

Aderiu-se a concepção norte-americana de combinação das Armas combatentes, na qual as Armas deveriam atuar em conjunto para se obter a vitória nos conflitos. Entendia-se que as ações combinadas envolvendo todas as Armas e serviços era fundamental para se obter a vitória.

Deu-se início a um estudo mais detalhado dos fatores da decisão, trazidos pelos franceses e os comandantes passaram a dar maior importância ao assessoramento do seu estado-maior. Passou-se a dar grande ênfase também para o trabalho de comando, para a redação de documentos de planejamento e para a confecção de ordens de operações.

Aos moldes da doutrina norte-americana, os brasileiros adotaram o exército e o corpo de exército como grandes unidades de batalha, e a divisão como a responsável pelo emprego combinado das Armas. A divisão de infantaria e a divisão de cavalaria eram as maiores grandes unidades existentes em tempo de paz.

O corpo de exército, caracterizado por um comando interposto entre o exército e a divisão, foi organizado com uma parte fixa, quartel-general e elementos de comando, e um número variável de divisões, unidades das Armas e serviços.

Com relação à EsAO, sabe-se que, desde sua criação em 1919, ela sempre foi um dos principais estabelecimentos de ensino do exército. Com isso, pôde-se inferir que os ensinamentos supracitados, que foram adquiridos pelo exército como um todo, influenciaram também a rotina de trabalho da instituição.

Contudo, a partir dos registros históricos da Escola, foi possível verificar alguns fatos que demonstram claramente alguns ensinamentos obtidos a partir do contato com os aspectos doutrinários norte-americanos.

Sobre o método de avaliação do ensino, por exemplo, no ano de 1946, ocorreu a mudança da maneira de avaliar os alunos. Na ocasião, houve a substituição da avaliação por meio de graus numéricos para o uso de menções sintéticas. Essa ideia era defendida e empregada nas escolas militares norte-americanas e passou a ser uma realidade na EsAO.

A partir de então, a principal forma de avaliar os alunos passou a ser por meio de menções, que eram definidas em excepcional, muito bem, bem, regular e insuficiente.

Outro exemplo é caracterizado a partir da observação das palavras proferidas pelo comandante da EsAO, no ano de 1947. Com base nesse relato, compreende-se que os brasileiros que estiveram nos EUA colheram ensinamentos acerca da importância de uma seleção e preparação rigorosa dos instrutores dos estabelecimentos de ensino.

Na oportunidade, conforme já citado anteriormente, foi relatado o seguinte:

> [...] Trazemos, portanto, de nossa recente viagem aos Estados Unidos [...] apenas o que de prático pudermos aplicar no sentido de melhorar o ensino nesta Escola [...] tivemos ocasião de assinalar a importância que no Exército Americano se dá a escolha e a preparação dos instrutores nos Fortes e nos Corpos de Tropa. [...] e o mais importante [...] são os processos adotados para julgamento quer quanto à eficiência do instrutor, quer quanto ao aproveitamento do estudante[26].

Também é possível citar outro fato que demonstra que a Escola de

---

[26] Livro Histórico da EsAO (1936-1954), presente na secretaria do referido estabelecimento de ensino. p. 69 e 70.

Aperfeiçoamento de Oficiais absorveu ensinamentos provenientes dos norte-americanos. De acordo com os registros históricos, em junho de 1957, o general de divisão Leônidas Amaro, diretor geral de intendência à época, realizou uma conferência na qual transmitiu lições adquiridas durante sua visita ao Serviço de Intendência do Exército dos Estados Unidos da América.

Cabe, ainda, fazer uma abordagem sobre os registros relativos às manobras escolares realizadas na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Nesses exercícios, colocava-se em prática uma série de ensinamentos provenientes do contato com a doutrina militar norte-americana.

Dentre eles, pode-se citar: a prática de operações ofensivas e defensivas de acordo com as lições aprendidas na II GM, o emprego da combinação de Armas e serviços, o estudo das operações nos escalões exército de campanha, corpo de exército, divisão, grupos táticos, regimento e batalhão e a ênfase na redação detalhada de documentos de planejamento, ordens de execução, ordens de operações e demais documentos de rotina.

Diante do exposto, torna-se compreensível que, a partir da influência norte-americana, o Exército Brasileiro adquiriu uma série de ensinamentos relativos ao pensamento militar e a arte da guerra. Da mesma forma, a EsAO absorveu ensinamentos referentes a novos aspectos da doutrina militar norte-americana diretamente relacionados com o ensino e com a instrução militar.

4.2.1.6 Aquisição e emprego de novos materiais de emprego militar

A partir da criação da Comissão Militar Mista Brasil-EUA, em 1942, foi possível à execução da denominada Lei de Empréstimo e Arrendamento (Lend-Lease Act) estabelecida em meados de 1941. Essa lei permitia ao governo norte-americano negociar materiais de emprego militar e informações reservadas sobre defesa com países aliados.

Sendo assim, o Brasil passou a adquirir materiais de emprego militar norte-americanos que trouxeram como consequências transformações nos aspectos doutrinários das forças armadas, em particular do exército.

Num primeiro momento, foi a Força Expedicionária Brasileira que recebeu uma grande quantidade de materiais militares para combater na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Nos anos posteriores ao conflito mundial, o exército como um todo passou a adquirir cada vez mais materiais de emprego militar estadunidenses. Dessa forma, esses aparatos bélicos passaram a fazer parte das unidades militares, particularmente as escolas, responsáveis pela uniformização da instrução e disseminação de conhecimentos doutrinários para toda a Força Terrestre.

Conforme se verificou na presente pesquisa, foram adquiridos diversos materiais militares, dentre os quais pode-se destacar: fuzis Garand, morteiros 60 mm e 81 mm, bazuca, metralhadoras leve .30 e .50, canhão anticarro 57 mm, minas antipessoal e anticarro, bombas de gasolina gelatinosa, obuses 105 mm e 155 mm, obuses autopropulsados, radares, sonares, canhões antiaéreos, carros de combate Sherman, viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) Scout car e Half-track, dentre outros.

No que tange à EsAO, pôde-se verificar que boa parte desses materiais militares passaram a ser empregados nos cursos das Armas da Escola. Nos registros referentes a 1947, por exemplo, consta que o tiro da artilharia divisionária foi organizado pelo curso de artilharia da Escola e que na ocasião foram empregados os obuses 105 mm e 155mm.

Já os registros históricos, referentes ao ano de 1951, contêm a informação de que a Comissão Militar Mista Brasil-EUA planejou e executou um exercício militar que envolveu os membros da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Na oportunidade, houve uma demonstração de emprego de canhões sem recuo 57mm e dos carros de combate Sherman 75 mm.

Além disso, foram constatadas a aquisição e emprego de outros materiais estadunidenses que, direta ou indiretamente, estavam enquadrados em aspectos relacionados à doutrina militar. Dentre eles, pode-se citar: uma bomba de gasolina elétrica de origem norte-americana da marca Wayne, modelo 577-R e viaturas norte-americanas da empresa GMC TNE, modelo 2 ½ ton, 6x6, fabricadas nos anos de 1942, 1944 e 1945.

Conclui-se, então, que também houve a influência da doutrina militar norte-americana por meio dos materiais de emprego militar estadunidenses que, a partir da década de 1940, passaram a estar presentes nas unidades militares brasileiras, em particular, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de solucionar o seguinte problema: “Em que medida a doutrina norte-americana influenciou os princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais no período de 1934 a 1970.”

Tendo em vista alcançar a meta proposta, foi estabelecido como objetivo geral do trabalho a realização de uma análise das consequências geradas pela influência da doutrina norte-americana nos princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais no período 1934 a 1970.

Dessa forma, constatou-se que após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o governo brasileiro buscou uma maior aproximação militar com os franceses. Com isso, houve a contratação da Missão Militar Francesa com a finalidade de auxiliar as tropas brasileiras, em particular no que diz respeito ao ensino militar.

Os militares da MMF perceberam a necessidade de uma escola de aperfeiçoamento para os oficiais brasileiros. Desse modo, a partir da influência francesa, foi criada a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 1919.

No período compreendido entre 1919 e o final da década de 1930, os franceses prestaram auxílio ao Exército Brasileiro. Nesses anos, a influência militar francesa foi predominante sobre as fileiras militares brasileiras, em particular sobre a EsAO.

Com os franceses, houve uma reformulação dos conceitos doutrinários, em especial, no que diz respeito aos aspectos táticos. Ocorreu também uma reestruturação organizacional do exército, com a introdução, à época, das formas mais atuais de combate.

Na década de 1930, ocorreu um estreitamento das relações político-militares entre os governos brasileiro e norte-americano. Deste modo, tornou-se possível a contratação da Missão Militar Americana, em 1934. Sua finalidade principal era auxiliar o Estado-Maior do Exército Brasileiro em assuntos referentes, principalmente, à Artilharia de Costa Brasileira.

A MMA representou efetivamente o início da influência doutrinária norte-americana sobre o exército. A partir de então, começou a haver um crescente afastamento dos principais ensinamentos transmitidos pelos franceses, uma vez que os norte-americanos trouxeram novos conhecimentos doutrinários, mais adequados ao pensamento militar vigente naquele momento histórico.

Os novos conteúdos doutrinários passaram a ser absorvidos pelas tropas brasileiras, particularmente pelas suas escolas militares, responsáveis pela homogeneidade da instrução e pela disseminação dos novos aspectos doutrinários para as tropas militares.

Verificou-se também que, a partir da década de 1940, o exército passou a enviar seus oficiais para as escolas militares estadunidenses. Esses militares absorviam os aspectos doutrinários norte-americanos e quando retornavam ao Brasil, transmitiam esses conhecimentos aos demais combatentes.

Outro fator importante foi a criação e atuação da Força Expedicionária Brasileira no segundo conflito mundial. A FEB foi organizada e estruturada sob a ótica da doutrina militar norte-americana e caracterizou uma grande influência estadunidense no Exército Brasileiro.

Por ocasião de seu retorno ao Brasil, a doutrina militar norte-americana foi definitivamente introduzida no currículo escolar das principais escolas militares brasileiras, em particular na EEM e na EsAO.

Sendo Assim, a partir da tradução e adoção de regulamentos e manuais norte-americanos, foi possível a padronização de programas e métodos de ensino, houve a uniformização de aspectos relativos à instrução e os conhecimentos foram nivelados e sistematizados.

No período correspondente às décadas de 1950 e 1960, a doutrina militar norte-americana permaneceu influenciando as fileiras militares brasileiras, ainda que em menor intensidade do que na década de 1940. A partir do final da década de 1960, o governo brasileiro passou a buscar desenvolver uma doutrina militar própria. Sendo assim, começou a haver a diminuição da influência estadunidense sobre as tropas brasileiras.

No que diz respeito à influência da doutrina militar norte-americana diretamente sobre a EsAO, verificou-se que ela ocorreu por intermédio de militares da Missão Militar Americana, por meio de oficiais da Escola que foram enviados aos EUA e mediante o uso de manuais militares norte-americanos.

Tal influência pôde ser constatada no surgimento de novas normas, na criação de documentos, em mudanças na instrução, em novos ensinamentos adquiridos e na aquisição e emprego de novos materiais de emprego militar.

Acerca da Missão Militar Americana, verificou-se que os oficiais norte-americanos da MMA estiveram presentes na EsAO e cooperaram diretamente com a

instrução militar desenvolvida na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Esse fato permite o entendimento de que a influência estadunidense ocorreu através desses militares.

Outro fato constatado foi que oficiais instrutores da EsAO realizaram visitas, estágios e cursos no EUA com a finalidade de adquirir os conhecimentos doutrinários norte-americanos e os reproduzir na Escola. Quando esses militares retornavam ao Brasil, eles inseriam esses ensinamentos nas instruções ministradas aos seus alunos, caracterizando assim a influência norte-americana.

Percebeu-se também que após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Exército Brasileiro traduziu e adotou os manuais militares norte-americanos como base para o ensino militar. A EsAO passou a utilizar esses manuais em suas instruções e fundamentou seus ensinamentos militares neles. Com isso, também é possível identificar a influência norte-americana.

Ademais, apurou-se que a partir das relações com os norte-americanos novas normas foram estabelecidas na Escola. Antes da influência estadunidense, o comandante da EsAO não se envolvia nos assuntos ligados ao ensino, limitando-se unicamente aos pontos de caráter disciplinar e administrativo. Diante das concepções estadunidenses isso mudou, e o comandante passou a ser também o diretor de ensino.

Além disso, cabe citar a instituição do Prêmio General Nestor Penha Brasil no ano de 1964. Essa distinção foi uma iniciativa norte-americana por intermédio do chefe da Seção do Exército dos Estados Unidos da América da Comissão Militar Mista Brasil-EUA.

Constatou-se também a criação de documentos como boletins internos e referências elogiosas que apresentavam aspectos relativos à influência estadunidense.

Na instrução propriamente dita, verificou-se que, a partir dos ensinamentos norte-americanos, a Escola chegou ao entendimento da necessidade de uniformização de seus métodos de ensino. Com isso, foram estabelecidos cursos de atualização de métodos e processos de instrução para os instrutores, em acordo com o que os estadunidenses defendiam.

Além do mais, diante das mudanças que estavam acontecendo no exército, em função da influência norte-americana, criou-se o curso de preparação, que

representou os primeiros passos do ensino a distância na EsAO, sendo ofertado por meio de correspondências.

No que tange aos ensinamentos adquiridos, notou-se que, em função das ideias defendidas e empregadas nas escolas militares norte-americanas, houve a mudança do método de avaliação do ensino na EsAO, substituindo-se a avaliação por meio de graus numéricos pelo uso de menções sintéticas.

Também por causa dos ensinamentos estadunidenses, o comando da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, passou a dar maior importância a uma seleção e preparação rigorosa daqueles militares que viessem a se tornar instrutores do estabelecimento de ensino.

Ainda sobre ensinamentos adquiridos, também é conveniente dizer que nas manobras escolares realizadas na EsAO, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, praticavam-se inúmeros ensinamentos provenientes do convívio com a doutrina militar norte-americana.

Conforme já abordado nos resultados e discussão, pode-se citar: a prática de operações em conformidade com as lições adquiridas na Segunda Guerra, o emprego da combinação de Armas e serviços, o estudo das operações nos escalões exército de campanha, corpo de exército, divisão, grupos táticos, regimento e batalhão e a ênfase na redação detalhada de documentos de planejamento, ordens de execução, ordens de operações e demais documentos de rotina.

Finalmente, com relação à aquisição e utilização de novos materiais de emprego militar, verificou-se que o Exército Brasileiro adquiriu uma série de armamentos e equipamentos militares dos Estados Unidos da América. Alguns desses materiais foram adquiridos e utilizados pelos cursos das Armas da Escola.

Sendo assim, concluiu-se que também houve a influência da doutrina militar norte-americana na EsAO por meio dos materiais de emprego militar norte-americanos, adquiridos e utilizados pela Escola, a partir de meados da década de 1940.

Por fim, as questões de estudo estabelecidas foram respondidas em sua plenitude. Sendo assim, foi possível dar uma resposta ao problema proposto na pesquisa e pôde-se obter uma visão adequada sobre em que medida a doutrina norte-americana influenciou os princípios, conceitos, normas e procedimentos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais no período de 1934 a 1970.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sergio Luiz Augusto de; PIVA, Teresa Cristina de Carvalho. **A influência do positivismo no ensino científico brasileiro**. Disponível em: http://www.hcte.ufrj.br/. Acesso em: 21 mar. 2017.

AUGUSTO, Horácio Acácio. **Influências estrangeiras marcantes na formação e doutrina do Exército Brasileiro, do descobrimento aos dias atuais**. 1991. 49 f. Monografia (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1991.

BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. São Paulo: Companhia editorial nacional, 2ª edição, 1935.

BELLINTANI, Adriana Lop. **O Positivismo e o Exército Brasileiro**. In: NPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza, CE. p. 01-09.

BELLINTANI, Adriana Lop. **Relações França-Brasil:** o legado da Missão Militar Francesa (1920-1940) para o Exército Brasileiro. Revista Meridiano 47 – Journal of Global Studies, Brasília - DF, volume 17, 2016. p. 01-17.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **História do Exército Brasileiro.** Brasília-DF: 1972. 3 volumes.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **A história do Estado-Maior do Exército**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

CASTELLO BRANCO, Humberto de Alencar. **Seu pensamento militar**. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 1968. Conferência proferida em 19 de setembro de 1955.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO EXÉRCITO. **Missão Militar Americana: cooperação Brasil x USA**. Relatórios ministeriais. Brasília, 1985.

COSTA, Rodrigo Barbosa Bastos. **A influência estrangeira na evolução da doutrina militar terrestre e suas consequências para a atividade de inteligência militar**. Liderança Militar, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1/2, p. 63-72, 1./2. sem. 2006.

DENYS, Odylio. Renovação do Exército – Missão Indígena. **A Defesa Nacional**, n. 718, mar/abr 1985. pp. 5-18.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. **EsAO - evolução histórica (1920-1992)**. Rio de Janeiro.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. **Histórico da EsAO (1936-1954).** Rio de Janeiro.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. **Histórico da EsAO (1946-1965).** Rio de Janeiro.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **C 21-30: abreviaturas, símbolos e convenções cartográfica**s. 3. ed. Brasília, DF, 1992.
ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército Brasileiro. Perfil Militar de um Povo.** Rio de Janeiro/Brasília: EMFA, 1972. v.7.

FIGUEREDO, José de Lima. **Casernas e escolas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1945.

GARCIA, Eugenio Vargas. O pensamento dos militares em política internacional (1961-1989). **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 40, p. 18-40, abril de 1997.

GIGOLOTTI, João Carlos Jânio. **Estudo de História Militar** vol. 2 – da Idade Contemporânea: da fase Revolucionária ao século XX. Resende: AMAN – DE / História Militar, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

Glossário de termos e expressões para uso no Exército, 4ª edição, 2009, C20-1 EME.

JACQUES, Jair Marques. **Influências estrangeiras no exército**. 1990. Monografia (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1990.

KLEIN, Klauss Erich. **História Militar**. Resende, 2001. 1 Compact disc-room de História Militar.

JÚNIOR, Ludolf Waldmann. **A Marinha e a Aliança Brasil-Estados Unidos na Segunda Guerra Mudial**. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Lugares dos historiadores: Velhos e Novos desafios, 27 a 31 de julho de 2015, Florianópolis, SC.

LATFALLA, Giovanni. **O general Góes Monteiro e as negociações militares Brasil-Estados Unidos - 1938/1942.** Rio de Janeiro, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1991.

MC CANN, Frank D. **Influência estrangeira no Exército Brasileiro**. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, n. 717, p 83-117, 1985.

MAGALHÃES, João Batista. **A Evolução Militar do Brasil.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

MORAES, João Quartim de. **A Tutela Militar**. São Paulo: Vértice, 1987.

NETTO, Júlio Teodorico Nascimento. **A Influência da doutrina norte-americana na ECEME.** 2002. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, Dennison de. **Relações Internacionais Militares Brasil-EUA na Segunda Guerra Mundial:** O Caso das Comissões Militares Conjuntas. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Lugares dos historiadores: Velhos e Novos desafios, 27 a 31 de julho de 2015, Florianópolis, SC.

PAULA, Luiz Carneiro de (Org). **História militar brasileira I:** do período colonial ao monárquico: Armando de Senna Bittencourt... [et al.]; design instrucional Marina Cabeda Egger Moellwald. – Palhoça: UnisulVirtual, 2009. 306 p.

PAULA, Luiz Carneiro de (Org). **História militar geral II:** as guerras de Napoleão ao século XXI: Armando de Senna Bittencourt...[et al.]; design instrucional Marina Cabeda Egger Moellwald. – Palhoça: UnisulVirtual, 2010. 237 p.

RODRIGUES, Fernando da Silva. **As relações militares brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial.** Revista Brasileira de História Militar. v.1, p.1 - 80, 2012.

RODRIGUES, Fernando da Silva. **Da Chegada da Missão Militar no Brasil em 1936 à Dominação Total da Influência doutrinária do Exército do Tio Sam no Exército do Zé Carioca**. Cadernos da Fadel. v.1, p.1- 15, 2008.

RODRIGUES, Fernando da Silva. **O Posicionamento Militar Brasileiro Durante a Segunda GUERRA Mundial:** A Aproximação com a Alemanha e o Alinhamento com os Estados Unidos Da América (1934-1942). Revista da Escola Superior de Guerra, v. 27, n. 54, p. 7-15, jan./jun. 2012.

ROESLER, Rafael**. A Missão Indígena e sua Atuação na Escola Militar do Realengo (1919-1922)**. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Lugares dos historiadores: Velhos e Novos desafios, 27 a 31 de julho de 2015, Florianópolis, SC.

SILVA, André Luiz Reis da. **As relações entre o Brasil e os Estados Unidos durante o regime militar (1964-1985).** Revista Ciências e Letras, n. 37, p. 251-278, jan./jun. 2005.

SILVA, Daniel Albino da. **A dialética de doutrinas francesa e norte-americana no Exército Brasileiro:** o caso da Força Expedicionária Brasileira. 2015. 204 f.. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Henrique Manoel da. **FRONTEIREIROS -** As condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. A região de Katueté, no Departamento de Canindeyú – 1970 – 2000**.** 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

STUMPF, Derli Junior. **Encontrando um novo Mefisto**: a Americanização do Exército Brasileiro e a revista A Defesa Nacional, 1942-1950. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo. Rio Grande do Sul, 2010.

SVARTMAN, Eduardo. **Guardiões da nação:** formação, ideias e engajamento político dos generais de 1964. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.